

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TRIÂNGULO MINEIRO - *CAMPUS* UBERABA
Programa de Pós Graduação em Educação Tecnológica
Mestrado Profissional em Educação Tecnológica**

ALCIONE BONONI PAIVA MIRANDA

VOZES DOS APRENDIZES: os sentidos do trabalho e da formação profissional a partir da percepção dos egressos de uma instituição formadora em Uberaba-MG

**Uberaba - MG
2022**

ALCIONE BONONI PAIVA MIRANDA

VOZES DOS APRENDIZES: os sentidos do trabalho e da formação profissional a partir da percepção dos egressos de uma instituição formadora em Uberaba-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação nível *Stricto Sensu* – Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – *Campus* Uberaba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia – Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Claytom F. Brettas

**Uberaba - MG
2022**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Referência do IFTM –
Campus Uberaba-MG

M672v Miranda, Alcione Bononi Paiva
Vozes dos aprendizes: os sentidos do trabalho e da formação profissional a partir da percepção dos egressos de uma instituição formadora em Uberaba-MG / Alcione Bononi Paiva Miranda – 2022.
142 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Tecnológica)-
Instituto Federal do Triângulo Mineiro- Campus Uberaba- MG, 2022.

1. Educação. 2. Formação profissional. 3. Jovem aprendiz. 4. Lei de aprendizagem. 5. Sentidos. 6. Trabalho. I. Brettas, Anderson Claytom Ferreira. II. Título.

CDD 371.12

ALCIONE BONONI PAIVA MIRANDA

Vozes dos Aprendizes: os sentidos do trabalho e da formação profissional a partir da percepção dos egressos de uma instituição formadora em Uberaba-MG

FOLHA DE APROVAÇÃO DEFESA DISSERTAÇÃO

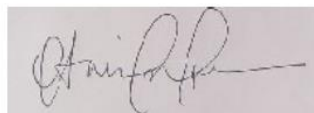
Data da aprovação: 29/06/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:



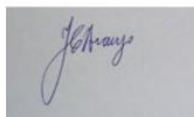
Presidente e orientador:

Prof. Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas
IFTM Campus Uberaba



Membro Titular

Prof. Dr. Otaviano José Pereira
IFTM Campus Uberaba



Membro Titular

Prof. Dr. José Carlos de Souza Araújo
Uniube

Local: Sala de Videoconferência - Google Meet

Aos meus pais Valter e Fátima, minha base.

Às minhas irmãs Lívia e Lídia, minhas inspirações.

Ao meu esposo Frederico, meu melhor parceiro de jornada.

Aos meus filhos Mateus e Lucas, meu tudo.

À Deus, Senhor de todas as coisas.

DEDICATÓRIA PÓSTUMA

Ah! Maria...
Você que foi pura alegria.
Representante fiel desta juventude.
Seus olhos irradiavam luz...
Você que foi toda encanto.
Que divertiu e fez todos a sua volta sorrirem.
Fico feliz por tê-la conhecido.
Você cumpriu sua missão aqui.
Aos que comungam como eu, você está
desenvolvendo outros aprendizados em
busca da sua progressão espiritual.
Receba meu abraço, minhas orações.
Pois sempre que esperarçar por um futuro
melhor para nossos jovens será por você

*Maria Vitória Santos Severino.*¹

★ 08/02/2001

✝ 15/10/2020

¹ Maria Vitória Santos Severino ingressou no PJA na FETI em 2018, tendo concluído seu contrato em 2019. A Jovem envolveu-se em um acidente de trânsito, na ocasião conduzia uma moto que se chocou com um ônibus do transporte coletivo, vindo a óbito.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é o mais nobre sentimento, daquilo que foi, do que está por vir.

E por este motivo tenho eterna gratidão àqueles que me receberam em um lar riquíssimo em respeito e amor, a vocês Valter e Fátima, minha base.

Gratidão as minhas queridas irmãs, Livia e Lídia pelo companheirismo e amizade.

Gratidão ao meu esposo Frederico pela caminhada, pelas vitórias e aprendizados diários.

Gratidão aos meus presentes da vida Mateus e Lucas que são meu coração batendo fora do peito.

Gratidão aos meus cunhados, Edson pela generosidade em partilhar conhecimento e Guilherme pela torcida sincera.

Gratidão aos pequenos Artur, Beatriz e Gabriel meus sobrinhos queridos.

Gratidão aos meus sogros Eurípedes e Catarina, professores na profissão e na vida.

Gratidão aos servidores da Fundação de Ensino Técnico Intensivo Dr. Renê Barsam por oportunizar aos colaboradores e aos jovens a melhor experiência de aprendizagem.

Gratidão Sônia Manzan por ser a pessoa que é, verdadeira e amiga, você é um anjo na vida de muita gente e nem sabe disso.

Gratidão aos jovens que tive o maior orgulho em conhecer e conviver nestes dois anos e meio na FETI.

Gratidão especial aos egressos que participaram deste trabalho abrindo o seu coração.

Gratidão aos professores queridos do MPET, vocês inspiram e honram a beleza e o privilégio de ensinar.

Gratidão especial ao meu orientador Prof. Dr. Anderson Brettas, pela empatia em todos os árduos processos deste percurso

Gratidão aos membros desta banca, pelas palavras e apontamentos necessários.

Gratidão aos colegas da Turma VI, nós somos, com toda a certeza a *melhor turma*.

Gratidão aos colaboradores do IFTM *campus* Uberaba que trabalham, incansavelmente, para que a educação possa ser transformadora.

Gratidão aos amigos que trago como precioso tesouro e sei que torcem por mim, mesmo distantes.

Agradeço a Deus, Senhor do Universo, pela vida, a cada despertar e em todos os momentos que posso estar com aqueles que amo.

Gratidão!... Gratidão!... Gratidão!

Pelos frutos

*Nem pelo tamanho;
nem pela configuração;
nem pelas ramagens;
nem pela imponência da copa;
nem pelos rebentos verdes;
nem pelas pontas ressequidas;
nem pelo aspecto brilhante;
nem pela apresentação desagradável;
nem pela vetustez do tronco;
nem pela fragilidade das folhas;
nem pela casca rústica ou delicada;
nem pelas flores perfumadas ou inodoras;
nem pelo aroma atraente;
nem pelas emanções repulsivas.*

*Árvore alguma será conhecida ou amada pelas aparências exteriores,
mas sim pelos frutos, pela utilidade, pela produção.*

Assim também nosso espírito em plena jornada...

*Ninguém que se consagre realmente à verdade dará testemunho de
nós pelo que parecemos, pela superficialidade de nossa
vida, pela epiderme de nossas atitudes ou expressões individuais
percebidas ou apreciadas de passagem, mas sim pela substância
de nossa colaboração no progresso comum, pela importância de
nosso concurso no bem geral.*

– Pelos frutos os conhecereis” – disse o Mestre.

– “Pelas nossas ações seremos conhecidos” – repetiremos nós.

(XAVIER [Emmanuel], 1956, p. 19)

RESUMO

A pesquisa objetivou analisar a partir da fala dos egressos do Programa Jovem Aprendiz – PJA, o que demonstram sobre os sentidos e significados do trabalho e da formação, se existem e quais são os impactos causados em sua trajetória enquanto assistidos por uma instituição formadora na cidade de Uberaba-MG em consonância com a Lei de Aprendizagem nº 10.097/00. Pretendeu ainda: (i) apresentar a legislação acerca do PJA, como política pública de inserção ao primeiro emprego dirigida aos jovens, identificando quais as motivações que os levaram a procurar o programa; (ii) levantar e destacar qual o sentido do trabalho para esse jovem e quais atitudes valoriza em se tratando das relações para o mundo do trabalho; (iii) verificar suas expectativas relativamente ao desenvolvimento da carreira, a continuidade nos estudos e perspectivas profissionais; (iv) apresentar, a partir das análises obtidas, qual a impressão sobre os conflitos e contribuições do PJA que culminem na manutenção e melhoria da política vigente. Quanto aos materiais e métodos a pesquisa é aplicada e caracteriza-se como qualitativa, quanto aos objetivos tem cunho exploratório e descritivo e quanto aos procedimentos é bibliográfica. Os estudos de Saviani (2003; 2007), Frigotto (2001; 2004), Mészáros, Dayrell ([1930] 2008) e Abramo (1994; 1997) são algumas contribuições essenciais para as reflexões produzidas quanto aos temas trabalho, capital e os fenômenos das relações sociais. Apoiar-se nas obras do escritor espanhol Jorge Larrosa para compreender os sentidos/experiências, a partir das falas dos egressos, e as percepções que trazem dos significados produzidos na primeira experiência profissional no mundo do trabalho. A entrevista foi a técnica utilizada quanto a coleta dos dados, sendo a amostragem por acessibilidade ou conveniência, onde os jovens egressos do programa foram contatados, a princípio, pelas redes sociais. A instituição formadora *locus* desta pesquisa é a Fundação de Ensino Técnico Intensivo Dr. Renê Barsam situada na cidade de Uberaba-MG, entidade qualificada para a formação técnico-profissional metódica para ministrar cursos de aprendizagem validados pelo Ministério da Economia. Concluiu-se doravante os dados apresentados que a partir de um determinado momento estes jovens buscam alternativas que possam lhe proporcionar renda, seja para contribuir no sustento da família ou para o que seria o início de sua independência financeira, sendo o PJA uma alternativa de formalizar e garantir seus direitos trabalhistas para que não estejam expostos a ocupações que ofereçam riscos a sua integridade física e mental. A maioria dos egressos relata o quão importante foi o contato social, enfatizam que desenvolveram habilidades de comunicação, capacidade de relacionamento e maturidade. A partir do entrelaçamento da teoria e prática demonstraram que houve um despertar sobre a carreira profissional pela oportunidade de vivenciarem esta experiência. De maneira geral, fica evidente neste trabalho que os significados, a partir da convivência coletiva destes jovens proporcionam sentidos que são únicos, perceptíveis e de extrema importância para esta etapa em suas vidas.

Palavras-chaves: Educação. Formação Profissional. Jovem Aprendiz. Lei de Aprendizagem. Sentidos. Trabalho.

ABSTRACT

The research aimed to analyze from the discourse of the alumni of the Youth Apprentice Program – YAP, what they manifest about the sense and meanings of work and about formation, whether there are and which are the impacts lived in their trajectory while they are assisted by a training institution in the Uberaba-MG city, which aligns with the Apprenticeship Law n. 10.097/00. Furthermore, the research intended to: (i) present the legislation concerning YAP, such as public policy for insertion in the first job to young people, identifying their motivations to seek the program; (ii) raise and highlight what the work is meant for this youth and which behaviors he valorizes concerning the relationships in the work world; (iii) verify their expectations regarding career development, continuity of studies, and professional prospects; (iv) present, based on the obtained analysis, what is the perception about the YAP's conflicts and contributions, which result in the maintenance and improvements of the current policy. Concerning materials and methods, this research is applied and characterized as qualitative. Regarding goals, it is exploratory and descriptive. Concerning the procedures, it is characterized as bibliographic. The studies of Saviani (2003; 2007), Frigotto (2001; 2004), Mészáros, Dayrell ([1930] 2008), and Abramo (1994; 1997) are some essential contributions to the reflections performed on the themes of work, capital, and phenomena of social relations. It is based on the work of the Spanish writer Jorge Larrosa to understand the meanings-experiences from the speeches of the alumni, and the perceptions carried out from signifies produced by them in the first professional experience in the work world. In order to collect the data, the technique used was the interview. The sampling was constructed through accessibility and convenience. For this, the program's youth were initially contacted by social media. The formation institution locus of the present research is the Intensive Technique Teaching Foundation Dr. Renê Barsam located in Uberaba-MG city, entity authorized for methodical technical-professional training to teach learning courses validated by Ministry of Economy. The conclusion achieved faced to data presented shows that from a certain moment the youth look for alternatives that can provide them with income either to contribute to the sustenance of their family or to start their financial independence. In such a way, the YAP is an alternative to formalizing and guaranteeing their labor rights. Besides, it regulates the activities performed by the youth to avoid expositions and occupations that can bring risks to physical and mental integrity. The majority of alumni report how important social contact was, emphasizing that they developed communication skills, relationship skills, and maturity. Since the crossing between theory and practice, it is possible to demonstrate that occurred an awakening concerning the professional career rises from the opportunity to live such an experience. In general, it is evident in this work that the meanings, acquired from the collective coexistence of these youth, provide a sense that is unique, perceived, and extremally important for this stage of their lives.

Keywords: Education. Professional Formation. Youth Apprentice. Apprenticeship Law. Senses. Work.

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|----------|---|
| CBO | Código Brasileiro de Ocupações |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CLT | Consolidação das Leis Trabalhistas |
| CNAP | Cadastro Nacional de Aprendizagem Profissional |
| CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| CONAP | Catálogo Nacional de Programas de Aprendizagem Profissional |
| CTPS | Carteira de Trabalho e Previdência Social |
| Dr. | Doutor |
| ECA | Estatuto da Criança e do Adolescente |
| EAFs | Escolas Agrotécnicas Federais |
| EJ | Estatuto da Juventude |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| ETFs | Escolas Técnicas Federais |
| FETI | Fundação de Ensino Técnico Intensivo |
| FIES | Fundo de Financiamento Estudantil |
| IES | Instituição de Ensino Superior |
| IP | Iniciação Profissional |
| IPEA | Instituto de Pesquisa Aplicada |
| LDBEN | Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional |
| MBA | Master of Business Administration |
| MPET | Mestrado Profissional em Educação Tecnológica |
| NURC/PUC | Norma Urbana Linguística Culta/Pontifícia Universidade Católica |
| PJA | Programa Jovem Aprendiz |
| PNAD | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios |
| PNPE | Programa Nacional do Estímulo ao Primeiro Emprego |
| PPP | Projeto Político Pedagógico |
| PROBEM | Programa do Bem Estar do Menor |
| PROUNI | Programa Universidade para Todos |
| SENAC | Serviço Nacional do Comércio |
| SENAI | Serviço Nacional da Indústria |
| SRTb | Superintendência Regional do Trabalho |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |

| | |
|------|--|
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| UFTM | Universidade Federal do Triângulo Mineiro |
| UPT | Uberaba Parque Tecnológico |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Distribuição percentual dos jovens de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não tinham concluído o ensino superior, por sexo e principal motivo de que pararam de estudar ou nunca estudaram – Brasil – 2019. | 52 |
| Figura 2 - Distribuição percentual dos jovens de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não tinham concluído ensino superior, por motivo de não estudar, segundo a situação do domicílio e os quintos populacionais de rendimento mensal domiciliar <i>per capita</i> – Brasil – 2019. | 53 |
| Figura 3 - Nuvem de palavras produzidas a partir das respostas da questão 5 – O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar? | 82 |
| Figura 4 - Nuvem de palavras produzidas a partir das respostas da questão 9 – Complete a frase: O trabalho tem sentido se... .. | 88 |

QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Resumo da Lei 10.097/2000. | 56 |
| Quadro 2 - Dados dos trabalhos selecionados para a revisão de literatura..... | 64 |

TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Resultado da Pesquisa Bibliográfica realizada nas Bases de Dados – últimos 5 anos. | 63 |
| Tabela 2 - Escolha do método de pesquisa..... | 68 |
| Tabela 3 - Escolha do instrumento e técnica de pesquisa..... | 69 |
| Tabela 4 - Base de dados e total de citações..... | 69 |
| Tabela 5 - Artigos por área de publicação..... | 70 |

GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - Total de artigos recuperados por base de dados..... | 62 |
| Gráfico 2 - Total de artigos analisados por base de dados | 62 |
| Gráfico 3 - Total de artigos selecionados e ano de publicação. | 63 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| TRAJETÓRIAS DA AUTORA..... | 14 |
| INTRODUÇÃO | 21 |
| CAPÍTULO 1 - JUVENTUDE E TRABALHO: UM BREVE APONTAMENTO HISTÓRICO..... | 34 |
| 1.1 AS JUVENTUDES..... | 34 |
| 1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL..... | 39 |
| CAPÍTULO 2 – O MUNDO DO TRABALHO E O JOVEM APRENDIZ | 46 |
| 2.1 OS ENTRAVES DAS (RE)FORMULAÇÕES PARA O MUNDO DO TRABALHO..... | 46 |
| 2.2. A TENUIDADE DO ENLAÇO ESCOLA E TRABALHO: UM BREVE RELATO BRASILEIRO..... | 48 |
| 2.3 A LEGITIMAÇÃO DANOSA DO TRABALHO INFANTO-JUVENIL..... | 50 |
| 2.4 A LEI DE APRENDIZAGEM Nº 10.097/00..... | 53 |
| 2.5 O PROGRAMA DE APRENDIZAGEM E A INSTITUIÇÃO FORMADORA..... | 58 |
| CAPÍTULO 3 - REVISÃO DA LITERATURA | 61 |
| CAPÍTULO 4 – DA ANÁLISE DOS DADOS | 72 |
| 4.1 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DO MATERIAL E MÉTODOS UTILIZADOS..... | 73 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 91 |
| REFERÊNCIAS | 96 |
| APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA | 104 |
| APÊNDICE B - TRANSCRIÇÕES | 105 |
| TRANSCRIÇÃO N. 1 – ABÍLIO | 105 |
| TRANSCRIÇÃO N. 2 – VIRGÍLIO | 108 |
| TRANSCRIÇÃO N. 3 – DEOLINDA | 110 |
| TRANSCRIÇÃO N. 4 – CIRILO..... | 113 |
| TRANSCRIÇÃO N. 5 – CRISPIM | 116 |
| TRANSCRIÇÃO N. 6 – QUITÉRIA | 119 |
| TRANSCRIÇÃO N. 7 – OFÉLIA..... | 122 |
| TRANSCRIÇÃO N. 8 – FAUSTINO | 124 |
| TRANSCRIÇÃO N. 9 – ULISSES | 127 |
| ANEXO I – PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA | 130 |
| ANEXO II – LEI DE APRENDIZAGEM Nº 10.097/00 | 140 |

Trajetórias da autora

Não sei quantas almas tenho.

Não sei quantas almas tenho.

Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem achei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,

Torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo

É do que nasce e não meu.

Sou minha própria paisagem,

Assisto à minha passagem,

Diverso, móbil e só,

Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo

Como páginas, meu ser

O que segue não prevendo,

O que passou a esquecer.

Noto à margem do que li

O que julguei que senti.

Releio e digo: «Fui eu?»

Deus sabe, porque o escreveu.

Fernando Pessoa (1973).

Pensar na trajetória, como tudo ocorreu, como cheguei até aqui, acredito que seja o momento mais marcante de todos, isso porque na maioria das vezes somos impulsionados por uma vontade ou pelas circunstâncias e no dia a dia não paramos para pensar ao certo o que nos fez chegar aonde estamos.

Na verdade, eu pude voltar mais longe, nos anos que relativamente mostrariam o que mais tarde seriam minhas ocupações profissionais, lembro-me ainda das brincadeiras de criança, filha única até os sete anos, onde recordo-me das predileções dos brinquedos, as bonecas serviam-me como espectadoras das aulas que entoava num pequeno quadro e giz colocados na área de casa, as lições eram as mais diversas. Avançando no tempo tive o meu escritório, meu pai, muito caprichoso, tratou de construir uma pequena calculadora de madeira, pintou-a de azul, os números foram providenciados por mim, feitos com recorte de papel e colados, imitavam todas as teclas possíveis. Assim eu passava a maioria das minhas tardes depois das lições.

Iniciei os estudos quando já completaria 7 anos, ingressei numa série que à época recebia o nome de “pré-escolar”, na Escola Estadual Santa Terezinha que ficava bem próxima

à casa de meus pais. O percurso podia ser feito caminhando. Lá fiz até a quarta série primária. Neste prazo, ganhei duas irmãzinhas. Aprendi a cuidar, a dividir, a diferença de idade não contribuiu para que pudéssemos ter os mesmos interesses, só muito mais tarde pude compreender como é bom ter essa companhia fraternal.

No ano que seguiria para a quinta série, precisei transferir-me para uma outra escola, por sorte também muito próxima à minha residência. A Escola Municipal Boa Vista oferecia o primeiro grau (5ª à 8ª série) e dois cursos técnicos a nível de segundo grau. No período matutino era ofertado o curso de Magistério, onde se preparavam para a profissão de professor das séries iniciais. Era de uma certa curiosidade à época a concorrência pelas vagas e sua composição, quase a totalidade eram moças. No período noturno, na mesma instituição era oferecido o curso de Técnico em Contabilidade, pelo qual optei. Foram três anos, o primeiro apresentava matérias básicas que permitiam ao aluno trocar para os cursos de magistério ou colegial sem prejuízo de conteúdo, os outros dois anos eram matérias específicas para a profissão de Técnico em Contabilidade, o qual concluí em dezembro de 1996.

Lembro que a opção por um destes dois cursos ofertados Magistério e Técnico em Contabilidade era grande, sendo que aqueles que não tinham uma perspectiva de ingresso rápido no ensino superior poderiam se profissionalizar e buscar um emprego, para logo mais, pleitear o diploma da graduação. Conheci pessoas que após terminarem o magistério abriram sua própria unidade escolar de ensino infantil, e que hoje tem um nome consolidado nesse mercado na cidade. Conheço alguns colegas da época do curso técnico que montaram seus escritórios e dedicam-se até hoje à profissão de Contabilista.

Logo que me formei Técnica em Contabilidade, fiz estágio em uma empresa terceirizada do grupo Algar, foram doze meses, onde experienciei contato prático com relatórios e documentos fiscais que antes eram mostrados somente na teoria. Assim que terminou o prazo do estágio, havia participado de um processo seletivo no Senac de Uberaba, e há exatamente um mês de novas buscas por uma oportunidade de trabalho, fui chamada para assumir uma vaga no setor administrativo. Inicialmente me inteirei do departamento que cuidava das finanças da regional, foi uma verdadeira escola, passei por muitos setores, fiz de tudo um pouco.

Em casa, éramos cinco. Minha mãe não trabalhava fora, sempre cuidou do lar e da família. O sustento sempre veio do trabalho fixo do meu pai e muitas vezes era complementado por trabalhos autônomos que desempenhava como desenhista e serigrafista, contando sempre, neste caso, com a ajuda de mamãe. O orçamento era muito apertado, por isso, não poderia pensar em uma faculdade particular contando com a ajuda deles. Nessa

época não eram muitas as ofertas de instituições e cursos que presenciamos hoje, os preços eram altos e as vagas muito concorridas.

Sentia que faltava algo para acrescentar em minha formação técnica que pudesse agregar e ajudar a conquistar outros postos de trabalho, com maior responsabilidade e autonomia. Como, neste momento, já possuía um emprego que me proporcionava a possibilidade financeira de me graduar, me inscrevi no vestibular para o curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro, a única a oferecer o curso pretendido à época na cidade. Aprovada, iniciei meus estudos em 2001.

Durante quatro anos, dediquei-me aos estudos noturnos e ao trabalho em horário comercial. Esse desdobramento é uma realidade para muitos jovens brasileiros que necessitam auxiliar em casa e ter sua independência financeira. Muitos finais de semana eram destinados às atividades acadêmicas, mas, em nenhum momento a dúvida me indagou sobre a escolha que fiz. Esse período foi muito marcante para mim, realmente representava uma mudança, era algo que muitas vezes me pareceu distante. Aproveitei ao máximo as conversas com cada professor que apresentava suas experiências, meus colegas de turma também somaram muito. Em um curso noturno, a maioria das pessoas já tem suas atividades profissionais e buscam acrescentar à sua experiência e alcançar novas ocupações. Tornei-me bacharel em Ciências Contábeis em dezembro de 2004.

Tão logo me formei, mudei de emprego, fui ser responsável contábil em uma cooperativa de crédito recém-inaugurada na cidade. Não fiquei muito neste seguimento, era um negócio novo e as pessoas que a comandavam também pareciam não ter uma forma para assegurar a alavancagem do negócio.

Há exatos seis meses transcorridos da formatura fui convidada para estar pela primeira vez em sala de aula como professora de um curso de qualificação profissional em auxiliar de contabilidade, na mesma instituição que outrora me proporcionou tanto aprendizado, o Senac. Encarei o desafio, e muitos outros cursos e novas possibilidades profissionais vieram a partir deste.

Para me especializar mais, em 2006 fiz um MBA em Gestão Empresarial, outra área ligada à minha formação e que me agrada muito. Em 2007 fui contratada pela Faculdade de Talentos Humanos – Facthus, uma instituição de ensino superior, trabalhei na área administrativa e, no mesmo ano, recebi o convite para ministrar aula de contabilidade em três cursos (administração, contabilidade e sistemas de informação). Recentemente, fui contatada para ministrar dois módulos em cursos de pós-graduação como professora convidada.

Em 2014 estive como tutora no curso técnico em Serviços Públicos do Instituto Federal do Triângulo Mineiro – *campus* UPT em parceria com a Rede e-Tec Brasil. Desde 2015 até a presente data estou como docente nos cursos de graduação de administração e ciências contábeis da Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro.

Em 2017 concluí outro MBA em Controladoria e Finanças. Neste mesmo ano fui chamada pelo processo seletivo que havia participado na Fundação de Ensino Técnico Intensivo Dr. Renê Barsam (FETI), que é uma fundação instituída por Lei Municipal. Na FETI estive como professora de ensino técnico profissionalizante de áreas administrativas. Ministrei vários conteúdos ligados ao mercado de trabalho e qualificação de jovens a partir dos 14 anos de idade, que buscam em sua maioria, a primeira oportunidade de emprego. Nesta instituição tive um contato mais próximo com as *juventudes*, e de uma certa forma acredito que também compreendi um pouco mais da vida ao me deparar com tantas realidades diferentes, o quanto aqueles jovens com tão pouca idade já passaram em questões de família e de vida. Aos poucos me envolvi mais e tornou-se crescente o interesse em pesquisar esse sujeito.

Acredito que pelo público assistido na fundação, jovens entre 14 a 24 anos, onde muitas dessas famílias são beneficiadas por alguma política pública governamental, mesmo que não seja a essência da instituição o caráter assistencialista acaba por aparecer, mesmo que discreto. Passamos por momentos que foi preciso extrapolar a sala de aula, ajudar com uma palavra e até mesmo auxílio material. A cada nova turma sempre os via não como jovens em busca do primeiro emprego, mas sim, como pessoas que especulavam um caminho para sonhar e ansiavam por um direcionamento para realizar.

Não obstante compreender o papel de um professor à frente de uma sala de aula, com sua condição instrucionista, acredito que um bom profissional não se desenvolve somente com técnicas, ele se molda, inclusive, quando há a possibilidade de usar da empatia, tem bons exemplos e é grato por alguém ou alguma coisa.

Na minha família, desde o nascimento, foi passado a mim e às minhas irmãs o dever de ajudar o próximo, sem julgamento, sem distinção. Os preceitos da Doutrina Espírita nos acompanham e não nos fazem melhores que ninguém, porém nos deixa a reflexão que precisamos batalhar conosco, contra nossas próprias imperfeições. E assim, não há melhor maneira de ajudar à nós mesmos do que quando podemos doar-nos um pouquinho ao outro. Isso é válido para qualquer situação, tempo e lugar.

Esse é o meu anseio, contribuir de alguma forma, para que jovens cheios de expectativas possam se valorizar e compreender que somente a partir da educação podemos ser mais fortes em busca de uma sociedade mais igualitária e humana.

Entrar no mestrado era um desejo, uma vontade de me especializar e agregar mais à minha profissão. No primeiro semestre de 2019 participei do processo seletivo para a turma de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do IFTM (MPET). Foram três etapas, compostas por prova escrita, análise de pré-projeto e currículo, e entrevista. Finalmente em junho, apreensiva pelo resultado, comemorei a aprovação em primeiro lugar da linha de pesquisa I – Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia – Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica.

Ansiosa pelo início do semestre que ocorreu em agosto do mesmo ano, participamos da aula inaugural com a fala dos professores do programa. Aquele dia para mim também é algo que não vou esquecer. Estar ali com todas aquelas pessoas era surreal, uma mistura de medo e vontade. A cada apresentação de um futuro colega e professor eu pensava “é aqui que eu quero estar!”, e esse encantamento seguiu ao longo de todo o semestre que tínhamos aulas às quintas e sextas feiras o dia todo.

O *campus* Uberaba é um local agradabilíssimo, olhar ao redor e poder ver todo aquele verde, respirar aquele ar, é ter a oportunidade de reconectar-se com Ele. Sem a menor sombra de dúvidas, o melhor dia da semana para mim era quando chegava quinta-feira pela manhã.

Minha turma foi a sexta do programa MPET, éramos treze discentes em sala, cada um vindo de uma área profissional, com experiências distintas e fantásticas. A cada fala deles eu observava e me sentia privilegiada em pertencer a um grupo tão seletivo de pessoas. Tínhamos um convívio intenso nesses dois dias, pela distância do *campus* para a cidade e pelo pouco tempo de intervalo, a maioria almoçava no bandeirão do refeitório. Um momento maravilhoso, uma pauta diversificada de assuntos e brincadeiras, assim retornávamos mais leves para a segunda etapa do dia.

Nesse primeiro período tivemos quatro disciplinas obrigatórias. Em Epistemologia e Ciência da Educação com o Prof. Dr. Geraldo Gonçalves de Lima. Na ocasião conhecemos diversos filósofos e suas ideias, quanta coisa atual dita há muitos séculos, encantei-me com os temas que outrora nem pensaria em especular. Era tanta descoberta que me instiga buscar por conta própria mais base desse conhecimento que está implícito em nosso dia a dia.

Na disciplina de Seminários de Pesquisa I, com o Prof. Dr. Welisson Marques, conhecemos sobre as delimitações, estratégias, normas e estrutura de um TCC, apresentamos

nosso projeto de entrada no programa, adequando-o às regras e recebemos um *feedback* que por ora foi muito importante para repensarmos vários pontos de melhoria.

Na disciplina Metodologia e Pesquisa em Educação Tecnológica, com o Prof. Dr. Otaviano José Pereira, tivemos contato com muitos textos espetaculares, de uma profundidade ímpar embasada na práxis, com reflexões compartilhadas pelo professor em toda a sua generosidade que tocou profundamente a todos, reforçando que somos parte de um grupo de pessoas que luta todos os dias em sala de aula por uma educação omnilateral.

Em Tecnologia, Informática e Comunicação na Educação, com o Prof. Dr. André Souza Lemos, analisamos essa tríade e sua relação na sociedade de controle atual, mascarada por uma pseudoliberalidade.

No mesmo dia que retornei das férias da FETI neste ano fui surpreendida com uma proposta para estar como professora de cursos à distância da Universidade de Uberaba – UNIUBE. Após conversa com a gestora dos cursos de gestão desta instituição ficou acertada minha admissão em fevereiro de 2020. Particularmente, acredito que pela experiência profissional que possuo na docência do ensino superior aliada ao ingresso no programa de mestrado, foram fatores que contribuíram para essa nova experiência.

O segundo período letivo do MPET foi iniciado em março de 2020, contando com duas disciplinas específicas e uma optativa.

A disciplina específica Filosofia da Ciência e da Tecnologia com o Prof. Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas, nos apresentou grandes obras de pedagogistas que são referência para o estudo da educação. Também foram mediados debates de bibliografias de John Locke, Jean Jacques Rousseau, John Dewey e István Mészáros, com apresentações realizadas pelos discentes e concluídas pelo professor.

A disciplina específica Ensino: Processos e Relações na Educação Tecnológica, com o Prof. Dr. Otaviano José Pereira, trouxe uma abordagem com fatos históricos e datas marcantes para a História da Educação Brasileira, sobre interesses partidários entre erros e acertos daquilo que conhecemos hoje como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.

A disciplina optativa Educação, Inovação Tecnológica e Trabalho com o Prof. Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas, fez um exame das crises sistêmicas do capitalismo, sendo que a educação neste sistema está voltada para atender suas necessidades de expansão e acumulação. Justamente neste contexto infere sobre a importância de ideias pedagógicas que sirvam de base para a construção do ser.

As orientações I e II estão sendo realizadas pelo Prof. Dr. Anderson Brettas, que me encanta pela forma profissional e humana que conduz todo o trabalho.

Iniciamos o segundo período do programa de maneira similar aos demais, porém, passadas duas semanas do início das aulas, fomos surpreendidos por regulamentos que proibiam as aulas presenciais, evitando a aglomeração devido à Pandemia da Covid-19 que se instalou em todo o mundo, tendo seus primeiros casos registrados no Brasil em fevereiro de 2020. Nossa rotina mudou! Todos nos adaptamos ao distanciamento social, porém, ainda não nos acostumamos com ele. As aulas eram transmitidas por plataforma que permite acesso simultâneo e possui ferramentas de interação, mas nada substitui o olhar, o abraço.

Sem uma perspectiva de mudança favorável de cenário retomamos o terceiro período do programa com aulas remotas, desta vez com o prof. Dr. Adriano Martins com a disciplina Seminários II, que foi de suma importância para elucidar algumas dúvidas para a conclusão do projeto e consequente apresentação da qualificação.

Minha banca de qualificação aconteceu em dezembro de 2021, composta pelos professores Dr. Otaviano José Pereira (membro interno); Dr. José Carlos de Souza Araújo (membro externo); Ms. Juno Alexandre Vieira Carneiro (membro interno); e o orientador desta pesquisa Dr. Anderson Clayton Ferreira Brettas. Após a exposição estrutural do trabalho recebi grandes contribuições que foram, em sua maioria, anotadas e agregadas ao trabalho em curso.

Após os ajustes necessários este projeto cumpriu os requisitos solicitados pelo CEP – Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM ligados a Plataforma Brasil e teve seu termo consubstanciado aprovado sob o nº 4.759.713 em 08 de junho de 2021. De imediato, a etapa de entrevistas começou a ser planejada e aconteceu por meio de plataforma virtual.

Estamos há mais de dois anos em um cenário pandêmico, neste momento várias adequações às restrições impostas inicialmente já foram realizadas. A mais recente é sobre a não obrigatoriedade do uso de máscaras em locais fechados, exceto ambientes de cuidados à saúde e transporte público.

No desfecho desse memorial, reitero que já não sou mais quem eu era, hoje me reconheço melhor, devo isso a tudo que tenho aprendido nas leituras, as proposições das reflexões e aos encontros ímpares dessa turma VI. Deixo registrado o meu carinho a cada colega e minha admiração a cada professor deste programa, que não medem esforços em apoiar-nos nessa jornada, a esta instituição que oferece um ensino público e de qualidade. Sou realmente muito grata a tudo e a todos, vocês fazem parte da minha trajetória.

INTRODUÇÃO

O olhar voltado para o estudo das *juventudes* ainda é latente por diversas áreas do conhecimento uma vez que o avanço é percebido diretamente no termo que hoje é mais comumente tratado no plural, devido as diversas considerações que fazem para entender onde está, em qual realidade vive, quais perspectivas permeiam o tempo desse jovem. Não são mais vistos como pertencentes a um mesmo grupo por sua idade, constroem seu modo de ser jovem, pois sabe-se que tudo o que está ao seu redor interfere positiva ou negativamente para delimitar esse estágio. Quanto mais avança em termos cronológicos, deixando a infância e aproximando-se efetivamente do jovem que aspira por perspectivas autônomas, suas necessidades e vontades mudam, anseiam por independência, desejam ajudar a família e projetam seu futuro.

Porquanto é importante salientar que não é encontrada na legislação e na literatura uma concordância para a delimitação das fases cronológicas da juventude. Segundo o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069/1990, art. 2º, para efeitos da Lei, considera-se criança a pessoa até os 12 anos incompletos. Conforme o EJ - Estatuto da Juventude, jovem é aquele que compreende a idade entre 15 a 29 anos, conforme art. 1º, §1º da Lei nº 12.852/2013 (BRASIL, 2019).

Papalia e Feldman (2013, p. 386) em seus estudos sobre o desenvolvimento humano consideram adolescência “o período que compreende as idades entre 11 e 19 ou 20 anos”. Entretanto, Veríssimo (2002, p. 19) apresenta o que Erik Erikson² infere como sendo a “moratória psicossocial” que compreende a idade entre os 13 até os 21 anos onde se destaca a “busca por uma identidade e o valor da impressão causada aos outros”. O mesmo autor também designa o período que chama de “maioridade jovem” ou “adulto jovem” onde estabelece uma faixa etária dos 21 até próximo aos 40 anos.

Para efeitos deste estudo, considerar-se-á a faixa etária que compreende as idades entre 14 a 24 anos conforme art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) para atendimento a Lei de Aprendizagem nº 10.097/2000 (BRASIL, 2018).

Assim sendo, é possível observar que as marcações não ilustram cronologicamente e de forma clara quando começa uma fase e termina outra. Talvez seja justamente por não haver consenso e porque devem ser observadas questões mais apuradas e de maneira mais

² Nascido na Alemanha (1902 – 1994), era psicólogo e psicanalista, desenvolveu diversos estudos sobre o desenvolvimento psicossocial dos seres humanos, teorias sobre o ciclo vital traçando aspectos importantes sobre a identidade.

individualizada, que compreendam a que esse jovem está exposto, quais suas perspectivas, como reage as situações impostas pela vida construindo seu caminho e formando-se enquanto cidadão, questões que serão edificadas em seu convívio social.

Outro ponto também importante é o que apresenta Villas e Nonato citando que a

realidade e as possibilidades não são iguais para aqueles de diferentes classes sociais, raça/etnia e gênero. Assim, cada sujeito vai desenhando seus projetos de futuro dentro do campo de possibilidades que – além das demarcações objetivas – também é limitado e/ou potencializado dependendo do grupo ao qual pertence (VILLAS; NONATO, 2014, p. 22).

Quando se utiliza a expressão *jovem* é comum que muitos já tenham uma imagem construída, e isso talvez seja o que mais dificulte na maneira de entendê-los. Os vários estereótipos imaginados levam mais comumente para o quimérico do jovem irresponsável, inconsequente e que não pensa no futuro. Há também o idealismo do jovem que segue seus estudos, escolhe um direcionamento profissional e mais tarde forma sua família. Ou ainda aquele que prolonga essa fase e tem a sensação da juventude eterna, onde cada momento precisa ser aproveitado como se fosse o último.

Corroborando com esse contexto, Dayrell (2003, p. 40) defende que uma das imagens “mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente”.

Todavia, quando se tem a oportunidade de estar mais próximo a eles, também é notável aqueles que se destacam pela sua determinação, esforço, disposição, responsabilidade. Talvez, porque como em qualquer fase da vida eles buscam respostas, têm medo, e talvez a forma mais fácil de traduzir seus sentimentos seja chamando atenção para o que querem expressar, através de comportamentos que fogem àqueles socialmente aceitos como corretos. Assim, Dayrell (2003, p. 41) explica que “nessa visão, a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos”.

Para Soares (2018) as condições que se apresentam na juventude não são do presente, a sociedade tenta preencher de uma forma desordenada as lacunas que se conhece a tempos.

Sua visibilidade vem de sua vulnerabilidade, de sua presença como sujeitos sociais, culturais, vivenciando tempos da vida sobre os quais incidem de maneira peculiar, o desemprego e a falta de horizontes; como vítimas da violência e do extermínio e das múltiplas facetas da opressão e exclusão social. As carências escolares se entrelaçam com tantas carências sociais (SOARES, 2018, p. 22).

Outra discussão muito presente no cenário juvenil é sobre a inserção do jovem no mundo do trabalho. Nesse momento de transição da vida do jovem entre a conclusão do ensino médio regular e sua qualificação/preparação para o mercado de trabalho, o primeiro emprego surge como uma alternativa. Aqueles que não se inseriram imediatamente em Universidades ou Institutos Federais ou em outras Instituições de Educação Superior, por não conseguirem média para aprovação nos processos seletivos ou questões socioeconômicas, imaginam que o ensino público e de qualidade está fora de cogitação, portanto, veem no trabalho a possibilidade de financiar seus estudos.

Além disso é preciso considerar que esse momento também é de projetar o futuro sem deixar de viver o presente. O que acontece é que pela dinâmica dos acontecimentos na contemporaneidade o futuro está logo ali, mas pode esperar, e o hoje para a juventude também tem seus atrativos que permeiam o imaginário, assim como elucida Villas e Nonato

Os planejamentos, sonhos e projeções não deixaram de existir, mas estão cada vez mais relacionados a eventos e acontecimentos de curtíssimo prazo: a festa do final de semana, a prova de amanhã, o encontro de hoje à noite. O ano que vem parece longe demais para se tornar uma preocupação do agora (VILLA; NONATO, 2014, p. 25)

Os padrões de consumo que sempre existiram somente se alternam, de geração em geração, ditam regras e padrões de comportamento. A publicidade cada vez mais presente apresenta um estilo de vida que é cobiçado e que para muitos representa a própria felicidade. Muitos desses jovens estão em busca desse ideal, alguns encaram o trabalho como fonte de satisfação, porém se esquecem que é de caráter imediato. Outros vislumbram e projetam uma carreira que possa lhes trazer uma vida mais estável e com boas oportunidades.

Por outro lado, Camarano et al. (2004) aponta que a passagem para a vida adulta e a vontade de tornar-se independente economicamente, incluindo a possibilidade de sair do seu domicílio e formar uma nova família, são tidos como fatores decisivos para a busca do primeiro emprego. De acordo com Novaes ser jovem é

viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e, ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação. Para a juventude é vista como etapa de preparação, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social, a saber: responsabilidade com família própria, inserção no mundo de trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania (NOVAES, 2007, p. 7).

De fato, considerar o momento de transição pelo qual os jovens naturalmente passam até atingir a fase adulta tem por consequência uma interpretação de que eles são declarados

aptos para certas atividades como iniciar-se profissionalmente por meio de programas específicos, como o Jovem Aprendiz, e não aptos para outras como votar antes dos 16 anos.

Convém salientar que as mudanças biológicas e psicológicas também fazem parte da definição do ciclo de vida, não somente a idade, já que é nesse período em que se passa pela puberdade e alcança a vida viril.

A maturidade psicológica depende de realizações como descobrir a própria identidade, tornar-se independente dos pais, desenvolver um sistema de valores e estabelecer relacionamentos. Alguns psicólogos sugerem que a entrada na vida adulta é marcada não por critérios externos, mas por indicadores internos como o sentimento de autonomia, autocontrole e responsabilidade pessoal – ou seja, é mais um estado de espírito do que um evento isolado (SHANAHAN; PORFELI; MORTIMER, 2005 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 452).

Além disso, é o momento crítico de definição do ego com grandes mudanças na personalidade (ARRUDA, 2004). É neste momento que se questiona “quem é como pessoa, o que vale e qual a impressão causa nos outros” (VERÍSSIMO, 2002, p. 19).

Para Masson (2016, p. 23) “é impossível eliminar o trabalho da vida dos homens porque é a partir dele que ocorre a satisfação das necessidades que garantem a sua sobrevivência”. Todavia, se considerarmos o significado do trabalho para o homem talvez não seja difícil compreender porque desde muito cedo jovens de classes menos favorecidas premeditam a sua realização através da inserção precoce no mercado de trabalho, visto que em sua idealização isso os deixariam em igualdade com os seus iguais, considerando o poder do capital. Dessa maneira, afirma Simões (2010, p. 98-99) “o trabalho assume o papel de meio para continuar os estudos e um fim para sua realização profissional”.

Os jovens pobres com dificuldades econômicas procuram sua inserção no mundo do trabalho, muitas vezes de forma instável, ainda durante a idade própria da educação básica. Nesse cenário, encontra-se o dilema entre a defesa do adiamento da inserção ao trabalho dos jovens ou a garantia de um trabalho mais qualificado durante a formação escolar (SIMÕES, 2010, p.99).

Entretanto, um dos obstáculos que dificultam essa concepção é a falta de qualificação. A maioria desses jovens até o momento esteve exclusivamente matriculada em escolas de ensino regular sem uma profissionalização, sendo que o ingresso no mundo do trabalho exige dos trabalhadores uma certa capacitação. Ademais, analisando historicamente, não é difícil constatar que até antes do processo de industrialização, muitos desses jovens aprendiam seus ofícios repassados de pai para filho, no campo ou em áreas urbanas. Após o grande desenvolvimento tecnológico iniciado na Inglaterra, o próprio sentido do trabalho se altera,

pois a necessidade de compreender tecnicamente o funcionamento das máquinas se tornou quase que obrigatória. Assim, há o surgimento das primeiras escolas de aprendizes.

Adicionalmente, esses jovens enfrentam um agravamento como “a verdadeira crise que se encontra em curso na transição do sistema educacional para o mundo do trabalho, sendo um dos maiores obstáculos à reprodução social juvenil” (POCHMANN, 2007, p. 1). Se a primeira oportunidade aparece como um fator dificultador nesse processo, a sua permanência e ascensão no mercado de trabalho, visto a pouca escolarização, também pode surgir como um retrocesso pela própria precarização que este jovem se sujeita por falta de alternativa que lhe pareça mais vantajosa.

Para Silva (2001, p. 113) “a inserção do jovem no mercado de trabalho se dá de forma bastante desfavorável, visto que geralmente é precoce pois grande parte teve seu primeiro emprego com 12 anos ou menos, [...] os salários são baixos, em média representam 50% do rendimento dos adultos”. Dessa forma, muitos desses jovens veem-se forçados ao abandono dos estudos, dadas as premissas de tempo dedicado ao trabalho, o cansaço e os afazeres domésticos que lhes são impostos no âmbito familiar.

A baixa escolaridade da população brasileira pode estar diretamente relacionada ao trabalho dos jovens. A maioria deles procura trabalho por necessidade de sobrevivência e outros por busca de independência financeira, sendo em muitos casos o trabalho incompatível com a frequência escolar, o que por sua vez leva à escolha do trabalho em prejuízo à escola (SILVA, 2001, p. 19).

Em virtude desses acontecimentos e por apresentarem certa vulnerabilidade é comum encontrar jovens em ocupações informais que não privilegiam as condições de trabalho como a saúde e a segurança. Assim seguem expostos a fatores de risco sem nenhuma garantia caso algo lhes aconteça. Nesse balanço pela sorte, o que parece importar é o momento, o que se tem no presente, que propicie uma renda que possa atender inclusive suas necessidades juvenis, os encontros com seus pares e uma inclusão ilusória de pertencimento ao grupo.

Por outro lado, assim como ressalta Silva (2001, p. 7) “as empresas têm valorizado a experiência dos trabalhadores para sua contratação, sendo este mais um obstáculo enfrentado pelos jovens para a obtenção de um lugar no mercado de trabalho, especialmente para a obtenção de seu primeiro emprego”. O que não fica claro é se essa consideração não é mais uma forma de exclusão, sendo que a primeira oportunidade não deixará de ser um empecilho, visto que tantas barreiras são colocadas dificultando esse processo. Ademais, não há garantias que as empresas atendam as demandas das políticas públicas criadas como forma de incentivar o primeiro emprego mesmo havendo uma

contrapartida que lhes conceda, por exemplo, redução no pagamento de determinados tributos e/ou encargos sociais.

Segundo Krawczyk (2014, p. 86), outros fatores que agravam ainda mais são que “as mudanças provocadas pelas novas tecnologias na organização do trabalho fazem com que a exigência do nível de escolaridade para muitos postos de trabalho sirva apenas para melhorar o *lugar na fila do desemprego*”. Logo, é mister admitir a importância que a formação integral tem sobre o posto de trabalho que esse jovem ocupará.

A equação trabalho e educação precisa resultar num processo de adequação que possibilite conciliar a dupla jornada, o que interessa unicamente ao mercado de trabalho. Posto que, na formação integral, centrada na completude do ser, interessa ao mundo do trabalho a possibilidade da formação que liberte o homem da escravidão do capital.

Neste sentido, a própria legislação encarrega-se de destacar que aos 14 anos os jovens podem ser considerados aprendizes no mercado de trabalho e, por conseguinte, obter a carteira de trabalho e previdência social, de acordo com o art. 428 da CLT. O direito à profissionalização está garantido na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) regido pela lei nº 8.069/1990 e no Estatuto da Juventude, promulgado pela Lei nº 12.852/2013.

Anteriormente ao ECA, o Governo Federal implementou a Lei nº 10.748/2003, o Programa Nacional do Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE), com o intuito de servir as classes de jovens que apresentassem maior vulnerabilidade, buscando atender suas expectativas quanto a um futuro melhor (SAMPAIO, 2009). A autora menciona que apesar das diversas parcerias voltadas para a juventude, no programa ainda prevalecia a “subjetividade do jovem em benefício do capital” (SAMPAIO, 2009, p. 16).

Dessa forma, “o governo, por meio de políticas sociais de profissionalização, cria programas e com eles projetos que possam ‘armazenar’ parte dos trabalhadores em potencial, que são os jovens brasileiros, enquanto não haja realimentação no processo estrutural do capitalismo” (SAMPAIO, 2009, p. 14).

De acordo com Novaes (2006, p. 5), “ser jovem no Brasil contemporâneo é estar imerso – por opção ou por origem – em uma multiplicidade de identidades, posições e vivências”. O Brasil possui uma distribuição desigual de renda, dessa forma as políticas que procuram abranger todos de uma forma igualitária, certamente, não alcançarão seus objetivos, logo, alguns jovens ficam em desvantagens competitivas em relação a outros. Assim, há de se pensar em múltiplos cenários tendo como personagens uma diversidade sobre a realidade.

A existência de programas de aprendizagem profissional é um fato em todo o território nacional, o que culmina na demanda do primeiro emprego para diversos jovens a partir dos 14 anos de idade. Neste sentido, é impreterível considerar os fatores que direcionaram tais jovens a optarem por participarem destes programas a fim de verificar os impactos que tal escolha pode trazer desde o curto até o longo prazo em suas vidas.

Considera-se que a identificação decorrente da repercussão da participação desse sujeito, pode resultar em propostas de melhorias na formatação dos próprios programas de aprendizagem, tanto em seu acolhimento quanto no contexto profissional.

O que caracteriza, portanto, a relação entre educação e trabalho até este período é a inexistência de articulação entre o mundo da “educação”, que deve desenvolver as capacidades intelectuais independentemente das necessidades do sistema produtivo e o mundo do trabalho, que exige o domínio de funções operacionais que são ensinadas em cursos específicos, de formação profissional (KUENZER, 1997, p. 15).

Para que este estudo pudesse acenar sobre este contexto, buscando identificar qual o sentido do trabalho e da formação profissional para os jovens, contou-se como respondentes desta pesquisa os egressos de uma instituição formadora na cidade de Uberaba-MG, que atende aos requisitos legais instituídos pelo decreto nº 9.579³ de 22/11/2018.

Assim sendo, coloca-se sob a forma de **objetivo geral** analisar a partir da fala dos egressos do PJA da FETI o que demonstram sobre os sentidos do trabalho e da formação, se existem e quais são os impactos causados em sua trajetória enquanto assistidos pela Lei de Aprendizagem nº 10.097/00.

Quanto aos desdobramentos deste objetivo primeiro, busca-se atender aos seguintes **objetivos específicos**: (i) apresentar a legislação acerca do PJA, como política pública de inserção ao primeiro emprego dirigida aos jovens, identificando quais as motivações que os levaram a procurar o programa; (ii) levantar e destacar qual o sentido do trabalho para esse jovem e quais atitudes valoriza em se tratando das relações para o mundo do trabalho; (iii) verificar suas expectativas acerca do desenvolvimento da carreira, a continuidade nos estudos e perspectivas profissionais; (iv) apresentar, a partir das análises obtidas, qual a impressão acerca dos conflitos e contribuições do Programa de Aprendizagem que culminem na manutenção e melhoria da política vigente.

³ O decreto nº 9.579 de 22 de novembro de 2018 em seu capítulo V estabelece o direito à profissionalização apoiado por legislações que se correlacionam, trazendo uma abordagem sobre o aprendiz e o contrato de aprendizagem e da formação técnico profissional e das entidades qualificadas em formação técnico profissional metódica, além de especificar direitos trabalhistas que são aplicados, excepcionalmente, aos aprendizes contratados pela Lei nº 10.097/00.

Considerando os objetivos mencionados, a presente pesquisa busca responder a seguinte **pergunta**: A Lei de Aprendizagem, enquanto política pública, preocupa-se com a educação integral do jovem levando-o a compreender os sentidos do trabalho e da formação integral?

Assim sendo, este estudo reforça o interesse pelo sujeito jovem, sendo o universo de estudo amplo, complexo e ao mesmo tempo desafiador dada as variáveis existentes. O contato da autora por certo período, exclusivamente com este público, ministrando aulas em um curso profissionalizante desencadeou vários questionamentos acerca desse universo jovem. Desta forma, apresenta-se como **hipótese** a argumentação de que a formação recebida possibilita oportunidades, sentidos e significados para além da representação das relações sociais de produção.

Mediante o exposto, a motivação em pesquisar a juventude **justifica-se** pela possibilidade de conhecer o contexto social que estão inseridos os jovens de um programa de aprendizagem em busca do primeiro emprego na cidade de Uberaba-MG, buscando suas perspectivas através dos sentidos e significados que dão ao trabalho e à formação profissionalizante que, de certa forma, direcionam seu futuro. Tal estudo pode trazer contribuições significativas que ajudem a entender e a melhorar o processo de formação integral do jovem enquanto estiver no programa.

Em vista disto, Machado (2006) enfatiza que os projetos individuais possuem uma forte contribuição para sua valorização enquanto ser humano, assim, as ações educativas que valorizam fatores como a solidariedade e a tolerância, também formam o cidadão, logo, esse dualismo contribui para a formação pessoal e social do sujeito.

Existem muitas etapas a cumprir que certamente não serão lineares para todos, pois são passagens que sofrem influências externas como, a conclusão dos estudos, a escolha de uma carreira, a independência financeira, a constituição de uma nova família. Porém, em uma perspectiva que considera o ser humano em todo o seu potencial nas relações com o trabalho e com o meio, “colaborar com a construção de uma identidade profissional dos jovens trabalhadores pode representar uma estratégia positiva nas múltiplas possibilidades e interdições para suas transições na vida adulta” (SIMÕES, 2010, p. 99).

Para esse alcance será utilizada a voz do egresso que é carregada de significados, visto que existe todo um processo que marca esse caminho, ou seja, inicialmente o anseio por fazer parte do programa, a realidade em conciliar o trabalho e estudo, e quando do término do seu contrato, o que isso representou para novas possibilidades profissionais.

Para tanto, serão utilizadas no **referencial teórico**, contribuições de autores que se dedicam a pesquisar as juventudes, visto que, a história social do jovem é marcada por inúmeros acontecimentos ao longo do tempo. A conotação que vem ganhando até o presente reflete nos vastos estudos de diversas áreas do conhecimento que elegeram a juventude como foco para debates aprofundados sobre a imagem que representa, a preocupação com o futuro, escolarização, carreira profissional e os diversos modos de viver a juventude. Assim sendo, compõe o quadro de autores: sobre a formação da identidade - Erikson (1987); no que se refere a discussão sobre a relação educação e trabalho - Saviani (2003; 2007), Frigotto (2004), Kuenzer (1991; 1997); em relação crítica à sociedade capitalista - Mészáros (2008); quanto aos sentidos e significados na construção coletiva e da experiência: Dayrell (2003), Dutra-Thomé e Koller (2014), Larrosa (1995 e 2015).

As fases sucessivas que o indivíduo passa até chegar à fase adulta são necessárias para formar sua “identidade” onde Erikson (1987, p. 91) apresenta a definição de Marie Jahoda⁴ “demonstrar uma personalidade saudável onde é capaz de perceber corretamente o mundo e ele próprio”. É como se o desenvolvimento passasse por uma ordem já mais ou menos definida e dessa maneira fosse agregando conhecimentos e adquirindo consciência, sendo necessários ajustamentos ao longo desse processo.

Quando o homem tira vantagens dos bens que estão à sua volta, transformando-os em algo que sirva a alguém e a si próprio, dá-se o nome dessa interação de ‘trabalho’, assim continua Nosella (2007, p. 149) “ensinar a fruir e a consumir é também ensinar a trabalhar. [...] compete à escola-do-trabalho educar o homem na realização do processo completo do trabalho: comunicar-se, produzir e usufruir”.

Mészáros em uma crítica à sociedade capitalista, enfatiza:

Os trabalhadores não têm de ser educados para a tarefa de participar da estrutura operacional do tempo de trabalho necessário. Eles simplesmente não podem escapar de seus imperativos, uma vez que estes lhes são diretamente impostos, com a absolutez de um “destino social”, correspondente à sua subordinação estruturalmente assegurada na ordem social estabelecida (MÉSZÁROS, 2008, p. 99).

Uma forma de dar sentido a essas expectativas é colocando o sujeito como protagonista desse processo, valorizando o que ele tem a dizer em todos os aspectos, ou seja, colhendo suas vozes e imagens daquilo que traz representatividade para si. Simultaneamente,

⁴ Marie Jahoda, “Toward A Social Psychology of Mental Health”, Symposium on the Healthy Personality. Supplement II: Problems of Infancy and Childhood, Transactions of Fourth Conference, março de 1950, volume organizado por M. J. E. Benn, Nova York: Josiat Marcy Jr. Foundation, 1950.

é importante analisar as diversas contribuições de produção teórica que dão suporte aos estudos pelas investigações que tentam aproximar ao máximo o entendimento sobre esse sujeito das significações que dá a construção da sua realidade, como apresenta em seus trabalhos Dayrell (2003).

Outrossim, as autoras Dutra-Thomé e Koller (2014) esclarecem que é preciso diferenciar aquilo que dá sentido do que traz significado. As construções coletivas são carregadas de significados porque envolvem contextos diversos como o histórico, o social e o econômico. Os sentidos são impressões de experiências individuais e subjetivas, porém estão alicerçados naquilo que se edifica em grupo.

Neste contexto, Larrosa⁵ (2015, p. 16) propõe “pensar a educação a partir do par experiência/sentido” pois, segundo o autor “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”. Logo, não há nada mais significativo do que expressar-se, pois, as palavras são a tradução de tudo aquilo que faz sentido para o sujeito, da forma como ele enxerga a sua realidade e de como ele é visto diante dos outros. Contudo, é impreterível assinalar tal paradoxo na construção desse contexto social de ouvir as juventudes, pois não obstante, ainda encontramos na atualidade a luta pelas palavras, pelo controle e pelo silenciamento.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p. 25).

Assim, Larrosa et al. (1995, p. 11) elucida que utilizar das narrativas de outrem são possibilidades que se abrem para os “estudos da experiência educativa” e um caminho seria por intermédio da educação que é a “construção e a reconstrução de histórias pessoais e sociais”, visto que colabora para o processo ensino-aprendizagem oportunizando “entender as pessoas com uma narrativa de experiência de vida”.

O **método** posto neste estudo, quanto a finalidade, é uma pesquisa aplicada pelo fato de concentrar nos problemas presentes de determinado grupo ou atores sociais, buscando reconhecê-lo e encontrar soluções, atendendo uma demanda formulada por “clientes, atores sociais ou instituições” (THIOLLENT, 2009, p. 36).

⁵ Jorge Larrosa et al., escritor espanhol em “Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación”.

Fleury e Werlang apontam que:

outra questão a ser colocada na definição de pesquisa aplicada diz respeito a sua capacidade de gerar impacto. Assim, a pesquisa aplicada pode ser definida como um conjunto de atividades nas quais conhecimentos previamente adquiridos são utilizados para coletar, selecionar e processar fatos e dados, a fim de se obter e confirmar resultados e se gerar impacto (FLEURY; WERLANG, 2017, p. 11-12).

Com base em seus objetivos esta pesquisa tem cunho exploratório e descritivo. Conforme Gil (2002, p. 41) as pesquisas exploratórias “proporcionam maior familiaridade com o problema”, enquanto as pesquisas descritivas têm como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Quanto aos procedimentos a pesquisa é bibliográfica pois se apoiará na vasta contribuição existente de obras e estudos que tratam sobre as juventudes, o trabalho e a formação profissional. Ainda segundo Gil (2002, p. 45) “a principal vantagem de uma pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Acerca da natureza a pesquisa é qualitativa. Conforme Godoy (1995, p. 63) a intensão dos pesquisadores qualitativos é “compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes”. Corroborando com o exposto, Pádua acrescenta que “pode-se dizer que as pesquisas qualitativas têm se preocupado com o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permeia a rede de relações sociais” (PÁDUA, 2004, p. 36).

O público-alvo deste estudo serão os aprendizes egressos do PJA de uma instituição formadora na cidade de Uberaba-MG, maiores de 18 anos, cujo motivo de desligamento seja o término do contrato por prazo determinado, o recorte transversal da pesquisa é o intervalo entre os anos de 2018 a 2020.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, obedecendo os critérios de confiabilidade e proteção dos dados dos respondentes, iniciaram as 03 (três) etapas sistemáticas a saber: a **primeira etapa: seleção dos respondentes** – os jovens egressos foram escolhidos por acessibilidade, onde “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo” (GIL, 2008, p. 94).

A pesquisadora por meio da rede social entrou em contato com 28 (vinte e oito) egressos, dentre os quais 12 (doze) homens e 16 (dezesseis) mulheres, com o intuito de serem selecionados um total de 12 (doze) jovens. Inicialmente, estes egressos foram contatados por

mensagem privada em rede social. Dentro do prazo de uma semana houve o retorno de 9 (nove) interessados, sendo 6 (seis) homens e 3 (três) mulheres. Aos que não retornaram, houve mais uma tentativa de contato sendo que a maioria não retornou, não demonstrou interesse ou não acessou o link fornecido no dia e horário marcados.

Aos interessados foi encaminhado o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos, no ato da entrevista, confirmaram possuir mais de dezoito anos; a **segunda etapa: realização de entrevistas semiestruturadas** – após o retorno dos jovens egressos interessados, foram agendadas, individualmente os momentos de entrevistas, realizadas por meio de plataforma virtual ZOOM, atendendo ao protocolo de biossegurança municipal com regras sobre o distanciamento em virtude da pandemia causada pelo vírus da Covid-19, cuja designação oficial é SARS-CoV-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome); a **terceira etapa: análise discursiva dos dados coletados.**

A entrevista é composta por abordagens voltadas a compreender como foi a experiência do egresso enquanto jovem aprendiz, sobre o interesse em participar do programa, com uma vertente sobre a temática *o trabalho e seus sentidos*, buscando compreender qual o sentido do trabalho para o egresso do PJA, com questionamentos sobre a importância do trabalho, da valorização enquanto trabalhador, as dificuldades para conciliar trabalho e escola.

Segundo Gil (2008, p. 109) “a entrevista é uma forma de interação social”, desta forma outras observações podem ser feitas pelo entrevistador que por meio da tonalidade da voz e da fisionomia, tem a oportunidade interagir com o entrevistado.

Diante da estrutura mencionada o **primeiro capítulo**, faz uma abordagem conceitual do termo juventudes, identificando sua percepção ao longo da história, sua relação com o mundo do trabalho e com a escolha de uma educação profissional, apresentando uma alusão histórica sobre o ofício desde a Revolução Industrial, bem como da origem da educação profissional no Brasil, a partir do século XIX, para elucidar um pouco desta trajetória, que sem dúvidas é propulsora de desenvolvimento e agente nesse processo de qualificação dos jovens que escolhem o ensino técnico integral.

O **segundo capítulo** fará menção às políticas públicas voltadas ao trabalho do jovem, em especial à Lei de Aprendizagem nº 10.097/2000, e apresenta a instituição formadora Fundação de Ensino Técnico Intensivo “Dr. Renê Barsam” de Uberaba-MG, que assistiu durante o contrato de aprendizagem os egressos participantes desta pesquisa, demonstrando sua atuação no município e região, sua proposta pedagógica para servir de eixo integrante entre a empresa contratante e o jovem em busca de uma colocação no mercado de trabalho.

No **terceiro capítulo** é apresentada a revisão de literatura com o intuito de averiguar o que está sendo pesquisado em relação ao descritor *jovem aprendiz*, exibindo as bases de dados, ano de publicação, os métodos e os instrumentos de pesquisas utilizados na abordagem dos artigos que versam sobre o protagonista da Lei de Aprendizagem.

No **quarto capítulo** é descrito o método de pesquisa e o processo de análise das informações coletadas, conectando-as com os objetivos inicialmente propostos, sustentados pelo referencial teórico. As **considerações finais** terão o intuito de relatar as impressões sobre o desenvolvimento da pesquisa pela autora.

CAPÍTULO 1 - JUVENTUDE E TRABALHO: um breve apontamento histórico

“Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana”. — Karl Marx (2013, p.167).

Este primeiro capítulo versa sobre as diversas contribuições que tentam conceituar as juventudes. Os anseios que permeiam essa fase da vida e sua relação com a educação e o trabalho. Busca uma breve análise histórica a partir da Revolução Industrial, nesse ínterim em se tratando do trabalho e da oferta da mão de obra qualificada para atender esse fim. Para tal é apresentado um enfoque sobre a história da Rede Federal de Ensino, revelando com qual interesse e com qual necessidade se instalou por todo o país e no início do século XXI teve sua expansão marcada por uma política de acesso à educação profissional e tecnológica.

1.1 As juventudes

A juventude é marcada por várias transformações físicas, psíquicas e sociais, o que não significa dizer que obrigatoriamente todos devam passar igualmente por uma sequência de etapas ou que tenham os mesmos comportamentos em uma ordem pré-definida. Para Grinspun (2008) os períodos conceituados como adolescência e juventude circundam há tempos os estudos que envolvem vários campos do conhecimento como as CIÊNCIAS SOCIAIS, ANTROPOLOGIA e a PSICOLOGIA que buscam defini-la e de uma certa forma cerceá-la tentando encontrar seu início e fim, cada qual em seu espaço de estudo, procuram resultados que traduzam hegemonicamente uma linha de pensamento cartesiano⁶. Acerca do interesse latente mostrado nas correntes de estudos sobre o assunto Bourdieu (1983) traz sua contribuição de forma sucinta, porém cheia de curiosidade, a de que “a juventude é apenas uma palavra”.

Para Groppo, assim como a infância, a vida adulta e a velhice, também a

juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos [...]. Trata-se não apenas de limites

⁶ René Descartes - filósofo racionalista, cujo pensamento se apresenta em uma tentativa de estabelecer o método para se alcançar um conhecimento verdadeiro.

etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas (GROPPO, 2000, p. 7-8).

Carrano (2000) apresenta a ideia de que “adolescência e juventude é uma construção social, histórica, cultural e relacional que, por meio das diferentes épocas e processos históricos sociais, foram adquirindo denotações e delimitações diferentes”. Segundo o que nos apresenta Ariès (1986, p. 36) sobre os textos da Idade Média *Le Grand Propriétaire de toutes choses*⁷ a idade tal como conhecemos na atualidade nem sempre obedeceu aos mesmos parâmetros:

[...] a primeira idade é a infância que planta os dentes, essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante [...]. Após a infância, vem a segunda idade que se chama *pueritia* [...] e dura até os 14 anos. Depois, segue a terceira idade, que é chamada de adolescência [...], que dura até os 28 anos e pode estender-se até os 30 ou 35 anos. Essa idade é chamada de adolescência, porque a pessoa é bastante grande para procriar, disse Isidoro [...]. Depois, segue a juventude que está no meio das idades, embora a pessoa aí esteja na plenitude de suas forças, e essa idade dure até 45 anos, segundo Isidoro ou até 50, segundo outros. Essa idade é chamada de juventude, devido à força que está na pessoa (ARIÈS, 1986, p. 36).

O mesmo autor ainda enfatiza que na idade média não havia espaço para a adolescência onde “até o século XVIII era confundida com a infância”, tanto que essa ambiguidade pode ser vista nos dias de hoje na língua francesa que considera a palavra *gars* tanto para menino, rapaz ou homem (ARIÈS, 1986, p. 41). O termo adolescência surge no final do século XIX com a intenção de demarcar o início da segunda infância que iniciaria a partir dos 13 anos (GRINSPUN, 2008). Senna (2012, p. 102) relembra a obra de G. Stanley Hall, cujo título é *Adolescência*, publicado em 1904, onde o autor define adolescência “como um período de transição universal e inevitável, considerando-a como um segundo nascimento”.

Não é difícil pensar que um segundo nascimento remete a novas descobertas, novos aprendizados, e é justamente isso que se percebe dessa nova fase, muitos dos estereótipos que a sociedade produz em torno desse momento que a todos acomete é porque há a criação de uma identidade. Para Dayrell (2003) a adolescência não pode ser entendida como algo que tem um tempo para terminar, pois representa um ponto de partida onde ocorrem transformações no corpo, na afetividade, no que representa o modelo ideal, nas relações de

⁷ O Grande Dono de Todas as Coisas (tradução nossa).

uma forma geral. Isso tudo é vivenciado com mais intensidade, porém não se limitam a um tempo, pois pode ser percebida ao longo da vida.

Talvez seja exatamente pela busca da construção de uma personalidade própria que tantas vezes se percebe o adolescente a envergonhar de sua própria imagem, a negar obediência aos pais, a rebelar com os estudos e ser ator de inúmeros conflitos. Assim como abordado por Piaget (1999 p. 57) as reflexões acerca dessa fase poderiam levar ao entendimento que a “adolescência é simplesmente uma crise passageira, devida à puberdade, que separa a infância da vida adulta”, contudo se esse “desequilíbrio é provisório todas as mudanças de estágio são suscetíveis de provocar tais oscilações temporárias”.

É nesse contexto que Carrano (2013) aborda a exclusão do jovem em debates de assuntos do cotidiano como forma de impedi-lo a atuar ativamente no futuro que ele viverá, é negá-lo, é de uma certa forma dizer que ele não pertence ao universo infantil e tão pouco é considerado como um quase adulto. Destarte, Carrano (2013) enfatiza que a juventude não é uma idade *problema* é preciso olhar para o jovem de forma a perceber que ele não é a dificuldade em si, muitos dos desacordos que serão percebidos nesse momento da vida não foram arranjados pelos jovens, eles já existiam antes, mesmo quando este pertencia a infância.

Bourdieu (1983, p. 3) afirma que “temos um universo da adolescência, no sentido verdadeiro, isto é, da irresponsabilidade provisória: estes jovens estão numa espécie de *no man's land*⁸ social, são adultos para algumas coisas, são crianças para outras, jogam nos dois campos”. Desta forma, é possível observar extremos, de um lado o jovem burguês com acesso rápido e fácil aos bens de consumo e de outro o jovem filho da classe trabalhadora, que muitas vezes abrevia sua adolescência, dividindo-se entre a escola e trabalhos informais para complementar a renda familiar.

Não é difícil analisar nesse universo outra dicotomia, conforme sua realidade de um lado estão os jovens que não querem abandonar o seu lugar no mundo infantil, visto que nele encontra tudo o que precisa, qualquer necessidade ou desejo é rapidamente atendido, e de outro lado, o jovem que busca a libertação que o mundo do trabalho para ele representa, uma aproximação com o universo adulto, da autonomia, da independência (BOURDIEU, 1983).

Todo esse dilema enfrentado pelo adolescente a partir dos 12 anos, segundo Piaget (1999, p. 60) se dá pela “construção de teorias e sistemas que transformam o mundo, em um ponto ou noutro”, algo absolutamente novo não experimentado na infância, assim “essas operações formais fornecem ao pensamento um novo poder, que consiste em destacá-lo e

⁸ Tradução do inglês: Terra de ninguém.

libertá-lo do real, permitindo-lhe, assim, construir a seu modo as reflexões e teorias”. A grande questão, continua o autor, é que nesse momento “começa por incorporar o mundo em uma assimilação egocêntrica intelectual” (PIAGET, 1999, p. 60).

Com essas elucidações é possível compreender que muitas vezes as juventudes buscam conduzir o seu comportamento de tal maneira que seja percebida sempre, a qualquer custo, individualmente ou em grupo, trazendo para si a atenção fruto de puro egoísmo.

Leão (2010), conceitua juventude da seguinte forma:

É a fase da vida compreendida entre a infância e a vida adulta. Conjunto de pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Mocidade. [...] Os autores voltados ao tema da juventude têm apontado a dificuldade de sua definição consensual pela sua forte relação com diferentes contextos históricos, políticos e sociais, além da tendência a ser delimitada a partir dos paradigmas científicos de cada área de estudos (LEÃO, 2010).

Para Carrano (2013, p. 14) “a entrada na juventude se faz pela fase da adolescência e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social”. Assim como acreditam Corti e Souza (2004, p. 22) é muito importante esse período, a formação plena contribui para a ideia da moral e da cidadania que o jovem irá imprimir em sua vida, e nesse sentido afirmam que “a juventude é sobretudo uma construção social e não um processo natural”. As sociedades diferem em seus costumes e no tempo, suas lutas históricas por direitos e ideais, dessa forma não há como ocorrer uma padronização universal da juventude. Discutir o tema em cada contexto social implica um levantamento refinado de como aquele cenário interfere para a produção daquela juventude.

Diante de tais abordagens e compreensão da difícil conceituação da juventude pelas diversas abordagens em campos distintos do conhecimento, ressalta Groppo (2000, p. 15) que “cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é ‘ser jovem’, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes”. Em consonância com essa afirmação a concepção de Carrano (2013) parece muito apropriada quando o autor destaca a importância de pensar na juventude não como única, mas sim muitas, pois o termo *juventudes*, no plural, representa melhor esse papel da diversidade que é apresentada quando se busca conhecer sobre as maneiras de ser jovem.

Dessa forma atribuir o conceito de juventude somente ao tempo cronológico seria limitá-la, pois a esta concepção somente seria importante a idade biológica, isso tornaria o universo a ser pesquisado diminuto. Para Abramo (1994, p. 13) “a definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade

para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas”. Adicionalmente, para Dayrell (2003, p. 42) “a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma”. Outrossim, Carrano (2013, p. 20) enfatiza que “as identidades juvenis se constituem em espaços-tempos de sociabilidades e práticas coletivas, colocam em jogo interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao “ser parte” dos grupos também constitui o “nós” que se diferencia dos “outros”.

A juventude é marcada pela construção da identidade, muitos tentam explicá-la como sendo a manifestação de crises, transformações, necessidades e imposições da própria sociedade não compreendidas. No entanto, Abramo (1994) lembra que essa noção é “socialmente variável”. No campo das representações sociais sobre o adolescente as observações apontam “como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que produzam o mundo de uma forma significativa” (MOSCOVICI, 2011, p. 46).

É tentando compreender aquilo que antes não mostrava interessante, dando novos sentidos, fazendo escolhas, que o jovem busca equilibrar-se em meio ao que o espera, tudo isso são formas que ele cria para encontrar seu papel na sociedade. Corroborando com essa temática Carrano (2013, p. 15) diz que “a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem”.

Segundo Erikson

À medida que os progressos tecnológicos ampliam cada vez mais o intervalo de tempo entre o começo da vida escolar e o acesso final do homem ao trabalho especializado, a fase de adolescência torna-se um período ainda mais acentuado e consciente; e, como sempre aconteceu em algumas culturas, em certos períodos, passou a ser quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta (ERIKSON, 1987, p. 128).

Para Erikson (1987) existe “a incerteza dos papéis adultos à sua frente”, por ser uma fase transitória e de muitas dúvidas, as inquietações perpassam pela preocupação de saber lidar com o julgamento do outro, isto porque, ainda segundo o autor, acontece a “busca de um novo sentido de continuidade e uniformidade”, dessa maneira o adolescente busca modelos que acreditam ser ideais para se espelhar e moldar seu padrão de comportamento, para se afirmar diante de seus pares. Abramo (1997, p. 29) salienta que é um “momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social”, dessa forma encontra-se na sociedade assumindo algumas posições e superando tantas barreiras impostas ao seu desenvolvimento. Nesse mesmo viés de descobertas, com inúmeras possibilidades à

sua frente necessárias pelo convívio social o jovem vai se descobrindo e experimentando entre a afetividade e a vida profissional (CARRANO, 2013).

Piaget ajuda a esclarecer que

a verdadeira adaptação à sociedade vai-se fazer automaticamente, quando o adolescente, de reformador, transformar-se em realizador. Da mesma maneira que a experiência reconcilia o pensamento formal com a realidade das coisas, o trabalho efetivo e constante, desde que empreendido em situação concreta e bem definida, cura todos os devaneios. [...] o trabalho profissional, uma vez superadas as últimas crises de adaptação, restabelece seguramente o equilíbrio e marca, assim, o acesso à idade adulta em definitivo (PIAGET, 1999, p. 64).

Segundo Erikson (1987, p. 132), “em geral, é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional, o que mais perturba os jovens”. É uma fase de escolha que acontece muito cedo, sem preparo, principalmente para aqueles que não tiveram o estudo integral voltado para a qualificação técnica.

As reflexões a respeito das abordagens sobre as juventudes deixam claro que é limitante direcionar o pensamento somente sobre a ordem cronológica pois existe uma diversidade de trajetórias, interesses e aspirações que reverberam a realidade do sujeito tanto em questões sociais quanto históricas. Desse modo, é importante também não cair em um anacronismo, pois cada época tem proporcionado ao jovem mais diálogo, mais participação e isso pode ajudá-lo a encontrar o seu lugar na sociedade contemporânea.

1.2 Contextualização do Trabalho e Educação Profissional

Pensar no trabalho implica considerar suas relações e isso significa engendrar-se por um caminho repleto de peculiaridades, pois os sujeitos envolvidos, contratante e contratado, possuem um universo particular de interesses que esbarram em fatores que influenciam essa ligação. Todavia, é preciso considerar os aspectos legais que incidem conforme as exigências da atividade desempenhada, da jornada empregada, do ritmo que é estabelecido, mas não distante é mister reconhecer que algumas delas acontecem independentemente da vontade das partes, como a economia de uma forma macro e a política.

Se analisado o perfil do jovem que busca por essa inserção, seguramente, emergirão outros aspectos que são igualmente importantes e irrefutáveis como a maneira que ele foi preparado para almejar uma oportunidade e se está pronto para pleitear uma vaga no mercado de trabalho, daí percebe-se um interesse para candidatos que possuem maior escolaridade e qualificação. É crescente o número de jovens desocupados em busca do primeiro emprego,

dessa forma, muitos passam a submeter-se a baixos salários e exaustivas horas de trabalho, por não terem muito a apresentar aos seus possíveis contratantes, pois na maioria das vezes não possuem mais que uma carteira de trabalho em branco, pouca ou nenhuma experiência e formação básica regular ainda não concluída.

De acordo com o conceito de Marx e Engels (1998, p. 326), “o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza”, uma ação unicamente humana, planejada ou imaginada. Similarmente, Saviani (2007, p. 152-180) em sua descrição sobre os fundamentos histórico-ontológicos da relação trabalho-educação, ratifica que o “trabalho e a educação são atividades especificamente humanas”. Outrossim, Marx (2013, p. 327) elucida que, para que haja interação nas relações de trabalho é preciso que o homem desperte a consciência pois “agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza”. Em conformidade com o exposto, Saviani (2003, p. 132) completa: “o que define a existência humana, o que caracteriza a realidade humana é exatamente o trabalho”. Dessa forma, o homem procura a completude de sua existência buscando sentidos, “por isso, a relação (dialética) recíproca entre o sujeito e o objeto do trabalho está no cerne do processo de desenvolvimento” (HARVEY, 2013, p. 184).

Em *O Capital* Marx apresenta uma clássica comparação entre o homem e a abelha na tentativa de elucidar o verdadeiro sentido do trabalho

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza... (...) atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. Não se trata aqui das formas instintivas, animais, de trabalho. Quando o trabalhador chega ao mercado para vender sua força de trabalho, é imensa a distância histórica que medeia entre sua condição e a do homem primitivo com sua forma ainda instintiva de trabalho. Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1985, p. 149-150).

Não adaptando-se mais à natureza, o homem começa por moldá-la a sua necessidade, assim, transformando-a. Porém, para o exercício do que entende ser ideal para esse processo começa por pensar os objetivos que serão extraídos das atividades que executa. Porquanto nos diz Saviani (2003, p. 133) “o modo como o ser humano trabalha, mudam as formas pelas quais os homens existem”. Assim, os modos de produção (artesanal, manufaturado ou

industrial) e a forma como se organizaram histórico, social e economicamente “revolucionaram sucessivamente a forma como os homens existem”, sendo assim, “a formação dos homens ao longo da história traz a determinação do modo de como produzem sua existência” (SAVIANI, 2003, p. 133).

Sobre o tema trabalho, Ariès relata que

durante tanto tempo o ofício tenha parecido às pessoas ser a principal atividade da vida quotidiana. [...] A importância dada ao ofício na iconografia medieval é um sinal do valor sentimental que as pessoas lhe atribuíam. Era como se a vida privada de um homem antes de mais nada fosse seu ofício (ARIÈS, 1986, p. 196).

Conforme Fonseca (2006), na antiguidade os povos que estavam organizados de melhor forma, econômica e militarmente, dominavam os demais, assim crescia o trabalho escravo. Segundo Baraúna (2009), na idade média a economia passou a ser fundamentada no campo onde os senhores detentores de terras escravizavam a classe menos abastada, somente após a Revolução Francesa a escravidão foi banida, influenciando outras nações.

A preocupação com o trabalho infantil já emergia na época das Corporações de Ofício, em que havia a preocupação de preparar profissional e moralmente estes jovens para conferir-lhes aprendizagem, como destaca Martins (2013).

Na Idade Média, o trabalho que dava aporte ao sustento das famílias era o cultivo da terra, as técnicas desenvolvidas e as ferramentas empregadas não demandavam uma preparação sistematizada na formação dos trabalhadores. Assim, o acesso à escola era restrito a uma “parcela dos intelectuais, fundamentalmente concentrada no clero” (SAVIANI, 2003, p. 134). Conforme apresenta Cassab (2011, p. 9) “aos filhos da classe trabalhadora não era reservado o direito ao não trabalho. [...] A esses jovens, filhos dos operários, precocemente introduzidos no trabalho fabril, restavam poucas coisas além da obediência e da renúncia”.

Iniciada no século XVIII, por volta dos anos 1780-1830, a primeira Revolução Industrial, muda completamente a forma manual de trabalho, há a introdução das primeiras máquinas à vapor, o homem sai do campo e concentra sua força de trabalho nas fábricas, segundo Almeida Neto (2007, p. 15-16) “para aumentar o desempenho dos operários, a produção é dividida em várias operações. O operário executa uma única etapa, sempre do mesmo modo, o que o aliena do processo de trabalho”.

Conforme Almeida Neto (2007, p. 17) como marco a “Nova Revolução Industrial” ou “Segunda Revolução Industrial”, que se iniciou na segunda metade do século XIX e terminou durante a Segunda Guerra Mundial, tem-se o período de investimento em pesquisa e

desenvolvimento fomentada pelos alemães, que traria significativas contribuições para o desenvolvimento técnico dentro da indústria, como a química, elétrica, petróleo e aço. Com a descoberta da energia elétrica, houve um crescimento industrial acelerado, substituição de ferramentas manuais por máquinas, o que implica em um conhecimento mais apurado do trabalhador para operar tais equipamentos.

Segundo Almeida Neto (2007, p. 18) a Terceira Revolução Industrial aconteceu pós Segunda Guerra e foi marcada por grandes transformações nos processos produtivos e avanços tecnológicos como automação e robotização. O mesmo autor complementa “um novo perfil de trabalhador é exigido pelo mercado, com maior valorização de sua capacidade criativa e exigência do desenvolvimento de novas competências” (ALMEIDA NETO, 2007, p. 18).

Em todos os grandes marcos revolucionários que passou a humanidade, o emprego da mão de obra infantil sempre aconteceu, como aponta Ariès (1986, p. 10) “a criança mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava dos seus trabalhos e jogos”. A introdução de menores no mercado de trabalho, foi desencadeada pelo processo de industrialização ocorrido na Europa do século XVIII, por serem submissos, produziam em grandes quantidades por baixos salários e por conseguinte traziam mais lucros para seus patrões. De forma similar, deu-se a utilização do trabalho de crianças e adolescentes no Brasil, conforme ratifica Perez (2006).

No Brasil República, por meio do decreto nº 1.313 de 17/01/1890, o Governo Federal estabeleceu uma série de restrições sobre o trabalho infantil no distrito federal, sem muito sucesso. Outras formas de proibir o trabalho infantil foram decretadas, também a instituição de cursos de aperfeiçoamento profissional (JORGE NETO; CAVALCANTE, 2013).

Por conseguinte, Saviani (2003, p. 134) relata que a “sociedade contemporânea, desenvolvida a partir do advento do capitalismo, revoluciona constantemente as técnicas de produção e incorpora os conhecimentos como força produtiva, convertendo a ciência, que é potência espiritual, em potência material através da indústria”. Continua o autor:

Esse tipo de sociedade tem, pois, como pressuposto, como premissa necessária, a introdução de códigos de comunicação não naturais, não espontâneos. É a partir daí que se pode entender a exigência de generalização dos códigos escritos, trazendo consigo, por consequência, a necessidade da generalização da alfabetização. Sobre esse pressuposto também se coloca a questão da universalização da escola que, estando referida ao trabalho intelectual, à cultura letrada, se constitui como via de acesso aos códigos escritos. Nas formas de sociedade anteriores, a escola podia ficar restrita àquela pequena parcela da sociedade que precisava desenvolver esse tipo de trabalho. A sociedade capitalista, cujo eixo passa a girar em torno da cidade,

incorpora, na própria forma de organização, os códigos escritos, gerando a necessidade de que todos possam dominá-los (SAVIANI, 2003, p. 134-135).

A educação articulada ao trabalho surge como um sistema diferenciado e paralelo ao sistema regular de ensino, visando preparar os pobres, marginalizados e desvalidos de sorte para atuarem no sistema produtivo nas funções técnicas situadas nos níveis baixo e médio da hierarquia ocupacional (KUENZER, 1997). Com efeito, Sgarbi e Ferrante (2010) apresentam que no Brasil o trabalho iniciado em tão tenra idade está ligado diretamente a condição socioeconômica da família, não descartando que possam ocorrer outros motivos, a pobreza seria aquela que leva a esta inserção precoce.

No Brasil, a história da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, iniciou-se com a necessidade crescente de formação específica para atender as demandas do processo industrial, assim, surgiram “as escolas de aprendizes artífices, o acontecimento mais marcante do ensino profissional na Primeira República” (CUNHA, 2005, p. 63).

O Decreto nº 7.566⁹, de 23 de setembro de 1909, do presidente Nilo Peçanha, que criou as escolas de aprendizes artífices, estipulava sua manutenção pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, a quem cabiam os assuntos relativos ao ensino profissional não superior. Já no início de 1910 punham-se em funcionamento as dezenove escolas [...]. A finalidade dessas escolas era a formação de operários e contramestres, mediante ensino prático e conhecimentos técnicos necessários aos menores que pretendessem aprender um ofício [...]. Embora esses estabelecimentos diferissem em diversos aspectos (regime de internato ou externato, idade de ingresso, rigidez da disciplina, currículo) estavam todos orientados para a consecução do mesmo fim – a formação da força de trabalho industrial em termos técnicos e ideológicos (CUNHA, 2005, p. 63-64).

Longe de atender somente a uma parcela da população desprovida de recursos e sem perspectivas sobre seu futuro, inicialmente essas instituições também foram chamadas de “escola do vício e do crime”, referindo-se à ocupação daqueles que se encontravam ociosos e por conseguinte pudessem engendrar-se pelos caminhos do delito. Somente mais tarde, aplicou-se uma pedagogia corretiva a escola de aprendizes artífices, como “fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo”, além, é claro, do “indispensável preparo técnico e intelectual” (CUNHA, 2005, p. 66).

⁹ “Considerando:

Que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade, escola do vício e do crime, que é dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadãos úteis à Nação”.

O Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional criado no final de 2005 pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC) buscou melhorar a distribuição espacial e cobertura das instituições de ensino e, conseqüentemente, ampliar o acesso da população à Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no país (BRASIL, 2018).

Ampliar a possibilidade de acesso a um ensino técnico profissionalizante atende as expectativas da sociedade, principalmente para aqueles que desde cedo necessitam apoiar a família no complemento dos gastos domésticos para a própria sobrevivência. Mesmo porque, muitos Institutos Federais oferecem cursos superiores como tecnólogos e bacharelados na mesma área de formação técnica, o que de certa forma, é interessante para aqueles que veem a oportunidade de concluir o ensino superior.

Todavia, para Frigotto (2004, p. 193), a questão central não é de caráter individual nem primeiramente de gênero, de cor ou de raça, mas de classe social. Por isso, a inserção precoce no emprego formal ou “trabalho informal”, a natureza, as condições de trabalho e a remuneração ou acesso ou não à escola, a qualidade dessa escola e o tempo de escolaridade estão ligados à origem social dos jovens.

Segundo Weller (2014, p. 138) o tempo e a forma como acontecem essas mudanças não é o mesmo para “jovens do sexo feminino e do masculino, para jovens negros, do meio rural e do meio urbano que residem na periferia, e para os jovens cujos pais não tiveram acesso às etapas mais avançadas da educação básica”. Moura (2013), reforça a desigualdade do contexto socioeconômico brasileiro, o que faz com que grande parte dos filhos da classe trabalhadora comece a trabalhar antes mesmo de atingir 18 anos, para complementar o sustento da família como também para se autossustentar.

Ressalta Corrochano (2014, p. 211) “que os jovens enfrentam taxas de desemprego mais elevadas do que os adultos em diferentes países e momentos históricos, em conjunturas de crescimento ou de retração dos empregos”. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, os jovens enfrentam mais dificuldades para conseguir trabalho e, quando empregados, são os mais vulneráveis à demissão (O TEMPO, 2019). A mesma fonte constata que “a probabilidade de o jovem estando desempregado conseguir emprego é menor do que os outros trabalhadores. E uma vez empregado, a probabilidade de ele ser demitido é muito maior do que a dos outros trabalhadores. É uma conjuntura muito ruim para os jovens”.

No trimestre formado pelos meses de novembro e dezembro do ano passado e janeiro deste ano, a taxa de crescimento da ocupação (trabalho formal ou informal) foi de 0,9%. Entre as pessoas de 18 a 24 anos, não houve crescimento e sim, retração de 1,3% (O TEMPO,

2019). Apesar disso, no Brasil há políticas para a regulamentação da atividade profissional para jovens a partir de 14 anos de idade por meio de programas específicos.

Um dos assuntos recorrentes nas pautas que tratam de políticas públicas para a juventude é sem dúvida a sua inserção no mercado de trabalho. De uma maneira geral, percebe-se que cada vez mais jovens em idade escolar procuram pela oportunidade da experiência laboral.

CAPÍTULO 2 – O MUNDO DO TRABALHO E O JOVEM APRENDIZ

“A escola profissional não deve tornar-se numa incubadora de pequenos monstros aridamente instruídos para uma profissão, sem ideias gerais, sem cultura geral, sem alma, só com um golpe de vista infalível e a mão firme. Mesmo através da cultura profissional se pode fazer transformar a criança em homem, contanto que seja cultura educativa e não apenas informativa, não apenas prática manual”
(GRAMSCI, 1976, p. 101)

O segundo capítulo tem por objetivo abordar as diversas contradições do mundo do trabalho, relacionando a vulnerabilidade que o jovem apresenta, muitas vezes pela pouca experiência e qualificação. Versa sobre política pública da Lei de Aprendizagem que visa a proteção ao jovem trabalhador. Além de qualificar a instituição responsável pela formação dos egressos que participaram desta pesquisa.

2.1 Os entraves das (re)formulações para o mundo do trabalho

Na sociedade contemporânea é cada vez mais perceptível as exigências impostas pelo mundo do trabalho, fazendo com que as formas até então estabelecidas para o emprego se alterem e (re)formulem o contexto da estabilidade. Várias frentes de trabalho já cederam o seu espaço para a automatização e isso impõe que os trabalhadores estejam preparados para ocupar outros postos e muitos deles não terão ligação com a atividade exercida anteriormente.

Desta forma o trabalhador precisa buscar outras fontes de proteção e realização, visto que não há garantias. Segundo Antunes (2006) tal falta se deve ao modo de produção capitalista que exige uma mudança na forma do processo de trabalho que decorre do avanço científico e tecnológico onde cada vez é exigida mais qualificação e intelectualização da força de trabalho. O mesmo autor apresenta que estas mudanças são comuns a qualquer ramo de atividade e não é exclusiva do setor industrial, comercial ou de serviços.

Conforme apresenta Frigotto (2001) equalizar o trabalho como uma necessidade humana e um caminho para a liberdade do cidadão para Marx seria a forma de responder o que leva o homem ao trabalho da criação posto ao atendimento de suas necessidades que lhe são urgentes, melhorando-as com o emprego de novas tecnologias.

Para Frigotto (2001, p. 74) “o trabalho constitui-se, por ser elemento criador da vida humana, num dever e num direito”. Assim, devido a própria essencialidade humana não se pode desvincular o homem na natureza e da sua necessidade em transformá-la para o

atendimento de suas necessidades de sobrevivência e interação no meio. Logo, surgem as classes que detêm os meios e instrumentos de produção e aqueles que dependem da venda da sua força de trabalho para a sobrevivência.

Alguns autores como Castel (2000) e Frigotto (2001) abordam a *sociedade salarial* como uma forma que foi sendo alargada pela grande quantidade de sujeitos ocupantes de cargos salarizados que soavam como uma garantia, mas também como um *status* de proteção. Castel (2000, p. 244) cita que “o salariado se consolidou e se dignificou [...] e passou mesmo a ter um papel de atração, em torno do qual o conjunto da sociedade moderna se organizou”.

Ao mesmo tempo que ainda é possível constatar a corrida por uma vaga que lhe traga certas garantias também é verossímil ver crescer a busca por uma renda extra que possa complementar a quantia disponível para os gastos, inclusive os necessários a sobrevivência. Esta alternância pode ser elucidada pelas condições apresentadas em cada época, pelas dificuldades encontradas ao conseguir determinado posto de trabalho, visto que, as vagas estão cada vez mais exigindo uma certa qualificação e experiência comprovada, o que pode dificultar esta ocupação.

[...] uma sociedade salarial é uma sociedade que continua fortemente hierarquizada. Não é uma sociedade de igualdade, permanecem injustiças, permanece mesmo a exploração. É, também, uma sociedade conflituosa na qual os diferentes grupos sociais são concorrentes, mas é uma sociedade na qual cada indivíduo desfruta de um mínimo de garantias e de direitos (CASTEL, 2000, p. 245).

Para Frigotto (2001, p. 77) “a determinação mais profunda radica-se na própria essência do capital – acumular, concentrar, centralizar e, como consequência, excluir concorrentes e explorar a força de trabalho”. É um sentimento marginalizado pela própria imposição, ora (in)consciente do capitalismo.

Para o jovem iniciando sua experiência profissional tal fato tem um agravo maior, visto que, ainda não tem prática com nenhuma área específica, desta forma, a maioria se torna alvo para a exploração de sua força de trabalho e é exposto a condições subestimadas se comparados a um trabalhador já experiente.

Outrossim, pode sentenciar a dificuldade de estabilizar-se, pois, devido a sua vulnerabilidade, em qualquer situação de risco enfrentada pelos processos organizacionais este seria o primeiro a ser dispensado, aumentando na sequência o número de desempregados jovens.

As alterações na estrutura do mercado brasileiro estão relacionadas com processos iniciados após a globalização, as exigências em torno das dimensões dos serviços prestados

aumentaram sobremaneira e a acumulação capitalista toma o lugar do desenvolvimento acahado das últimas décadas interferindo, significativamente, nas relações de produção. De acordo com Silva; Galeto e Bastista (2020, p. 6) “após a virada do milênio, o Brasil vivera uma nova reorganização política, econômica e social, denominada neodesenvolvimentismo, que seria o marco que culminaria para deixar de lado a era neoliberal vivenciada na década anterior”.

No Brasil, as políticas públicas ainda negligenciam as múltiplas vulnerabilidades que assolam o jovem periférico, negro e pobre. A estes sujeitos vulneráveis a face do Estado que mais se apresenta é aquela punitivista. A proteção ao jovem cada vez mais se fragiliza, na medida em que a vulnerabilidade estrutural se acentua. A precarização das relações de trabalho faz com que o jovem vulnerável socialmente perca as parcas condições de promoção humana e social. Diante de um cenário de restrição de oportunidades e vantagens por parte do mercado de trabalho, do Estado e da sociedade, o que cresce são as situações de vulnerabilidade social dos grupos subalternos. A juventude é um dos grupos mais expostos a esse processo, pela sua própria condição de instabilidade, insegurança e marginalidade, quando pertencentes a grupos historicamente estigmatizados, como é o jovem negro e o periférico (SILVA; GALETO E BASTISTA, 2020, p. 7).

Essa desestabilização é perceptível no aumento significativo da *classe dos excluídos*, sejam eles trabalhadores não qualificados, desempregados e jovens a procura de emprego. Santos apresenta uma forma de fascismo societal denominado fascismo da insegurança, onde existe uma

manipulação discricionária da insegurança das pessoas e grupos sociais vulnerabilizados pela precaridade [*sic*] do trabalho, ou por acidentes ou acontecimentos desestabilizadores, produzindo-lhes elevados níveis de ansiedade e de insegurança quanto ao futuro, de modo a fazer baixar o horizonte de expectativas e a criar a disponibilidade para suportar grandes encargos para obter reduções mínimas dos riscos e da insegurança (SANTOS, 2002, p. 36).

2.2. A tenuidade do enlaço escola e trabalho: um breve relato brasileiro

Uma questão bastante debatida é sobre onde e quando começa a educação para o trabalho. Apesar de parecer até ingênua a resposta não é tão simples assim. Desde as primeiras manifestações acerca do assunto observa-se que toda a estrutura é bem definida para o mecanismo do Estado em oferecer possibilidades de profissionalização para os jovens das camadas mais pobres e que não teriam as mesmas chances dos jovens da elite, criando alternativas de qualificação de operários para as indústrias (KUENZER, 1991).

Com o desenvolvimento industrial no Brasil no início do século foi preciso desenvolver uma mão de obra que pudesse atender a grande demanda. Kuenzer (1991)

apresenta que havia uma separação entre as terminologias *educação* e *formação profissional*, sendo a primeira voltada para a instrução de caráter intelectual e a segunda para a preparação de quem desempenhasse os trabalhos de ordem manual, ou seja, “educação para a burguesia e formação profissional para o povo” (KUENZER, 1991, p. 9).

Desde a criação da escola de aprendizes artífices [1909] várias foram as tentativas para a estruturação de uma formação que atendesse esta necessidade crescente dos meios de produção, em 1942 e 1946, respectivamente, foram criados o SENAI e o SENAC, originários de incentivos do Governo Federal com manutenção das empresas. Nesta proposta da aplicabilidade prática das tarefas necessárias ao crescente desenvolvimento dos setores industriais e comerciais se desenvolve “paralelamente ao sistema regular de ensino” (KUENZER, 1991, p. 9).

Em 1961 a LDBEN – Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional, nº 4.024, estabelece “a equivalência plena entre os cursos propedêuticos e os profissionalizantes” (KUENZER, 1991, p. 10), ou seja, um de caráter científico continua formando aqueles que ocuparão os cargos hierárquicos mais privilegiados e os que se formam em cursos profissionalizantes para o magistério e atuação nas áreas industriais, comerciais e agrícolas, reforçando a separação entre a educação intelectualizada e a formação manual qualificada.

Em 1964, para garantir o desenvolvimento econômico, o Governo pretendeu diminuir a demanda pelo ensino superior, tendo como justificativa a *racionalização dos investimentos* e o *processo de desenvolvimento* (KUENZER, 1991). Em 1971 a proposta foi de unificação dos cursos propedêuticos e profissionalizantes, onde qualquer um, independentemente de sua classe social estaria sendo habilitado profissionalmente pela escola. Segundo a autora, diversos fatores impossibilitaram a efetivação desta propositura, seja por questões estruturais, conjunturais e do próprio empenho político.

Segundo a autora

o acesso a posições no mercado de trabalho não se define primordialmente através da passagem pela escola de 2º grau e sim pelas necessidades e peculiaridades conjunturais do sistema produtivo, sabe-se que a aquisição de um determinado saber sobre o trabalho na escola pode referendar ou não posições sociais determinadas pela origem de classe (KUENZER, 1991, p. 10).

Desta forma, fica clara a não continuidade de tal proposta, pois, ao analisar o sistema produtivo observa-se uma tecnologia cada vez mais latente, o que de certa forma simplifica as etapas produtivas com menos emprego de mão de obra, fora as exigências da demanda econômica que conseqüentemente aumentam a produção interna, isto sem considerar a

competição pela entrada de produtos estrangeiros no mercado. Logo, a oferta de vagas não consegue atender toda a demanda pelo emprego, sendo uma alternativa para estes trabalhadores o mercado informal.

Em 1975 o parecer 76 emitido pelo Conselho Federal de Educação ratifica o caráter complementar do ensino propedêutico e profissionalizante (KUENZER, 1991). Espera-se desta forma que o ensino de 2º grau seja mais abrangente e possa dar uma visão ampla do mundo preparando o estudante para adaptar-se as mudanças no mundo trabalho. Porém, o que se viu foram as escolas que preparavam as classes média e burguesa a continuarem seu encaminhamento para a Universidade e as escolas públicas com poucos recursos financeiros e outras tantas dificuldades estruturais não darem conta da formação geral e tão pouco da formação profissional.

Em todas as propostas existiu uma tentativa de resolver a educação através do atendimento aos meios de capital. Para se ter uma sociedade mais justa e igualitária é preciso tratar a carência estrutural que tem raízes mais profundas. A família sendo a base de toda a sociedade, onde estão os provedores daquela microestrutura, logo, existe uma lacuna muito maior que merece atenção. A escola é um meio e não um fim para resolver todas as questões, inclusive em sociedades que colocam o capital como o único interesse essa dualidade está longe de ser resolvida.

2.3 A legitimação danosa do trabalho infanto-juvenil

A condição capitalista em que vive a sociedade desde tempos distantes até hoje sempre levou, mesmo que de forma não tão explícita, a inserção prematura da criança ao trabalho. Para Sgarbi e Ferranti (2010, p. 4) “o trabalho, encarado como ajuda, entrava no circuito das invisibilidades”.

No país, em 2019, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 1,8 milhão de crianças e jovens realizavam trabalho infantil, sendo 1,3 milhão em atividades econômicas e 463 mil em atividades de autoconsumo (IBGE, 2020).

Está posta uma forma abrandada da exploração infantil. Estas crianças e jovens deveriam estar na escola, mas as políticas públicas vigentes encaram como uma forma mais apropriada deixar que isto ocorra do que proporcionar melhores condições às famílias, através de estímulos às grandes empresas para uma empregabilidade digna e favorecimento interno dos meios de subsistência.

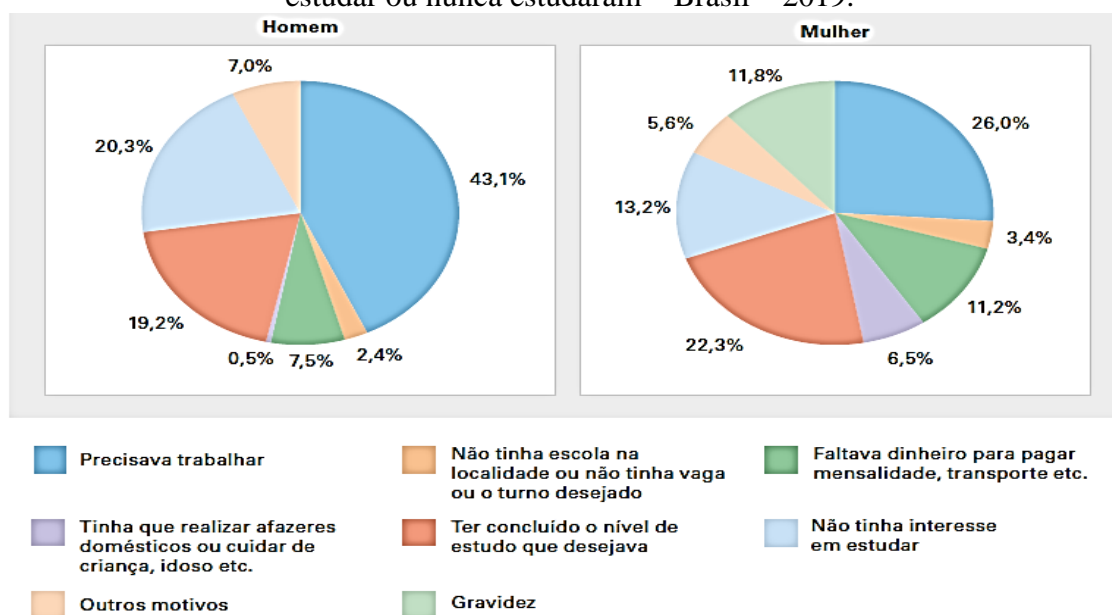
A questão é que a alternativa apresentada para amenizar a exclusão social é encaminhar a criança e o adolescente ao mercado de trabalho e dada a fragilidade destas relações acabam por limitar que os direitos ora garantidos sejam ignorados em favor do capitalismo dominante. Segundo dados da PNAD (2020) até 2014 o país vinha registrando um crescimento no consumo de bens e serviços, nos anos seguintes a capacidade econômica do brasileiro apresentou uma redução percebida pelos indicadores. Grande parte destes trabalhadores que ocupavam vagas formais de emprego passaram a compor os índices de desocupados pela subutilização da força de trabalho.

A discreta redução destas taxas em 2019 não foi o suficiente para recuperar o patamar desejável, mesmo porque houve redução nos níveis de participação do emprego formal, passando de 50,3% em 2012 para 47,3% em 2019. Em contrapartida, o número de trabalhadores sem carteira assinada passou de 19,7% em 2012 para 20% em 2019, enquanto os que trabalham por conta própria representavam 22,8% em 2012 atingiu em 2019 um percentual de 25,8% dos trabalhadores.

Por conseguinte, o jovem trabalhador também foi afetado, diversos apontamentos direcionam para a fragilidade que apresentam diante da grande procura por uma ocupação formal que lhe garanta os mínimos direitos e proteção que estão impressos na Lei.

Completar o ensino médio e ingressar em curso de educação superior melhora os níveis de ganho do trabalhador. De acordo com o IBGE (2020, p. 101) “em 2019, 23,8 milhões de jovens, de 15 a 29 anos de idade, sem ensino superior completo, não frequentavam escola, pré-vestibular ou curso da educação profissional”. Quando questionados a respeito do motivo de não terem completado os estudos a resposta mais recorrente entre os entrevistados foi *precisava trabalhar* representando 43,1% para os homens e 26% para as mulheres, conforme pode ser verificado nos dados referentes ao 2º trimestre de 2019, figura 1.

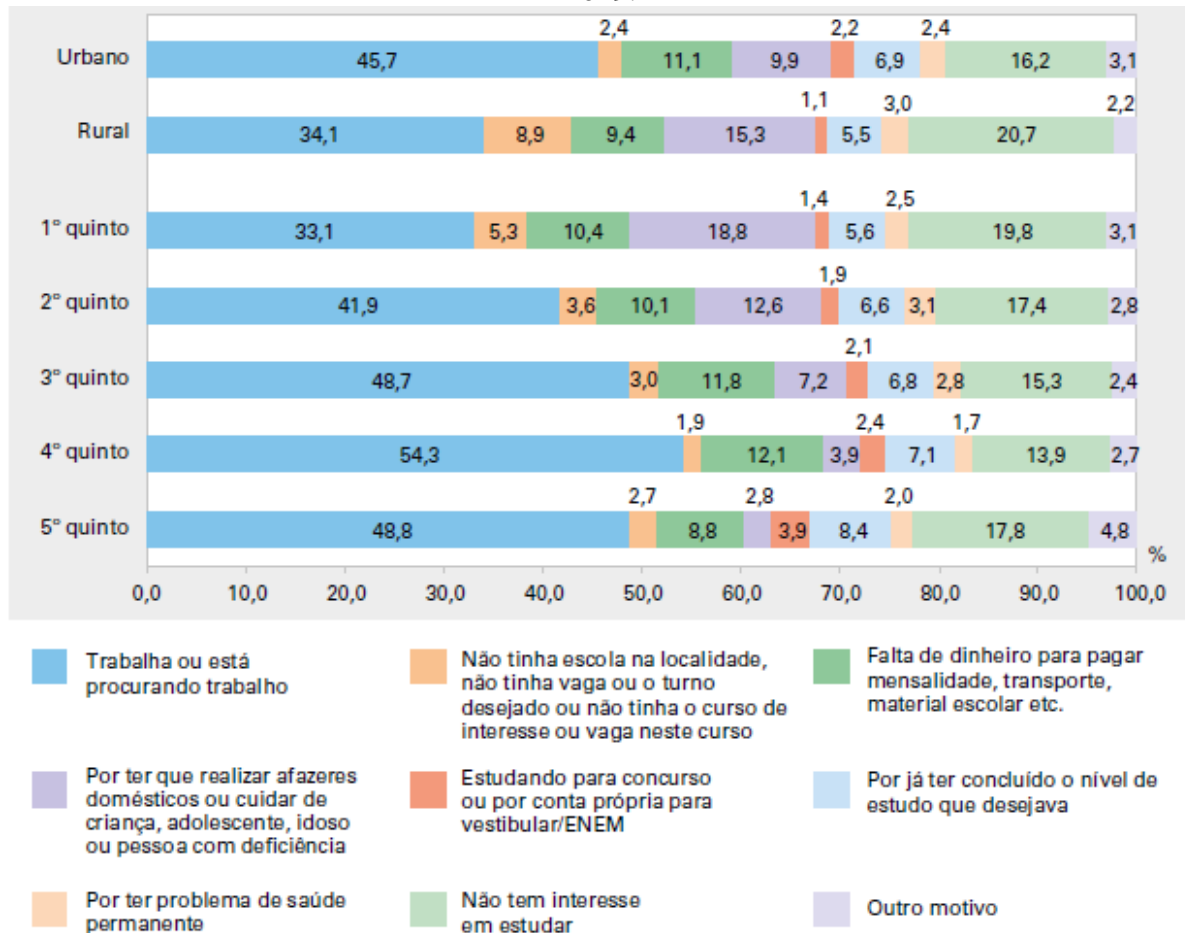
Figura 1 - Distribuição percentual dos jovens de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não tinham concluído o ensino superior, por sexo e principal motivo de que pararam de estudar ou nunca estudaram – Brasil – 2019.



Fonte: Síntese de Indicadores Sociais – IBGE/2020.

Ainda, na pesquisa apresentada pelo IBGE o quinto de rendimento mais baixo implica na justificativa do jovem de não estudar e estar envolvido com a procura de trabalho, cuidando de crianças, idosos o em afazeres domésticos. Esta representação pode ser observada na figura 2. Geralmente estas são ocupações não formais, que proporcionam baixos ganhos e nenhuma garantia, porém, não exigem qualificação e por isso são alternativas para aqueles que não continuaram os estudos e não possuem experiência comprovada.

Figura 2 - Distribuição percentual dos jovens de 15 a 29 anos de idade que não estudavam e não tinham concluído ensino superior, por motivo de não estudar, segundo a situação do domicílio e os quintos populacionais de rendimento mensal domiciliar *per capita* – Brasil – 2019.



Fonte: Síntese de Indicadores Sociais – IBGE/2020.

2.4 A Lei de Aprendizagem nº 10.097/00

O Programa Nacional de Aprendizagem compõe o rol de políticas públicas do governo com o intuito de integrar a educação e o trabalho, promovendo uma oportunidade para a inserção ao primeiro emprego e resguardando os direitos do jovem aprendiz para que sejam cumpridos conforme as determinações legais. Embora a prática do trabalho do menor sempre tenha ocorrido, a proposta é que atenda ao princípio da *proteção integral* com origem na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança em Assembleia Geral das Nações Unidas que reconhece a vulnerabilidade, a hipossuficiência da criança e do adolescente.

É uma resposta ao estamento social, moral e material em que se encontram grande parte destes jovens oriundos de uma classe economicamente menos favorecida. Corroborando com a procura prematura deste sujeito por uma vaga no mundo do trabalho para atender a

diversas expectativas, sejam de complementar o sustento familiar ou uma promoção individual para que tenha condições de suprir suas demandas juvenis. Contudo, levando-se em conta a pouca idade, a baixa escolaridade e a falta de experiência sempre exigida em processos seletivos que visam a ocupação laboral, alcançar esse posto se torna uma realização cada vez mais distante.

Existe a proibição explícita na Constituição Federal de 1988 quanto ao trabalho do menor de dezesseis anos, porém, a Carta Magna apresenta a ressalva da contratação do menor na condição de aprendiz, que neste caso, pode acontecer a partir dos catorze anos de idade. A própria Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, se encarrega de realizar uma abordagem sobre a promulgação da Lei nº 10.097/2000 intitulada Lei de Aprendizagem. Semelhantemente, o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei nº 8.069/1990 prevê o direito a aprendizagem visando sua proteção. De acordo com o art. 62 do ECA (BRASIL, 1990), “considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional¹⁰ ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor”.

Por conseguinte, é preciso não se deixar envolver por um pseudoargumento de que resolvida a formalização da primeira oportunidade laboral tal sujeito estivesse formado e pronto aos desafios latentes do mundo do trabalho. Ora, não se tem a certeza de que esta política é cumprida de forma igualitária em todo o território nacional, por vezes algumas empresas desconhecem o seu compromisso, em outras o empresário nega-se a cumpri-la até o momento que pode sofrer uma sanção da Lei, e por outras há a insuficiência de fiscalização para que em todo o percurso deste jovem o acompanhamento seja disponibilizado com vistas a trazer uma visão mais ampla e equânime que contribua com seu futuro.

Para ingressar como aprendiz, o jovem deve ter no mínimo catorze anos e no máximo vinte e quatro anos incompletos, além de estar cursando o ensino regular, caso ainda não tenha concluído o ensino médio. A prioridade é que a seleção seja realizada entre jovens em situação de vulnerabilidade ou risco social, conforme o art. 66, § 5º do Decreto nº 9579/2018. Vale ressaltar que, para o aprendiz com deficiência, esta idade máxima não é exigida, podendo inclusive, haver um adicional no prazo.

O Decreto nº 9.579/2018 regulamenta a contratação de aprendiz e estabelece parâmetros para o cumprimento da Lei. Desta forma, toda contratação que ocorrer entre os

¹⁰ Art. 63. A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios:
I – garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular;
II – atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente;
III – horário especial para o exercício das atividades (BRASIL, 1990).

jovens na condição de aprendizes deve ser pautada nos direitos trabalhistas e previdenciários, além da garantia da formação técnica e profissional. Assim, para ter validade o contrato deve ser anotado em Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS, sendo o vínculo como aprendiz condicionado a matrícula e frequência do jovem no ensino fundamental ou médio, resguardando o direito à escolarização. Neste caso, a comprovação deve ser realizada através de atestado da instituição de ensino regular.

Art. 428 CLT - Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de 14 (quatorze) e menor de 24 (vinte e quatro) anos inscrito em programa de aprendizagem formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar com zelo e diligência as tarefas necessárias a essa formação (BRASIL, 2018).

Outrossim, pontua-se que em nenhum momento a regulamentação de acesso deste jovem ao programa de aprendizagem mediante a continuidade dos estudos preocupa-se com o desempenho deste estudante, sendo que, o único empecilho que poderia contrariar a sua permanência seria não comprovar a sua assiduidade escolar.

Este quesito, especificamente, refuta a possibilidade de o jovem empenhar-se sobremaneira nos estudos, visto que o seu desempenho escolar de qualidade garantiria a empregabilidade para além do programa, oportunizando melhores condições para que pudesse disputar igualmente uma vaga em instituições públicas de ensino superior, porquanto muitos de seus concorrentes às vagas ofertadas no ensino superior passaram os últimos anos dedicados ao estudo metódico, tendo a possibilidade, inclusive, de reforço em cursinhos pré-vestibulares.

Assim, o que a priori se apresenta como uma oportunidade de ingresso no mundo do trabalho, na verdade, pode culminar com que este jovem passe a não ter a chance de concorrer a postos de trabalho que exijam uma profissionalização e lhe proporcionem melhores remunerações e condições de trabalho. Ou seja, o que se vê é mais uma vez a reprodução dos discursos em contraponto ao que está aplicado, sendo um modelo de desenvolvimento para dar respostas rápidas a sociedade e atender as demandas das classes mais populares.

Destaca-se que os cursos de aprendizagem oferecidos devem ser correspondentes ao Código Brasileiro de Ocupações – CBO¹¹. Entre as modalidades de aprendizagem profissional pode ser ofertada pelos programas aquela em nível de formação inicial que é

¹¹ A CBO é o documento que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro, organizadas e descritas por família. Foi elaborado com base na Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO). Cada família constitui um conjunto de ocupações similares

voltada para a qualificação em determinada e específica função ou ainda o arco ocupacional que consiste em um agrupamento de ocupações que possuem base técnica próxima e características complementares, garantindo uma formação que amplie as possibilidades de inserção no mercado de trabalho ao término do programa (MANUAL DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL, 2019).

A metodologia em arcos tem o intuito de oferecer um leque de possibilidades para o desenvolvimento de competências e vivências dos aprendizes nas empresas, possibilitando que dentro da mesma organização ele conheça vários setores de forma a contribuir com a sua experiência profissional.

Quadro 1 - Resumo da Lei 10.097/2000.

| | |
|---------------------------------------|--|
| Regulamentação | Lei de Aprendizagem 10.097/2000. Decreto nº 9.579/2018. |
| Aprendiz | Jovens com idade entre 14 e 24 anos incompletos. *Aprendiz com deficiência, não se aplica o limite de idade. |
| Instituição formadora | Entidade inscrita no CNAP (Cadastro Nacional de Aprendizagem), que oferece formação técnico profissional metódica. |
| Empresa | O estabelecimento que tiver ao menos 7 empregados em funções que demandem formação profissional, a cota é estipulada entre 5% e 15% sobre o total de empregados. |
| Remuneração | A Lei garante o salário-mínimo hora vigente, ou melhor condição salarial, caso exista. |
| Jornada de trabalho | Não ultrapassar 6 horas diárias. Caso tenha concluído o ensino fundamental e a jornada diária envolva atividades teóricas e práticas poderá chegar a 8 horas por dia, excepcionalmente. |
| Duração do contrato de aprendizagem | Prazo determinado, máximo de 2 anos. *Exceto para o aprendiz com deficiência, podendo haver tempo adicional. |
| Incentivos para a empresa contratante | Depósito FGTS mensal de 2%. Não há cumprimento de aviso prévio. Não há multa rescisória. |
| Órgão responsável pela fiscalização | Superintendência Regional do Trabalho. |

Fonte: Autora/2022.

Segundo o Manual de Aprendizagem Profissional (2019, p. 8) “a formação técnica e profissional deve ser constituída por atividades teóricas e práticas, organizadas em tarefas de complexidade progressiva [...]. O objetivo é proporcionar ao aprendiz uma formação profissional básica”. Contudo, é possível que alguns destes aprendizes exercem atividade que não se correlaciona diretamente com a teoria aprendida nas entidades sem ter a oportunidade de realizar o entrelaçamento destas duas formas de aprendizagem contrariando sobremaneira a sua condição específica de desenvolvimento.

O Glossário da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, apresenta a seguinte abordagem para formação técnica e profissional - educação técnica e profissional:

Termo abrangente que se refere àqueles aspectos do processo educacional que envolvem, além da educação geral, o estudo de tecnologias e ciências correlatas, além da aquisição de habilidades práticas, atitudes, compreensão e conhecimentos relacionados a ocupações em diversos setores da vida econômica e social. A educação técnica e profissional é também compreendida como: (a) uma parte integral da educação geral; (b) um modo de preparação para campos ocupacionais e para a participação efetiva no mundo do trabalho; (c) um aspecto da aprendizagem por toda a vida e uma preparação para a cidadania responsável; (d) um instrumento para promover o desenvolvimento sustentável e sólido do ponto de vista ambiental; e (e) um método de facilitar a mitigação da pobreza (GLOSSÁRIO UNESCO, 2016).

Observa-se neste contexto a amplitude do termo e a preocupação para além da instrução técnica que visa preparar pessoas para a ocupação de postos para atender a demanda meramente produtiva. Quando os esforços são para uma formação integral, para o mundo do trabalho é possível perceber apreensão para que o sujeito possa se valer de todas as experiências e habilidades para gerir a sua própria vida, respeitando os recursos naturais necessários a sobrevivência e solidarizando com as penúrias sociais. Para Marin (2006, p. 108) o curso profissionalizante deve ser "capaz de proporcionar uma qualificação que vá além dos restritos vínculos do saber para o trabalho e de incorporar dimensões sociais e culturais, reafirmando os jovens e sua família como sujeitos portadores de direitos".

O contrato de trabalho do aprendiz é por prazo determinado, o tempo máximo estipulado para que o jovem pertença ao programa de aprendizagem é de vinte e quatro meses, momento no qual o empregador deverá realizar o desligamento do aprendiz e o devido pagamento das verbas rescisórias, como, saldo de salário, décimo terceiro integral e proporcional, férias e um terço de férias integrais e proporcionais, saque do fundo de garantia por tempo de serviço.

Em alguns casos, quando a empresa possui vaga em aberto, este jovem muitas vezes é recrutado, principalmente por já ter tido a experiência adquirida na própria organização, o que é uma grande expectativa por parte dos participantes do programa. Todavia, em tantos outros casos o jovem simplesmente é desligado e não há um acompanhamento para identificar se a partir desta primeira experiência outras oportunidades surgirão.

A princípio o que se espera é que as regulamentações tenham realmente o efeito de produzir resultados e que não seja uma Lei de *gaveta*. Mas para isso é preciso disponibilizar recursos para que os diversos órgãos envolvidos tenham condições e o dever de agir em prol da equidade das relações que instituem, legitimam e disciplinam o interesse social em sobreposição ao capital. Em suma, defender o interesse de um grupo de sujeitos que pertencem a classe social menos favorecida é uma solução imediatamente eficaz frente a uma estrutura deficitária que não oferece condições dignas e igualitárias às famílias. Contudo, o que pode estar mascarado é a legitimação e a naturalização daquilo que vem sendo discutido no sentido de trazer novos horizontes ao problema do trabalho infanto-juvenil.

2.5 O programa de aprendizagem e a instituição formadora

O programa de aprendizagem possibilita o vínculo entre o jovem considerado pela Lei nº 10.097/00 como aprendiz e a empresa contratante, e deve estabelecer diretrizes para a sua qualificação profissional, sendo o que diferencia a contratação de um aprendiz de outra forma de relação de emprego.

A carga horária deve ser distribuída entre atividades teóricas e práticas, com acompanhamento psicopedagógico pela instituição formadora, que avalia o aproveitamento tanto da parte teórica quanto realiza visitas nas empresas para estabelecer o compartilhamento de informações sobre o desempenho do jovem nas atividades práticas, durante todo o contrato.

A estrutura do programa deve ser elaborada conforme as regras do Catálogo Nacional de Programas de Aprendizagem Profissional – CONAP e atender a uma exigência da Lei de Aprendizagem no tocante a formação profissional dos aprendizes, que deve acontecer tanto na instituição formadora com atividades teóricas, quanto na empresa com atividades práticas.

A instituição formadora é a entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica, sendo consideradas as apresentadas no art.50, incisos I, II e III do Decreto nº 9.579/18. A entidade deve estar cadastrada no Cadastro Nacional de Aprendizagem Profissional – CNAP, onde, será gerado o Termo de Compromisso da Entidade e o Termo de

Compromisso do Programa de Aprendizagem, cabendo a Superintendência Regional do Trabalho – SRTb, conferir, atestar e registrar o recebimento da documentação. Ao CNAP é preciso que a instituição formadora informe sobre as turmas criadas e os aprendizes nelas matriculados.

A Fundação de Ensino Técnico Intensivo Dr. Renê Barsam, ou simplesmente FETI, é uma fundação pública, criada pela Lei Municipal nº 2448/1975 e tem por finalidade promover a habilitação e qualificação profissional de jovens e adultos. Conta com dois programas de assistência ao adolescente em situação de risco de qualquer natureza, desenvolvidos pelo Departamento de Iniciação Profissional (IP) e o Departamento do Bem Estar do Menor (PROBEM), incorporados à FETI pela Lei Delegada nº 008/2005, onde a principal meta é propiciar condições para o desenvolvimento biopsicossocial do adolescente, através da profissionalização e da iniciação ao trabalho (FETI, 2021).

A principal proposta da FETI é preparar o jovem a partir dos catorze anos de idade em cursos que contribuam para desenvolver competências e habilidades com o intuito de promover melhores condições para os jovens que buscam a inserção e a reinserção no mundo do trabalho através do PJA, aliando o conhecimento teórico e prático com foco na área administrativa das empresas.

O Projeto Político Pedagógico – PPP da fundação encarrega-se de contextualizar a importância da aprendizagem em espaços não formais, sendo o sujeito exposto a situações reais criando empatia e possibilidades que expandam os horizontes e a troca dos saberes. A sua atuação no município de Uberaba e região visa “tanto o ingresso de alunos e aprendizes no mundo do trabalho como a realização de projetos socioeducacionais que estimulam o empreendedorismo, o protagonismo juvenil, a vivência da cidadania, o fortalecimento das ações pedagógicas e da parceria com as empresas” (FETI, 2020, p. 34).

O Decreto Municipal nº 4623/2019 apresenta a seguinte redação no regimento interno da fundação:

Art. 14 - A organização metodológica dos programas de cada curso é de responsabilidade do docente mediante orientação da coordenação pedagógica e deve observar a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO ou o Arco Ocupacional, as regras do Ministério da Economia, bem como respeitar os objetivos da Lei de Aprendizagem – Lei nº 10.097/2000 e do Projeto Pedagógico da Fundação.

Art. 15 – A duração dos cursos está vinculada às regras estabelecidas pelo Ministério da Economia e pela legislação vigente, bem como definições da Fundação, participação em ações do Projeto Corrente do Bem, observadas as necessidades do mercado de trabalho local e regional.

§ 1º - Os cursos devem ser concluídos somente após ter sido cumprida a carga horária mínima exigida pela legislação em vigor, ou seja, jornada teórica inicial de 80 (oitenta) horas na sede da Feti, antes do início da jornada diária.

§ 2º - Após o início da jornada prática, sendo 4 vezes por semana na empresa, e uma vez por semana na Feti, ainda, como complementação das 400 horas exigidas para jornada teórica, um encontro teórico extra por mês (UBERABA, 2019).

O art. 19 do regulamento interno da fundação apresenta uma sequência ao recebimento da matrícula deste jovem que passa pelos cursos de Iniciação Profissional que tem o objetivo de trabalhar diversos conteúdos, especialmente aqueles ligados ao próprio conhecimento das emoções individuais. Em seguida, algum destes alunos, por meio de seleção são encaminhados ao curso de capacitação que conta com uma carga horária de vinte horas com o intuito de preparar este jovem para uma entrevista de emprego (UBERABA, 2019).

Caso a empresa contratante não tenha o jovem para ocupar a vaga de jovem aprendiz, esta recorre à fundação que indica ao menos três jovens para cada vaga que passa por testes à cargo da empresa contratante, com o intuito de encontrar o jovem com o perfil necessário à vaga. Aquele aprovado é encaminhado para a contratação.

CAPÍTULO 3 - REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura desta pesquisa consiste no levantamento sistemático do *estado da arte* realizado por meio da busca em bases de dados: no Portal de Periódicos da Capes, no *Google Acadêmico*, no *SciVerse Scopus*, na *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, e na *Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico (REDIB)*. Segundo Romanowski

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (ROMANOWSKI, 2006, p. 39).

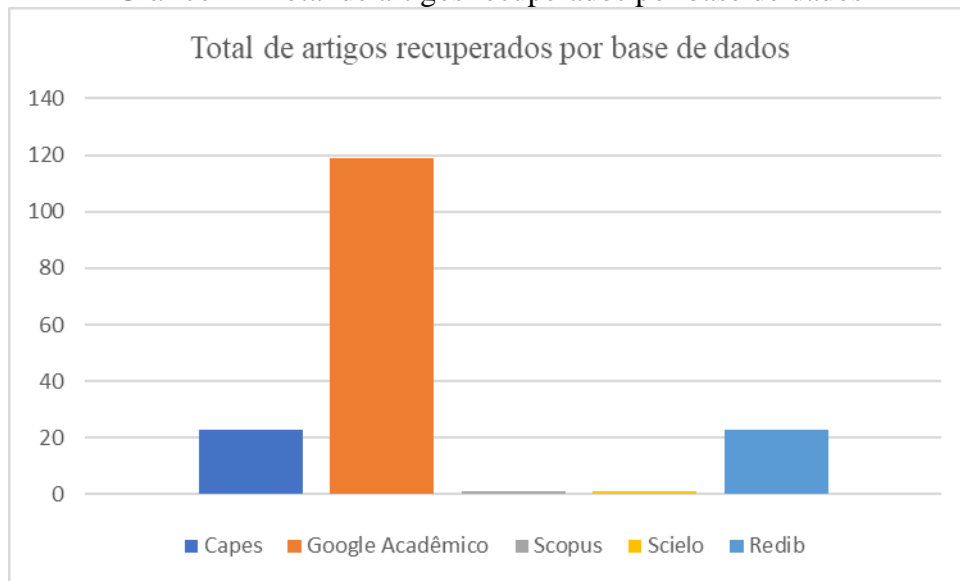
Levando em conta a importância já apresentada neste trabalho sobre a relevância do tema, faz-se necessário saber o que as publicações recentes versam sobre o assunto e ainda se os estudos levam em consideração o que estes atores sociais dizem e esperam da sua participação no programa e o que pensam sobre o seu futuro.

Desta forma, optou-se pela análise de artigos de periódicos publicados nos últimos cinco anos que incluíssem em seus títulos os descritores acrescidos do operador booleano¹² (*AND*), “jovem *AND* aprendiz” e “jovens *AND* aprendizes”, justamente por se tratar de tema amplamente abordado por diversas áreas de estudos e que vem ganhando certo destaque na discussão de políticas públicas que melhorem as condições adversas que, principalmente, jovens das camadas mais pobres enfrentam em relação à vulnerabilidade e incertezas quanto ao futuro.

No gráfico 1 é apresentado o total de artigos recuperados a partir das combinações apresentadas conforme a base de dados.

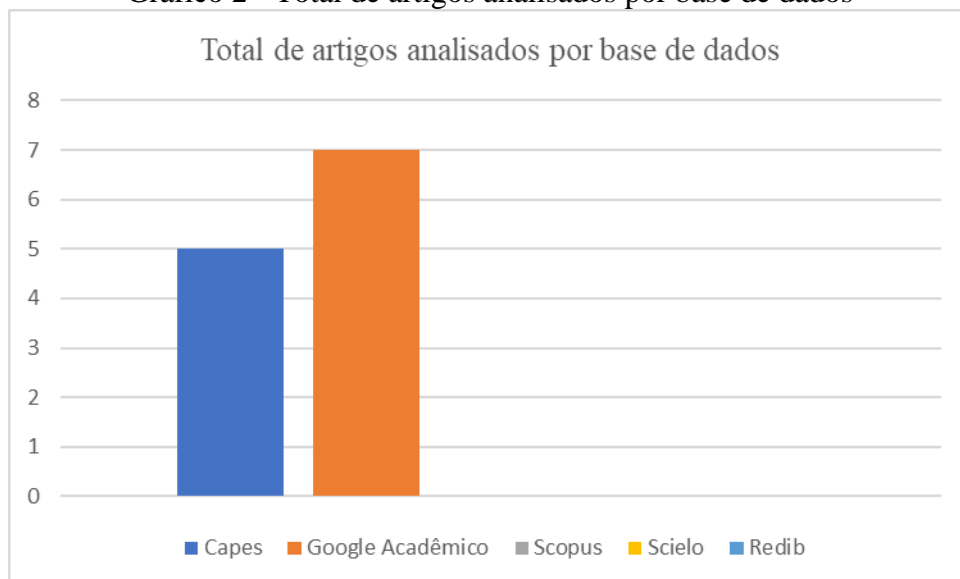
¹² A função do operador booleano é estabelecer uma relação entre os termos da pesquisa. Podem ser utilizados *AND*, *OR* e *NOT* dependendo do intuito, ser mais genérico ou não. Neste caso, *AND* combina os dois termos fazendo com que o resultado apresente esta combinação.

Gráfico 1 - Total de artigos recuperados por base de dados



No gráfico 2 é possível verificar o total de artigos analisados conforme a base de dados pesquisada.

Gráfico 2 - Total de artigos analisados por base de dados



Nesta primeira etapa foi realizada a leitura dos títulos apresentados na recuperação dos resultados, sendo selecionados aqueles textos que descrevessem informações acerca da temática desenvolvida como a inserção do jovem no PJA, os sentidos e significados do trabalho para este jovem aprendiz, sendo priorizado os textos que trazem relatos dos próprios aprendizes como protagonistas deste processo. Como pode ser observado na tabela 1, do total de 167 trabalhos recuperados foram selecionados inicialmente 19, sendo que destes, 7

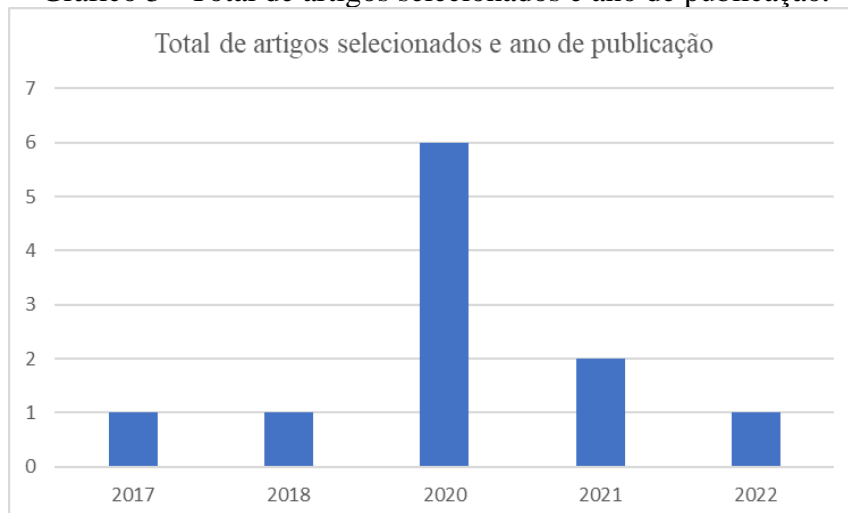
estavam repetidos e/ou apresentavam mais de uma versão no cruzamento das bases de dados. Sendo assim, a segunda fase considerou a leitura exploratória dos 12 artigos selecionados para que pudessem integrar este presente estudo.

Tabela 1 - Resultado da Pesquisa Bibliográfica realizada nas Bases de Dados – últimos 5 anos.

| Base de dados | Combinação | Resultado da busca | Artigos Selecionados | Repetidos | Analizados |
|---------------|----------------------|--------------------|----------------------|-----------|------------|
| Capes | "jovem AND aprendiz" | 23 | 8 | 3 | 5 |
| Google | | 119 | 10 | 3 | 7 |
| Scopus | "jovens | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Scielo | AND | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Redib | aprendizes" | 23 | 1 | 1 | 0 |
| TOTAL | | 167 | 19 | 7 | 12 |

É possível constatar que existe uma concentração de resultados recuperados na base de dados do *Google Acadêmico* talvez por ser uma ferramenta de busca aparentemente simples que retorna resultados de vários repositórios de teses, dissertações, monografias, resumos, artigos e até livros. Outras bases que também tiveram um retorno considerável foram a Capes e a *REdib*, ambas com vinte e três recuperações cada. Para ter contato com as publicações do Portal de Periódicos da Capes, criado para fortalecer as publicações nacionais visando a democratização da informação, é necessário acessar a Comunidade Acadêmica Federada - CAFE em instituições que são filiadas ao projeto. A *REdib* é uma plataforma que indexa publicações dos países ibero-americanos trazendo importantes contribuições para a área da educação.

Gráfico 3 - Total de artigos selecionados e ano de publicação.



Conforme observado no gráfico 3, o ano de 2020 apresenta a maior quantidade de publicações (6) que tratam do jovem aprendiz buscando compreender como ele próprio percebe a sua participação no programa, levantando-se a partir da sua fala o que veem de sentidos e significados que possam agregar à sua vida profissional e pessoal e de sua expectativa para além desta empreitada.

Os documentos selecionados abordam a relação dos egressos com questões sobre quais as motivações que os levaram a procurar o PJA, a grande dificuldade em conseguir o primeiro emprego além do que acreditam ser fatores importantes que contribuíram para o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

No quadro 2 é possível verificar algumas informações extraídas dos artigos selecionados para esta revisão de literatura, como: autor(es); ano de publicação; título do trabalho; objetivo e principais resultados e conclusões.

Quadro 2 - Dados dos trabalhos selecionados para a revisão de literatura.

| Autor (es) | Ano | Título do trabalho | Objetivo | Principais conclusões/Resultado |
|--|------------|--|--|--|
| Carvalho, E. F. de ; Carvalho, A. dos S. M. de ; Pereira, P. C. ; Guimarães Junior, J. C. | 2021 | Jovem Aprendiz: o adolescente no mercado de trabalho - Reflexões | Destacar a relevância do projeto jovem aprendiz como uma maneira de inserir os jovens no mercado de trabalho. | O projeto Jovem Aprendiz evidencia por seus desdobramentos positivos em diversos níveis da economia, sociedade e educação que existem meios possíveis e reais de apoiar os jovens, orientando-os, estimulando-os e mostrando que cabe a eles a atitude de querer a mudança, e de se esforçarem para serem bem sucedidos. |
| Magalhães, C. R. ; Granja, E. M. Dos S. | 2021 | Programa de aprendizagem e suas implicações ao acesso e continuidade no mercado de trabalho: um estudo com jovens aprendizes | Entender a funcionalidade das Políticas Públicas voltadas para juventude, por meio do Programa de Aprendizagem regido pela Lei nº 10.097 de 19 de dezembro de 2000, problematizando as dificuldades ao acesso e continuidade no mercado de trabalho. | Evidenciou-se a percepção dos jovens aprendizes sobre a dificuldade do ingresso no mercado de trabalho, devido à falta de experiência exigida pelo mercado, além da compreensão que o Programa de Aprendizagem é um facilitador para essas implicações, contribuindo com o desenvolvimento e a escolha de carreira desses jovens. [...] Portanto, entende-se que o Programa de Aprendizagem vem cumprindo o seu papel para os jovens que conseguem adentrar ao Projeto. Contudo, a sua abrangência precisa ser amplificada, a fim de melhorar o alcance da população juvenil. Desta forma, compreende-se que o plano traçado é eficaz, mas que ainda existe um longo caminho a seguir. |

| | | | | |
|-------------------------------------|------|--|---|---|
| Pereira, D. G.; Spíndola J. de O. | 2020 | Análise compreensiva da inserção no mercado de trabalho através do primeiro emprego: ser-jovem aprendiz. | Compreender o sentido e as percepções do Jovem Aprendiz ao iniciar suas atividades profissionais em uma grande empresa do ramo varejista na cidade de Manaus/AM. | Constatou-se diversos sentimentos e razões que levam os jovens ao desafio de entrar no mundo do trabalho, com ênfase para a liberdade e autonomia parcial financeira; colaboração com a renda familiar, mas há os que buscam compreender o funcionamento prático no mercado de trabalho, ter novas experiências. Conclui-se que os jovens começam a perceber as relações sociais para absorção de conhecimentos/aprendizagens, novas amizades, amadurecimento pessoal e profissional. |
| da Matta, R. L. S.; Ferreira, L. B. | 2020 | O Programa Jovem Aprendiz: uma análise a partir da ótica dos ex-alunos. | Analisar qual a percepção dos ex-alunos do Programa “Jovem Aprendiz” sobre o desenvolvimento de suas habilidades para atuação no mercado atual. | Os entrevistados se sentiam agradecidos pela oportunidade de terem passado pelo programa jovem aprendiz, sendo indispensável para a sua formação, o que contribuiu para seu o ingresso e permanência no mercado de trabalho. Diante disso, foi possível concluir que o Programa Jovem Aprendiz beneficiou os profissionais pesquisados, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades para atuação no mercado de trabalho, atuando dessa forma, diretamente em sua empregabilidade. |
| Parizzi, C. | 2020 | Jovem Aprendiz: narrativas sobre sua inserção no mercado de trabalho e aprendizagem. | Relatar os significados construídos pelos jovens acerca das relações entre trabalho e aprendizagem, e como consequência, o desenvolvimento pessoal e profissional. | A análise desses dados revelou a importância positiva da inserção do jovem no mercado de trabalho, desenvolvendo competências comportamentais e técnicas, mediado ao mesmo tempo, por tutores no ambiente de trabalho e por instituição formadora. |
| Lubke, L.; Da Silva, F. M. | 2020 | A inserção do jovem no mercado de trabalho: o olhar dos jovens aprendizes do Senac de Pelotas. | Investigar qual a percepção dos jovens participantes do programa Jovem Aprendiz do SENAC em Pelotas, no que diz respeito as suas expectativas e ansiedades frente ao ingresso no mercado de trabalho. | Constatou-se que a maioria ao concluírem os cursos, tem a expectativa de seguirem nas empresas sendo efetivados, caso não for possível a efetivação, com a experiência adquirida, pretendem ir em busca de outro emprego e fazer faculdade. Os jovens tem uma boa percepção em relação como está o mercado de trabalho hoje em dia, e estão se sentindo mais seguros em relação ao preparo que a escola formadora lhes proporciona dentro do programa para a inserção no mercado de trabalho. |

| | | | | |
|--|------|---|--|---|
| Costa C.; Wahba, L. L. | 2020 | O rito de passagem do jovem aprendiz: uma leitura junguiana | Aferir as expectativas de futuro dos aprendizes e a relação com suas motivações, os manejos psicológicos das adversidades e a vinculação com figuras de apoio. | A entrada do jovem no mundo ocupacional é motivada por expectativas de sucesso profissional e de ganhos financeiros, que enfrentam dificuldades e preconceitos, e que as figuras de apoio nessa aprendizagem profissional, entre elas o orientador, são percebidas como imprescindíveis para o engajamento diante das adversidades no ambiente de trabalho. |
| Colomby, R. K.; Silva, E. C.; Cheron, C.; Salvagni, J. | 2020 | Programas de Formação Profissional: a percepção dos jovens aprendizes | Analisar a percepção dos jovens aprendizes em relação aos programas para a formação profissional. | Os jovens concordam que a maneira mais efetiva de aprendizado se dá através do trabalho e estudo simultâneos. Nesse sentido, criticam a falta de conexão das aulas ministradas na entidade formadora com a prática na empresa. Por fim, destacam-se três características que, segundo os participantes, foram adquiridas ou desenvolvidas durante a experiência no programa: comunicação, relacionamento interpessoal e responsabilidade. |
| Graebin, R. E.; Matte, J.; Larentis, F.; Da Motta, M. E. V.; Olea, P. M. | 2019 | O significado do trabalho para jovens aprendizes. | Compreender o significado do trabalho para jovens que estão ingressando no mercado de trabalho por meio do contrato profissional de aprendizagem no Centro de Integração Empresa Escola – CIEE, unidade operacional de Caxias do Sul - RS. | Os resultados demonstram que a construção do significado do trabalho envolve experiência, conhecimento, dinheiro e realização. Fatores de criatividade, como autonomia, liberdade de trabalho, flexibilidade e reconhecimento não se mostraram relevantes, indicando que, mais importante do que o ambiente de trabalho em si é o que ele proporciona como fator social. |
| Da Rosa, D. D.; Coutinho, M. C. | 2019 | Juventudes e Trabalhos: trajetórias de egressos do programa jovem aprendiz | Compreender os sentidos sobre suas trajetórias construídos por egressos do Programa Jovem Aprendiz. | Evidenciam a necessidade de pensar ações relacionadas à qualificação, inserção e permanência dos jovens no campo laboral e expressam a multiplicidade e pluralidade das vivências da condição juvenil, educação e trabalho. |
| Da Silva, K. K. R.; Cruz, F. M. L. | 2018 | Sentidos de trabalho nas imagens compartilhadas por jovens aprendizes em Pernambuco | Analisar os sentidos de trabalho compartilhados por jovens do Programa de Aprendizagem Profissional em Pernambuco. | Os resultados apontaram na análise documental, que o modelo de profissionalização do programa nos pareceu superficial, generalista, a serviço do capital. Na segunda etapa, os sentidos de trabalho emergiram como: atividade inerente ao ser humano, meio de sobrevivência, ascensão social, independência, responsabilidade coletiva e direito. Na análise de |

| | | | | |
|--|------|--|--|--|
| | | | | conteúdo vimos também, ambiguidades e contradições: a correlação entre o trabalho representado como habilidade inata e os valores morais, na dimensão simbólica de reconhecimento social e familiar e, ao mesmo tempo, sentidos de exclusão, desvalorização e ocupação de um não lugar. |
| Pires, G. S.; Vasconcelos, E. O. F.; Gomes, A. D. da S.; Souza, M. A. N. | 2017 | Jovem Aprendiz como uma nova perspectiva de inclusão social | Analisar as contribuições do Programa Jovem Aprendiz na vida pessoal e profissional dos jovens belenenses. | Mediante as dificuldades e particularidades que os jovens enfrentam na busca do primeiro emprego, ficou evidente que o referido projeto contribui para transformação pessoal e social dos jovens em fase de desenvolvimento. Concluiu-se que a inserção do jovem no mundo do trabalho, pelo programa, os prepara com habilidades e competências que contribuem para a formação teórico-prática, modificando suas vidas no ingresso no ambiente profissional de maneira satisfatória. |

A partir das principais conclusões extraídas destes trabalhos verificou-se que muitos apresentaram resultados positivos desta passagem enquanto assistidos pelo programa. Algumas destas considerações, a partir do levantamento pelo contato com os jovens, destacam: (i) atitudes de mudança/transformação e esforço; (ii) liberdade; (iii) autonomia financeira; (iv) complemento da renda familiar; (v) ganho nas relações sociais (vi) amadurecimento pessoal e profissional; (vii) gratidão por terem feito parte do PJA; (viii) contribuição no desenvolvimento das habilidades e competências técnicas; (ix) importância da figura de apoio (na instituição formadora e empresa); (x) melhora na comunicação, no relacionamento interpessoal e responsabilidade.

Não obstante comprovar a necessidade deste jovem de certa forma sentir-se independente, inclusive financeiramente, é possível verificar através destas ponderações que os ganhos ultrapassam a questão complexa do capital. A relação social de contato com os seus iguais, da orientação do professor nas aulas teóricas e da hierarquia reforçada na empresa contribui muito para o seu amadurecimento. Muitos ainda se direcionam profissionalmente e vislumbram um futuro promissor a partir dos exemplos que acompanham.

Claro que, como uma política pública aplicada a nível nacional em um país com realidades tão distintas, existem lacunas que necessitam de reformulação, uma questão citada nestes resultados é sobre a melhoria do alcance juvenil. Para que este programa conquiste o

nível esperado de atendimentos a jovens de 14 a 24 anos que se encontrem em vulnerabilidade social, vários agentes devem trabalhar em conjunto para atingir determinado fim. A empresa, a instituição formadora e a secretaria de trabalho do Ministério da Economia. A empresa cumprindo a cota respectiva conforme a quantidade de funcionários que exercem atividades que demandem formação profissional, porém, é necessário que exista fiscalização e penalidades que sejam realmente aplicadas a quem não cumpre a Lei. Muitas empresas contam com o esquecimento por parte dos órgãos fiscalizadores e agem como se nada devessem.

As instituições formadoras por sua vez também têm o seu papel para o êxito deste programa, cumprindo com toda a exigência de estrutura física e pedagógica para que a teoria seja aplicada de forma a levar uma aprendizagem integral. Além do mais, as empresas precisam entender que os ganhos da contratação de um aprendiz são para além de reduções em encargos sociais e impostos. Cuidar para que este jovem aprenda e apreenda as técnicas e habilidades necessárias para formar o melhor profissional para o mundo do trabalho são ganhos que vão ao encontro da expectativa empresarial e a sociedade também é beneficiada de uma forma geral.

Os estudos apontaram para a emprego do método qualitativo, conforme pode ser comprovado na tabela 2, justamente corroborando com o instrumento e técnica aplicado de entrevista (tabela 3). Segundo Creswell (2010, p. 239), “em todo o processo de pesquisa qualitativa, o pesquisador mantém um foco na aprendizagem do significado que os participantes são ao problema ou questão, e não ao significado que os pesquisadores trazem para a pesquisa ou que os autores expressam na literatura”.

Tabela 2 - Escolha do método de pesquisa.

| Método | N. | % |
|---------------|-----------|------------|
| Quantitativo | 1 | 8 |
| Qualitativo | 9 | 75 |
| Misto | 2 | 17 |
| Total | 12 | 100 |

Outro apontamento é quanto a escolha dos instrumentos e técnicas utilizadas, conforme observa-se na tabela 3, a escolha pela entrevista, geralmente, “envolvem questões não estruturadas e em geral abertas, que são em pequeno número e se destinam a suscitar concepções e opiniões dos participantes” (CRESWELL, 2010, p. 214).

Tabela 3 - Escolha do instrumento e técnica de pesquisa.

| Instrumentos e Técnicas | N. | % |
|--------------------------------|-----------|------------|
| Entrevista | 9 | 69 |
| Questionário semiestruturado | 1 | 8 |
| Questionário estruturado | 3 | 23 |
| Total | 13 | 100 |

Almejando uma comparação sobre o número de citações em cada base de dados (tabela 4) foi realizado um levantamento nas plataformas onde estão depositados os artigos analisados, sendo que não foi possível verificar esta informação no Portal de Periódicos da Capes, já o *Google Acadêmico* considera diversas bases de dados favorecendo conhecer, por exemplo, qual o trabalho com maior relevância.

Tabela 4 - Base de dados e total de citações.

| Base de dados analisadas | N. citações | % |
|---------------------------------|--------------------|-------------|
| Capes | 0 | 0 |
| Google Acadêmico | 6 | 100% |
| Total | 6 | 100% |

Ao analisar as informações da Tabela 4 percebe-se que o número de citações é pouco expressivo, dentre os artigos analisados somente dois apresentam indicativos que integraram outros trabalhos. Acredita-se que pelo fato específico desta revisão considerar os sentidos que este jovem percebe do trabalho, outros estudos são muito direcionados à inspeção da própria política pública.

Considerando o trabalho *Análise compreensiva da inserção no mercado de trabalho através do primeiro emprego: ser-jovem aprendiz*, os autores Pereira e Spíndola (2020), que aparecem com duas citações no *Google Acadêmico*, preconizaram o exame a partir das falas dos aprendizes buscando pelo entendimento sobre como as relações neste período de suas vidas desenvolvem-se, com um misto de sentimentos pela oportunidade vivenciada que, de certa forma, atendem as suas expectativas juvenis de independência financeira, mas também por uma certa *insegurança* do desconhecido. Continuam os autores “são estas mudanças significativas que proporcionam as experiências de desenvolvimentos, como a mudança de postura e comportamento, a satisfação pelo novo e também um amadurecimento de maior ou menor grau junto a essas novas possibilidades” (PEREIRA; SPÍNDOLA, 2020, p. 469).

A abordagem realizada pelos autores Graebin; Matte; Larentis; Da Motta; Olea (2019) na pesquisa *O significado do trabalho para jovens aprendizes*, alcançam quatro citações no

Google Acadêmico, considerando ingressos do programa de aprendizagem evidencia que esta primeira oportunidade abre um leque de possibilidades para este sujeito que acredita que outras chances surjam a partir desta primeira e nela apoiam-se para o que seria a forma de concretizar seus sonhos. Outra questão muito importante levantada é sobre a possibilidade de contato com outras pessoas que contribuem para o sujeito formar a sua identidade, evidenciando inclusive a melhora em suas relações com a família e amigos, pois podem contribuir com os gastos domésticos, o que de certa forma destaca a sua responsabilidade e autoestima.

Embora o recorte temporal para esta revisão tenha sido dos últimos cinco anos é possível perceber que o tema sempre está em pauta em diversas áreas do conhecimento. Tal fato pode ser constatado na tabela 5 onde são apresentadas as áreas encontradas nos artigos analisados, sendo a área de Ciências humanas e sociais a que apresenta maior número de publicações (3), seguido pelas áreas de educação (3) e educação e humanidades (1). Entende-se, para efeito deste estudo que *humanidades* não deve ser segregado de educação, sendo que de acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) são consideradas oito áreas do conhecimento¹³. A grande área Ciências Humanas engloba as subáreas de (i) Ciência Política; (ii) Educação; e (iii) Psicologia.

Tabela 5 - Artigos por área de publicação.

| Área de publicação | N. de artigos | Percentual (%) |
|-------------------------------------|---------------|----------------|
| Política pública - Ciência política | 1 | 8 |
| Ciências humanas e sociais | 3 | 25 |
| Educação | 2 | 17 |
| Educação e humanidades | 1 | 8 |
| Ciência e conhecimento em geral | 1 | 8 |
| Ciências sociais aplicadas | 1 | 8 |
| Psicologia | 2 | 17 |
| Multidisciplinar | 1 | 8 |
| Total | 12 | 100% |

Através destes levantamos percebe-se que a problematização em torno do ingresso e permanência do jovem no mercado de trabalho é de grande relevância e não foi completamente explorada, restando aos estudos mais recentes discussões acerca do entendimento de como este processo permeia a vida deste sujeito.

¹³ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/arvore-do-conhecimento>

Não obstante considerar um país com carência de políticas públicas eficientes às populações menos favorecidas, emerge a intrigante urgência de adequar programas que possam atender com maior equidade as expectativas deste jovem, não somente quanto a sua entrada no programa, mas, principalmente quais os caminhos seguidos por ele após o término do contrato. Além do mais, tanto a instituição formadora quanto a empresa cotista precisam contribuir para a sua formação integral para que este jovem tenha a base teórica necessária e a prática enriquecedora que balizam o seu desenvolvimento profissional, para que esta experiência realmente possa fazer a diferença esperada em todos os sentidos de sua vida.

CAPÍTULO 4 – DA ANÁLISE DOS DADOS

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”. Larrosa (2002, p. 21)

A abordagem teórica inicial proposta pelo presente estudo auxilia o leitor a compreender como a juventude é vista em vários momentos na nossa sociedade. Na atualidade o protagonismo deste sujeito vem ganhando destaque em várias linhas de estudos. Algo que deve ser encarado como promissor, contudo, há de se estar atendo aos propósitos que tais políticas têm para proporcionar condições futuras de acesso a formação e ao emprego. Assim, em um segundo momento o estudo apresenta como as relações de trabalho acontecem para aqueles que segundo a literatura estão vulneráveis e suscetíveis a qualquer propósito, aparecendo como a parte mais frágil e sendo para os governantes uma pauta desafiadora e cheia de lacunas.

À propósito, ouvir o jovem é dar-lhe voz com a possibilidade de compreender os fenômenos que antecedem a sua entrada no PJA, além de analisar como todo esse processo transitório acontece ao deixar de ser somente estudante e adicionar a sua rotina também a responsabilidade de ser um jovem trabalhador o sujeito carrega-se de significados que pode impactá-lo, principalmente ao tratar com o outro, tendo a oportunidade de trazer para si os sentidos que a vivência e as observações lhe proporcionam.

Igualmente é um momento de escolhas, aproxima-se para a maioria a conclusão do ensino médio e a alternativa por cursar uma universidade, todavia para muitos isso ainda parece um pouco distante e a decisão mais cara seria aquela que lhe trouxesse resultados mais rápidos. Assim, o trabalho do jovem ganha destaque, mesmo que muitas vezes sem a preparação necessária este tenha que se sujeitar a ocupações que lhe garantam o mínimo para a sua sobrevivência.

Este estudo dedicou-se a entender quais aspectos mais relevantes na visão do egresso, seriam os mais determinantes na escolha pelo PJA. Além de apresentar quais os sentidos e significados o jovem aprendiz concluinte de um programa de aprendizagem acredita serem importantes para as suas relações de trabalho e formação profissional.

4.1 Procedimentos para coleta do material e métodos utilizados

A escolha da abordagem tem impacto direto na forma como os dados foram coletados e na maneira como são analisados. Como já mencionado, este estudo tem o objetivo de dar voz ao sujeito jovem como forma de compreender qual o sentido do trabalho e da formação profissional de um grupo de egressos de uma instituição formadora na cidade de Uberaba-MG. Para tal, optou-se por uma pesquisa qualitativa visto que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo nas relações [...]” (DESLANDES et al, 1994, p. 21-22). A técnica utilizada foi a da entrevista, por se tratar do procedimento mais usual em trabalhos de campo e porque “através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais” (DESLANDES et al., 1994, p. 57). Além do mais, a entrevista pode ser entendida como

uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico (DESLANDES et al., 1994, p. 57).

A análise das entrevistas desta pesquisa se apoia na obra de Bardin (2011, p. 38) que nos apresenta a técnica de forma resumida em sua obra *Análise de Conteúdo* “como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos¹⁴ de descrição do conteúdo das mensagens”. Sendo que o grande interesse não é na descrição do conteúdo, mas no que este poderá trazer de aprendizado (BARDIN, 2011, p. 38).

Bardin (2011) descreve as fases deste processo iniciando pela *descrição* (características do texto após a transcrição), a segunda como a *inferência* (fase intermediária que serve de passagem de uma à outra) e a última a *interpretação* (significação das características do texto).

Assim sendo, esta etapa referendar-se-á na transcrição realizada pelas nove entrevistas concedidas por egressos do PJA da instituição formadora FETI, realizadas diretamente pela autora desta pesquisa e apresentando as especificações adequadas para que demonstrem as impressões de emoção/pensamento/dúvida. O material utilizado como apoio aos sinais foi apontado pelos autores Favero; Andrade; Aquino (2000, p. 118; 119) em referência ao Projeto NURC/PUC. Porém, ressalta-se que cada pesquisador é livre para

¹⁴ Citação conforme tradução do texto original, na grafia atual considerar *objetivos*.

elaborar suas próprias normas e apresentá-las de maneira a evidenciar o seu teor para discussão, sendo dispensável a apresentação de erros gramaticais e vícios de linguagem.

Destaca-se que os dias e horários seguiram agendamentos prévios segundo a disponibilidade de cada participante. Devido a pandemia da Covid-19 e a regulamentação municipal pelo distanciamento, as entrevistas foram realizadas por meio virtual, através do aplicativo *Zoom Meetings*¹⁵, no período de 19 a 22/07/2021. É válido ratificar que esta pesquisa aprovada pelo CEP/UFTM - nº do parecer 4.759.713 cumpre todas as etapas do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e trata todos os respondentes por pseudônimos (nomes em desuso) e respeitam a coerência quanto ao gênero (feminino e masculino).

Para o levantamento metodológico, Minayo (2014) apresenta Alfred Schutz como o representante mais significativo do pensamento fenomenológico para uma abordagem compreensiva¹⁶ acerca da análise dos dados coletados.

A fenomenologia da vida cotidiana trabalha com o fato de que as pessoas se situam na vida com suas angústias e preocupações, em intersubjetividade com seus semelhantes (companheiros, predecessores, sucessores e contemporâneos) e isso constitui a existência social, por isso, o espaço e o tempo privilegiados nessa teoria são a vida presente e a relação face a face (MINAYO, 2014, p. 144).

Desta forma, acredita-se que o viver no coletivo, ou seja em grupos, faz com que as pessoas possam apresentar uma ideia sobre algo. Sendo assim, a experiência que estes atores sociais puderam apreender faz com que agregue a bagagem oportunizada nas relações de trabalho e na visão que têm sobre este mundo.

Tendo como base o exposto, inicialmente existe um interesse em saber qual o motivo leva o jovem a procurar o PJA. A maioria dos relatos indicaram a dificuldade de inserção no mercado de trabalho pela pouca idade e a exigência de que possuam experiência, porém, é algo contraditório sendo que a maioria nunca trabalhou, tem formação básica incompleta e nenhum conhecimento profissionalizante prévio que possa apresentar como uma vantagem.

[...] porque se eu fosse procurar fora não teria um direcionamento... além do que o programa:: indica pra:: empresas grandes e eu poderia ter mais oportunidades do que procurando por fora não tendo esse apoio... (ABÍLIO, 2021).

¹⁵ Zoom Vídeo Communications é uma ferramenta de videoconferência.

¹⁶ Sociologia Compreensiva: é uma ciência que se preocupa com a compreensão interpretativa da ação social, para chegar à explicação causal de seu curso e de seus efeitos. Em "ação" está incluído todo o comportamento humano quando e até onde a ação individual lhe atribui um significado subjetivo. A "ação" neste sentido pode ser tanto aberta quanto subjetiva. [...] A "ação" é social quando, em virtude do significado subjetivo atribuído a ela pelos indivíduos, leva em conta o comportamento dos outros e é orientada por ele na sua realização (Weber, 1964, p. 33).

[...] ingressar no mercado de trabalho... eu tinha esse interesse em:: participar em entrar para o mercado de trabalho né o primeiro emprego o tal sonhado primeiro emprego aí eu conheci a [...] né o programa jovem aprendiz e foi por isso que eu decidi participar... (VIRGÍLIO, 2021).

[...] na época eu estava com:: 19 anos né? e até então eu não tinha o meu primeiro emprego e estava em busca... (DEOLINDA, 2021).

então... de primeiro instante era por conta que eu:: acho que seria uma maneira mais fácil de estar conseguindo:: um:: emPREgo... mais fácil assim... por conta que eu via todos meus amigos trabalhando... e eu também queria estar trabalhando e:: pela minha idade eu acho que eu não conseguiria estar entrando em alguma empresa pelo fato de:: não ter a idade necessária que tanto é requisitada... (CIRILO, 2021).

porque:: assim... quando a gente ainda é menor:: é:: é o meio mais fácil da gente conseguir um emprego né? porque atualmente pra qualquer pessoa tá MUIto difícil arrumar né? a gente conseguir:: o primeiro emprego e ainda mais sem experiência é mais complicado ainda... então:: o programa jovem aprendiz abre muitas portas e facilita:: é isso... então a gente consegue o primeiro emprego sem ter experiência nem nada... e ajuda a gente bem mais do que a gente tem que procurar sozinho né... (OFÉLIA, 2021).

é:: então respondendo sinceramente eu:: eu tava com um pouco de dificuldade de arrumar emPREgo... pelo fato de eu estar fazendo tiro de GUerra... que eu tinha que acordar bem cedo e ((tipo)) para o meu primeiro emprego estava bastante difícil acessar o:: mercado de trabalho... [...]. (FAUSTINO, 2021).

Tais relatos ratificam a dificuldade encontrada pelo jovem que busca inserir-se no mundo do trabalho. A grande desigualdade econômica empurra este jovem mais cedo para o mercado de trabalho, podendo ser para complementar a renda familiar ou até mesmo para alcançar seus desejos de independência. Além da questão de pertencimento ao meio como é possível observar na fala de Cirilo (2021) “[...] eu via todos meus amigos trabalhando... e eu também queria estar trabalhando [...]”. Ou ainda como descreve Deolinda (2021) “[...] na época eu estava com:: 19 anos né? e até então eu não tinha o meu primeiro emprego e estava em busca...”, reforça a questão de uma obrigatoriedade oculta para o que seria inadmissível uma pessoa não estar ocupando um posto de trabalho com uma certa idade. Não obstante, as relações sociais e capitalistas têm grande influência nesta necessidade explícita.

Para Corrochano (2014) os jovens demonstram essa grande vontade de pertencer ao mundo do trabalho. O que acontece é que essa entrada é marcada por grandes desigualdades, desde a escolarização, sendo que o ensino médio é uma preparação para cursar o ensino superior, não prepara, especificamente para o trabalho. A mesma autora aborda que “para a maior parte daqueles que tiveram acesso a esse nível de ensino nas duas últimas décadas, a realidade de trabalho, de bicos ou de um constante *se virar para ganhar a vida* combinam-se às suas vidas de estudantes” (CORROCHANO, 2014, p. 206).

É importante considerar que para uma determinada parcela de jovens, oriundos de classes mais abastadas, este realmente ainda não é o momento de preocupar-se com a ocupação laboral, pois estão no caminho de preparação da profissão que escolheram, dedicando-se aos estudos e a formação que lhes possibilite abraçar postos de direção nas grandes organizações.

Sendo assim, pôde-se observar que dois egressos relataram que já tiveram um trabalho remunerado informal, o que realmente acontece com muitos jovens que não têm acesso a programas que, instituídos por Lei, resguardam seus interesses.

não... não... eu:: já trabalhei:: sem::... sem carteira assinada... só que:: com serviços que:: do tipo... vender picolé::... essas coisas sabe? só que eu morava em Belo Horizonte na época... e:: lá também é:: um pouco meio difícil de achar emprego porque lá é preciso de uma qualidade muito técnica quando você vai:: procurar algo... e lá ((*tipo*)) não é fáCIL... aí eu fiquei fazendo esses serviços assim um pouco mais manuais de forma:: autônoma mesmo... e:: entender um pouco de dinheiro mas quando eu era bastante novo não sabia administrar e:: é isso... (FAUSTINO, 2021).

O PJA ratifica que a sua grande demanda são jovens em busca da primeira oportunidade laboral, que além de proporcionar-lhes a primeira experiência também leva o conhecimento profissionalizante e o ajuda a executar com técnica a função que lhe é confiada.

sim:: foi bastante:: vamos dizer assim:: pra mim foi muito importante... porque além do mais eu aprendi bastante coisa... e:: com isso eu consigo levar isso para minha vida inteira... portanto:: tudo o que eu vou fazer:: “*tipo*” eu sempre coloco de aprendizado... o que eu aprendi lá em primeiro lugar... (CIRILO, 2021).

foi sim:: a minha:: foi muito:: ((*risos*)) muito emocionante ((*risos*)) na verdade porque do nada você tá estudando aí ((*tipo*)) você passa por um processo:: todo... eles te treinam... eles te auxiliam pra você poder fazer os ((*trem*)) tudo certinho... foi muito:: muito boa essa experiência... (QUITÉRIA, 2021).

foi... porque:: eu já:: eu já tinha feito o curso no (...) com carteira assinada mas era só curso... a gente recebia... mas:: eu não tinha contato com a empresa nem nada... agora:: no jovem aprendiz lá:: foi o primeiro contato porque aí eu fui pra emPREsa né? tive contato com o pessoal de lá:: com o pessoal do trabalho... não foi só a parte de ficar estudando... fui para o trabalho mesmo... (OFÉLIA, 2021).

foi... foi... assim é:: eu saía com meu avô né? meu avô era:: pedreiro... eu saía com ele pra:: ajudar... fingir que tava ajudando né? mas::... a oportunidade... a primeira realmente... a primeira oportunidade que eu tive com o trabalho... com o mercado de trabalho foi com o:: jovem aprendiz... (ULISSES, 2021).

É possível apreender que o jovem tem a preocupação de não simplesmente dizer que tem um trabalho, ele quer aprender, sabe que é importante, que existe alguém capacitado para lhe auxiliar nas tarefas, que possa tirar suas dúvidas e é justamente o que percebem com a oportunidade de estarem no programa. É possível perceber em alguns fragmentos das falas o

quão importante é ter alguém que possa ser o seu tutor enquanto aprende o ofício “[...] *além do mais eu aprendi bastante coisa*[...]” (CIRILO, 2021), é o que também observa Quitéria (2021) “[...] *you pass through a process:: todo... eles te treinam... eles te auxiliam pra você poder fazer os ((trem)) tudo certinho... foi muito:: muito boa essa experiência...*”.

Um fato muito peculiar que chama a atenção é o relato da egressa Ofélia (2021) “*foi... porque:: eu já:: eu já tinha feito o curso no (...) com carteira assinada mas era só curso... a gente recebia... mas:: eu não tinha contato com a empresa nem nada...[...]*”. A respondente relata já ter participado de um programa onde fazia um curso, tinha a carteira (CTPS) assinada, mas não havia contato com a parte prática. Demonstra que o curso era somente teórico, o que leva a crer que existam outras instituições como a mencionada que não se preocupam em atender todos os requisitos que estão contidos na Lei de Aprendizagem, no sentido de realizar uma abordagem ampla e segura, permitindo que este jovem possa aplicar na prática da empresa o que aprende na teoria da instituição formadora.

Contudo, na instituição que serve como *locus* desta pesquisa, a respondente deixa clara a sua impressão “[...] *agora::: no jovem aprendiz lá:: foi o primeiro contato porque aí eu fui pra emPREsa né? tive contato com o pessoal de lá:: com o pessoal do trabalho... não foi só a parte de ficar estudando... fui para o trabalho mesmo...*” (OFÉLIA, 2021), o que Ulisses (2021) também faz questão de mencionar “[...] *a oportunidade... a primeira realmente... a primeira oportunidade que eu tive com o trabalho... com o mercado de trabalho foi com o:: jovem aprendiz...*”.

É imprescindível que estes programas sejam fiscalizados com maior frequência, que passem por reformulações constantes para que atendam tanto as regulamentações legais quanto ao propósito de formar o jovem tanto com a bagagem teórica quanto com a vivência do dia a dia das organizações. É, inclusive, uma forma de deixá-los mais seguros quanto as novas possibilidades que surgirão após esta etapa em suas vidas. Lembrando que o jovem é uma esponja e absorve não somente a técnica, mas também a forma intrínseca em cada atitude que precise demonstrar.

Para Corrochano

[...] pode-se afirmar que a busca por trabalho realizada pelos jovens não deve ser atribuída exclusivamente a questões econômicas relacionadas à necessidade de sustento ou de apoio às famílias. Para além da necessidade, demandas de maior independência, o consumo de bens materiais e simbólicos e a realização pessoal também podem constituir-se em motivações para a inserção no mundo do trabalho (CORROCHANO, 2014, p. 213).

Realmente as demandas destes jovens são muitas e diversificadas e estão diretamente ligadas às suas escolhas. Mesmo que muitos necessitem do emprego para complementar a renda familiar existem momentos que pode ser a única forma de entrada de recurso financeiro para fazer frente às despesas urgentes. Outrossim, mesmo que a garantia da Lei seja pelo salário-mínimo hora, algumas empresas, por imposição de acordos coletivos estendem alguns benefícios aos aprendizes, como exemplo, a coparticipação em planos de saúde, cesta básica e até participação nos resultados.

contribuía:: bastante a:: o salário e também o:: o benefício que a empresa que eu trabalhava dava uma:: cesta básica... então ajudava bastante... (ABÍLIO, 2021).

complementar minha renda familiar... (QUITÉRIA, 2021).

ele:: contribuía sim... contribuía... eu:: moro com a minha mãe... e:: ela::: amigou com uma pessoa... e como eu tinha muitos gastos por eu ser de maior... na época eu comecei ajudar ela também dentro de casa... mesmo sendo pouco dinheiro mas dava para fazer ((*tipo*)) uma dupla função ali eu gastava um pouco comigo e:: o que dava pra ajudar eu ajudava... (FAUSTINO, 2021).

Por vezes, algumas famílias optam por impor certas responsabilidades desde o início, colaborando de forma indireta para uma organização financeira deste jovem. Mesmo que seja uma pequena participação no pagamento de alguns gastos, ter o compromisso mensal com determinada quantia auxilia-o a ter uma noção de planejamento sobre suas finanças individuais.

Para Corrochano (2014, p. 2016) “entre os jovens mais pobres, por exemplo, a necessidade de apoiar a família é um dos principais sentidos do trabalho, mas não é o único”. Assim, é possível também deparar com relatos que confirmam o exposto:

as duas partes... sempre:: era:: dividido um pouco pra minha responsabilidade dentro de casa quanto pra minha vida pessoal... (CIRILO, 2021).

assim é::: minha mãe colocou muito a questão de responsabilidade... eu acredito que com você ganhando o salário... você tem uma certa responsabilidade não só no trabalho mas também em casa né? porque você tem:: tem moradia... você tem gasto com comida... energia... etcetera... então ela sempre colocou que eu tinha que ajudar em casa... entendeu? não que às vezes não precisava... mas que eu tinha que ajudar em casa justamente por essa responsabilidade que eu tinha que começar a ter desde cedo... então... eu ajudava... é um salário assim é:: não era muito o salário né? mas:: todo mês eu contribuía com cem reais aqui em casa... assim... independente do que fosse gasto era minha parte de tá:: é:: colocando esse salário aqui em casa uma parte dele... (ULISSES, 2021).

Não obstante, alguns destes jovens confirmam que não necessitam ajudar em casa. Ora, deixar seu salário somente para seus gastos individuais também seria uma maneira de

contribuir com os pais ou responsáveis que de certa forma, deixariam de ter aquele comprometimento oneroso pela compra de um tênis novo ou aquele valor para o cinema com os amigos. É também uma forma de resguardar as suas finanças, desde que tenham em mente que existe um valor máximo para seus gastos limitados aos seus ganhos mensais.

na época que eu trabalhei como jovem aprendiz ele só era utilizado pra:: pra renda pessoal pra minha renda pessoal ele não contribuía não porque o salário é um pouco baixo né? então eu comprava:: as minhas coisas assim... (VIRGÍLIO, 2021).

sim era pra meu uso pessoal... eu:: não assim:: ajudava algumas coisas em casa mas não aquela:: diária né? que não precisava... então eu só usava pra mim... (DEOLINDA, 2021).

é só pra gastos pessoais mesmo... (OFÉLIA, 2021).

É possível perceber que esta escolha depende de vários fatores, não sendo igual para jovens da mesma idade por apresentarem diferentes realidades. Aqueles que conseguem esse aporte familiar não somente no apoio para continuarem seus estudos, mas também para gastos financeiros aleatórios, postergam essa entrada no mundo do trabalho por entenderem que poderão gozar de melhores oportunidades e de postos de trabalho que lhes proporcionarão um maior retorno na remuneração.

O trabalho como possibilidade de independência também constitui um sentido importante, sendo um dos motivos para busca de trabalho em jovens com níveis de renda mais elevada. A independência como um dos sentidos do trabalho pode ser considerada o mínimo múltiplo comum para as jovens gerações de diferentes grupos sociais. Essa independência, que permite a eles a chance de se identificarem e de serem identificados como jovens, não é conquistada apenas pelo dinheiro e pelas maiores chances de consumo, mas pelas possibilidades de circular pelos espaços, de não ficar apenas em casa, de ganhar o mundo da rua, especialmente entre as jovens mulheres (Corrochano, 2014, P. 216).

Muitos jovens demonstram preocupação com a falta de certezas e carência de expectativas futuras sobre a inserção em uma instituição de ensino superior. Estes fatores podem contribuir para encararem a dupla jornada, entre a escola e o trabalho. Alguns relatam que conciliar a escola e o trabalho no início é bem difícil, pois são responsabilidades muito distintas e caso não estejam completamente alinhadas uma pode interferir no desempenho da outra.

no começo sim, no começo é:: muito novo né? tudo muito novo, eu estava acostumado apenas a estudar:: né? é:: estudava de manhã e trabalhava à tarde né? então foi um pouco difícil, um pouco puxado, cansativo né? mas aí:: a gente acostuma né? comecei acostumar:: né? comecei a ter mais disciplina com os

horários... flexibilizando os horários:: aí começou a dar certo... mas no começo eu tive muita dificuldade sim... (VIRGÍLIO, 2021).

Contudo, é importante destacar que quando VIRGÍLIO (2021) declara “[...] *comecei a ter mais disciplina com os horários [...]*” é um fato muito relevante e que apresenta uma conotação bem positiva. Muitos jovens declarados somente estudantes não conseguem ter a disciplina com o estudo, pois envolvem-se com redes sociais, jogos, amigos da rua/bairro e isso absorve muito o tempo. Fora que não há controle, como por exemplo, com quem este jovem conversa, a quais perigos *invisíveis* estão expostos. Muitos deles, hoje em dia, estão eminentemente em perigo sem se quer saírem de casa, pois através de um simples acesso às redes virtuais podem ser alvo de aliciadores e cair em grandes golpes.

[...] você tá acostumado a só estudar... vamos por... estudar de manhã e ficar a tarde talvez estudando também algumas coisas ou ficar fazendo nada... então quando tem esse choque né? essa troca de realidade que muda bastante né? [...]então a partir do momento que você troca essa realidade é um choque muito grande... então foi onde você tem que se adaptar muito bem entendeu? você tem que:: você tem que fazer o possível pra... por exemplo... não ficar mal na escola... mas também:: não afogar muito no trabalho entendeu? porque querendo ou não você vai criando uma responsabilidade no trabalho... [...] (ULISSES, 2021).

Outro ponto que igualmente merece destaque é sobre a adaptabilidade, constante na vida do ser humano. Por mais que exista uma preparação, um planejamento, é necessário criar mecanismos de flexibilização para as demandas do dia a dia. Essa organização deve estar presente desde cedo na vida da criança e de certa forma também passa pelo processo de amadurecimento até que chegue à vida adulta. Conciliar os estudos e o trabalho sem que haja prejuízo de um em detrimento de outro não é tarefa fácil, porém é a realidade de grande parte da população, os filhos da classe trabalhadora, onde o estudo noturno é a única alternativa para não abandoná-lo mediante a necessidade urgente de ocupar-se de trabalho remunerado durante o dia.

Alguns dos aprendizes egressos disseram não sentir nenhuma dificuldade na conciliação da escola e do trabalho, dois deles relataram já ter terminado o ensino médio como é o caso de Deolinda (2021) “*nesse momento não porque eu já tinha terminado né? a escola... então:: eu já ficava por conta do:: do:: do curso mesmo e da prática na empresa... estava sempre por conta...*” e Faustino (2021) “*não... não... não encontrei não... no caso já tinha acabado a escola então:: foi um pouco mais fácil... [...]*”.

Após a conclusão do ensino médio, última etapa da educação básica regular, muitos jovens não conseguem inserirem imediatamente em cursos superiores por vários motivos. O

trabalho aliado a primeira experiência laboral é realmente uma alternativa enquanto decide qual profissão escolher, inclusive ter contato com outras pessoas no ambiente de trabalho pode auxiliar nesta decisão, sem falar, é claro, a preocupação de como financiar os estudos caso não consiga cursá-lo em instituições públicas. Há inclusive aqueles que acreditam não ter encontrado nenhuma dificuldade e suspeitam que trabalho e estudo devem caminhar juntos.

não... de maneira alguma... eu achei:: foi até interessante por conta que são duas peças fundamentais que andam lado a lado ... então... se você tem um emprego... você precisa também de um estudo... então... pra você tá conseguindo almejar algo melhor na sua vida você tem que ter um:: estudo... então... acho que isso foi bastante importante... não:: senti dificuldade de nada... (CIRILO, 2021).

Todavia, Corrochano (2014, p. 207) enfatiza que “o trabalho, em suas diferentes formas, faz parte da realidade de parcela considerável dos estudantes do ensino médio”, para Moura (2017) esta necessidade pode ser caracterizada como sendo mais que uma ocupação, é a forma que o jovem encontra para perfazer a renda familiar, atender aos seus próprios consumos além de sentir-se útil e pertencente ao meio. Assim, percebe-se que as diferentes motivações que levam o jovem a ingressar no mundo do trabalho antes mesmo que ele conclua a educação básica ganham relevância para ele como ser social, a cada novo contato, a cada nova vivência absorve a complexidade e a amplitude que tem não somente a força de trabalho empregada, mas também as relações entre os seus iguais e os colegas de trabalho.

Para Larrosa (2002, p. 21) o modo como nos colocamos diante dos outros e do mundo tem a ver com as palavras, ou seja, elas dão sentido ao que acontece com o ser humano. É a forma de expressar através destes símbolos que faz com que ele se diferencie de outros animais. O autor apresenta a emblemática definição de Aristóteles para o homem *zôon lógon échon*. Para Larrosa (2002, p. 21) a tradução “é muito mais *vivente dotado de palavra* do que *animal dotado de razão* ou *animal racional*”. Desta forma, a palavra é o próprio sentido da forma como o homem se define, como sente, como enxerga tudo e todos à sua volta. Não é algo vazio, sem profundidade, quando busca em seu repertório uma palavra que expresse o sentido que algo lhe apresenta é ele próprio nomeando o que viu e o que sentiu.

Talvez seja exatamente por isso que o trabalho representa além do emprego da força, da forma, ele expressa uma realização própria do ser humano, do que pode alcançar, do seu próprio crescimento intelectual e pessoal.

Figura 3 - Nuvem de palavras produzidas a partir das respostas da questão 5 – O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?



Fonte: a autora (<https://classic.wordclouds.com/>).

Com efeito, a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...] A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21). Naturalmente, quando questionados sobre o que representa o trabalho, os egressos deram certa ênfase em suas narrativas para algumas palavras ou expressões, o que de certa forma chamou a atenção desta pesquisadora (figura 3).

Sendo o contato inicial com o universo do trabalho, estes jovens demonstram quão enriquecedora foi a oportunidade do primeiro emprego, demonstrando que, o que tiraram de proveito é para além da questão metódica de arquivar um papel ou encaminhar um ofício. Larrosa (2015, p. 18) chama a atenção no sentido que “nunca se passam tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”. Decerto por exigir sensibilidade para compreender o que está intrínseco, que o ser humano não é o centro e sim uma parte importante para o funcionamento de algo maior, mais complexo. Esses sujeitos demonstram que foram tocados

para além das relações produtivas, o que enfatizam diz respeito ao seu próprio crescimento, algo que ninguém poderia lhes dizer como é, como acontece.

Analogamente, corrobora com o pensamento da escola, não o substitui, porém, o complementa. Porque é além de ter a informação que uma determinada tarefa deve ser realizada de uma forma ou de outra, essas representações não foram repassadas como forma de instrução, elas foram absorvidas, foram sentidas, houve um tempo para se pensar a respeito, para analisar, para mudar e testar o comportamento.

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2002, p. 24-25).

Em outras palavras, somente passa pela experiência o sujeito que arrisca, que se permite tirar o melhor proveito da lição, pois não há aquilo que em dado contexto não se possa aproveitar. Aquele que não convive, que não troca, não faz uso da experiência, não tem sentido para ele a ação, pois não está exposto a negativa, a reprovação, ao burilamento daquilo que era dado como certo. Talvez seja justamente por isso que ao serem perguntados sobre o que considerava sobre as relações de trabalho e o convívio com outras pessoas no ambiente profissional e se isso lhes trouxeram ganhos, os respondentes puderam relatar sobre o que os ajudou de forma indireta no trabalho.

[...] me ajudou nisso:: a ser simpático [...] a:: ser mais aLEgre mas no meu jeito de de me comunicar... (ABÍLIO, 2021).

[...] ter empatia [...] saber se colocar no lugar da pessoa [...]algumas pessoas não trazem tanto benefício assim:: né? sempre tem aQUEle ou outro que às vezes não dá certo:: mas até com esses também eu tenho aprendido né? é:: aprendo a não ser igual:: [...] aprendo a ME portar a ter uma postura decente [...]até as pessoas que são negativas elas agregam também... a gente tem que saber olhar por esse lado também... (DEOLINDA, 2021).

[...]da maioria das vezes sim na maioria das vezes não... por conta que:: local de trabalho sempre vai haver desavenças... sempre vai ter alguém (*tipo*) tentando destruir você... só que da melhor maneira possível você procura sempre tá mostrando o seu melhor lá dentro... então assim:: dentro de um local de trabalho você consegue também tá transmitindo confiança e também tá conseguindo confiança das pessoa” (CIRILO, 2021).

clARO:: ((risos)) em:: todo:: todo o sentindo né? [...] as discussões por exemplo... algum puxa orelha daqui outro puxão de orelha lá:: ou:: as riSAdas... os mata serviço... vamos dizer assim né? as conversas fiadas... sempre:: sempre é positivo... você vem desenvolvendo habilidade de conversação... habilidade de comunicar com outras pessoas... outras vivências [...] (CRISPIM, 2021).
 [...]... eu tive muitas pessoas que sempre me ajudaram em tudo... em tudo... não precisava... eles não tinham nenhuma:: nenhuma obrigação mas estavam ali para me ajudar... [...]... (QUITÉRIA, 2021).

[...]olha foi marcante... porque assim... foi meu primeiro emprego igual eu falei... eu era:: eu me considerava uma pessoa tímida... tinha vergonha de estar conversando com pessoas que eu não conheCIA nem nada... então isso me ajudOU muito e eu acho que é algo que eu vou levar para o resto da minha vida... (OFÉLIA, 2021).

[...] como eu tinha dito a questão interpessoal ela se eleva né? a um nível que:: você não sabia que tinha porque até o momento eu não tinha lidado com pessoas diferentes a não ser na escola... e:: a gente pode não conversar pessoas na escola mas no trabalho a gente tem que ter uma:: um comportamento bastante ético e:: moral... e uma das coisas que:: me ajudaram... colocar em primeiro lugar assim:: eu acho que é evolução mental sabe? de compreender melhor as coisas... mesmo aquelas que eu não eu não tenho interesse tanto assim eu posso compreender porque faz parte de um setor diferente do trabalho... [...] (FAUSTINO, 2021).

[...] é um ganho... um ganho muito bom... assim você tem que... principalmente eu acredito... que o que você aprende é CONviver com as pessoas... eu acredito que no mercado de trabalho um dos piores problemas que a gente tem hoje... às vezes assim... você pode ser a pessoa super inteligente que sabe tudo de excel... por exemplo... mas se você não souber conviver com pessoas você não vai saber se adaptar... então o mercado de trabalho é isso... você preCISA conviver com pessoas é necessário... totalmente necessário... [...] (ULISSES, 2021).

Porquanto, Larrosa (2002, p. 25) nos apresenta que “a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Mediante as falas dos egressos pôde-se apreender que o contato com outras pessoas no ambiente de trabalho possibilitou situações diversas, muitas até então romantizadas pela vivência teórica de que as organizações são grandes times e que todos estão para o mesmo objetivo. Vez ou outra é possível esbarrar com uma opinião divergente, com diferentes formas de liderança, umas que agradam mais e outras nem tanto. Porém, é preciso aproveitar deste contato para experienciar aquilo que é contrário e que faz crescer e desenvolver o senso crítico.

Para Larrosa (2002, p. 19), “o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”. De fato, os fragmentos extraídos como ideias centrais de seus depoimentos reafirmam que os significados são dados no coletivo e a partir do pensar sobre essa relação isso começa a fazer sentido e a transformar essa construção, como é possível perceber nestas falas: “*ter simpatia*” (ABÍLIO, 2021); “*se colocar no lugar do outro*” (DEOLINDA, 2021); “*transmitir confiança*”

(CIRILO, 2021); “*comunicação*” (CRISPIM, 2021); “*auxílio*” (QUITÉRIA, 2021); “*vencer a timidez*” (OFÉLIA, 2021); “*comportamento ético e compreensão melhor das coisas*” (FAUSTINO, 2021); “*convivência*” (ULISSES, 2021).

A concepção do significado de trabalho configura uma construção elaborada pelo coletivo em um determinado contexto histórico, social e econômico. Já o sentido é decorrente de uma experiência individual e subjetiva, sendo baseado nos significados coletivos. Transformações dos sentidos e significados do trabalho estão constantemente ocorrendo, uma vez que são estabelecidos a partir de uma relação dinâmica com a realidade (DUTRA-THOMÉ; KOLLER, 2014, p. 368).

Diante disto, Larrosa (2002, p. 25) elucida que “a experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente”. Em decorrência deste processo, desta travessia que é o existir, o homem necessita buscar sentido para tudo o que faz, das suas atividades do dia a dia, seja em família, lazer ou no próprio trabalho. Muitas vezes cria uma imagem mental, uma figura de representatividade de uma sensação boa ou ruim, ou simplesmente uma palavra que expresse sua percepção.

Desta forma, os entrevistados expressaram através de palavras a imagem que melhor representa o tempo em que participaram do PJA. Todos os respondentes foram unânimes em relatar o quão importante foi essa experiência, citando como “*contato com pessoas*” (VIRGÍLIO, 2021); “*desafio*” (DEOLINDA, 2021); “*gratidão*” (CIRILO, 2021) e “*relações*” (CRISPIM, 2021).

Para Larrosa (2002, p. 25) “o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião”. Tendo em vista o quão desafiador é este empreender em busca do primeiro emprego, os sujeitos têm suas imagens construídas a partir daquilo que lhes é mais marcante, talvez pelo fato de realmente representar uma quebra de paradigmas e um superar-se.

a imagem que eu tenho:: é:: quando eu trabalhava no atendimento ao público o **contato com as pessoas**:: a:: aquela rotina de todo dia conversar com uma pessoa... conversar com outra isso pra mim foi era muito gostoso... eu adorava... (VIRGÍLIO, 2021, grifo nosso).

ah:: **desaFIO**... é o que:: é o que eu lembro né? principalmente você que sempre tentava incentivar a gente a fazer uma coisa inovaDOra... a:: gente sair daquele... daquela zona de conforto... do nosso mundinho... e por pra fora aquilo que a gen... as nossas ideias né? e a experiência que eu tive né dentro do problema foi essa de eu despertar o meu conhecimento pra aquilo que antes eu:: não:: não tinha motivação para tal né? através dos profeSSOres através do jeito que era feito eu me senti

desafiADA a fazer algo novo e essa foi a melhor experiência na minha vida... dentro do programa... (DEOLINDA, 2021, grifo nosso).

olha:: bastante **gratificante**... porque eu acho que se não fosse pela (...) pelo... por isso:: eu não teria chegado onde eu cheguei... como havia dito e:: acho que isso é bastante importante pra mim porque... é:: foi onde eu fiz muitas amizades... consegui empregos onde nunca mais (*tipo*) nunca passou pela minha mente que eu iria conseguir:: então... poder trabalhar em uma empresa vamos dizer multinacional não é para qualquer um... não é fácil... e eu tenho extremo reconhecimento e:: (*tipo*) foi basTANte importante mesmo... sou muito grato pela (...)... agradeço até hoje pela oportunidade e:: se um dia eu puder voltar... com certeza eu voltarei... (CIRILO, 2021, grifo nosso).

então:: algo que sempre marca é as **relações** relacionamentos né? os relacionamentos que continuam após o término de contrato... das amizades... tanto do pessoal do trabalho mesmo que você não leva lá pessoal mas você tem aquele contato profissional... é:: acho que é mais essa questão mesmo... (CRISPIM, 2021, grifo nosso).

foi sim... toda vez que eu passo na frente do meu serviço que eu não estou lá mais eu falo... nossa que saudade de trabalhar aqui... nossa como eu queria voltar a trabalhar aqui... que hoje eu trabalho em pé... hoje eu trabalho das três horas da tarde até onze e meia em pé no restaurante... eu tive oportunidade de ficar sentada e trabalhar na frente do computador::... então sim... toda vez que eu passo na frente do serviço... do:: da empresa onde eu trabalhei eu sinto falta daquilo... eu sinto saudade de olhar e falar nossa aquilo:: aquilo foi real... aquilo me ajudou bastante... muitas coisas... muito bom... (QUITÉRIA, 2021).

ai meu Deus ((*risos*))... olha foi marcante... porque assim... foi meu primeiro emprego igual eu falei... eu era:: eu me considerava uma pessoa tímida... tinha vergonha de estar conversando com pessoas que eu não conhecia nem nada... então isso me ajudou muito e eu acho que é algo que eu vou levar para o resto da minha vida... além da oportunidade né? porque a gente poder colocar no currículo HOje que já tem experiêNcia... isso já conta bastante porque além do tempo que a gente trabalhou também conta o curso né? então já agrega bastante... (OFÉLIA, 2021).

Dos sujeitos entrevistados, oito encontram-se no mercado de trabalho. Há o relato de um jovem que montou um pequeno negócio de delivery e relata boas possibilidades de expansão.

estou sim:: mas não trabalhando:: pra outra pessoa eu tenho minha própria empresa eu abri um CNPJ MEI... e:: hoje minha:: minha empresa né meu pequeno negócio tá em tá em toda plataforma de delivery... eu:: pretendo expandir o meu negócio... é:: expandir a cozinha... focar só no delivery por enquanto... mais pra frente quando eu vir que compensa eu:: vou abrir um negócio físico né, uma loja física... [...] (ABÍLIO, 2021).

Outros relatam estar empregados:

sim eu estou no mercado de trabalho atualmente né... desde a época de aprendiz:: é:: pretendo sim:: assim... aqui aonde eu trabalho eu me descobri em duas áreas né? porque como aprendiz a gente tem essa versatilidade... você pode ter vários lugares fazendo várias coisas né ser multifuncional... e eu descobri na área de segurança algo que eu gosto bastante... é:: tem muita abrangência de conhecimento e eu amei

trabalhar:: e hoje eu já faço o curso técnico de segurança do trabalho... [...] (DEOLINDA, 2021).

é:: hoje eu estou... eu estou estagiando... então assim... não é carteira assinada nem nada né? porque por conta de ser estágio é só o contrato de estágio mesmo... (OFÉLIA, 2021).

sim... eu estou no mercado de trabalho... inclusive na mesma empresa que:: que eu fiz a (...) só que em setor diferente... eu tinha:: tinha acabado o contrato com a empresa e a:: chefe do RH ela tinha:: é:: falado que ia conseguir uma vaga no setor... assim que abrisse essa vaga - não tinha vaga de arquivista ainda - aí:: assim que abriu ((*tipo*)) passaram uns dois meses que eu estava desempregado... eu estava trabalhando até:: de fazer salgado... aí:: não estava dando muito certo... foi lá e ela me ligou... aí ((*tipo*)) eu fiquei bastante feliz eu perguntei se era no mesmo setor ela falou que não ela falou que era como arquivista... e hoje eu estou trabalhando com ela... [...] (FAUSTINO, 2021).

é:: eu estou sim no mercado de trabalho... atualmente trabalho de auxiliar administrativo na (...) eu trabalho na intralogística né? que eu trabalho com... uma parte interna da logística que realmente é a logística em si... no transporte... eu trabalho diretamente com esse pessoal... e é uma experiência muito boa né? que eu estou tendo... (ULISSES, 2021).

Os jovens descrevem suas expectativas em relação ao futuro profissional e confirmam o interesse em cursar um curso superior, provavelmente por saberem que desta forma poderiam ter mais opções e melhores oportunidades ao almejar uma vaga de trabalho.

[...] eu quero assim me qualificar né em psicologia também no clima organizacional da empresa... é recrutamento processo seletivo então assim esses são os meus leques né que através do meu trabalho eu consegui ter... então pretendo sim fazer futuramente faculdade... (DEOLINDA, 2021).

[...] minha expectativa para o futuro é o seguinte... da maneira que eu venho sempre falar... eu :: tento dar sempre o meu melhor... sempre buscar experiências novas... conhecimentos novos...então... eu acho que:: através disso tudo a gente consegue chegar onde a gente quer... e:: hoje... atualmente... eu tô:: entrando/ingressando agora na área de construção civil... é:: uma área bastante complicada mas que assim... eu tenho bastante curiosidade... então eu tô indo buscar novos conhecimentos e: quem sabe né? a gente não forma aí... não consegue fazer uma faculdade de engenharia civil daqui para frente... (CIRILO, 2021).

[...] eu tô esperando né? ((*risos*)) voltar as coisas ao normal pra fazer:: pelo menos uma EADzinha de logística aí pra agregar mais ao meu currículo... (CRISPIM, 2021).

[...] eu preTENdo:: formar né? terminar a faculdade porque sim... eu estou fazendo faculdade... eu estou cursando direito... já estou indo para o sexto período agora... e:: eu preTENdo prestar algum concurso público... (OFÉLIA, 2021).

[...] ah e sobre a faculdade eu pretendo sim pretendo fazer faculdade de:: fisioterapia... só que eu preciso levar bastante eu não estou empenhado muito na escola ainda não mas::... vai dar certo... vou começar a estudar a partir do mês que vem... (FAUSTINO, 2021).

[...] e SIM... é:: eu tenho vários é:: eu penso em fazer faculdade e também penso no meu futuro profissional que é até a segunda pergunta... é questão profissional eu

vejo:: que eu tenho... eu trabalho... eu faço isso justamente porque eu quero ter um futuro:: não... não posso te falar na logística:: em si... mas eu:: quero ter um futuro brilhante profissionalmente... pretendo ter... e pra isso eu penso em fazer uma faculdade... eu penso em fazer:: assim... não... não tem muito a ver com o que eu trabalho agora mas:: eu acredito que influencia também... eu quero fazer engenharia de controle e automação... e:: que assim... a indústria 4.0 tá vindo aí para o Brasil né? espero que venha também... não só indústria como a logística também que vai impactar demais do nosso trabalho lá que eu... que eu vejo né? que vai facilitar muito e:: muito... (ULISSES, 2021).

As transformações cada vez mais dinâmicas em termos tecnológicos refletem sobremaneira na formação profissional trazendo novas conotações para o mundo do trabalho. Inegavelmente, estes avanços apresentam recursos que possibilitam a crescente produtividade, porém, em termos de precariedade a relação se torna mais volátil e a escolha determinante de um caminho profissional realmente gera expectativas e dúvidas. Talvez, justamente por isso a oportunidade de experimentar alguns postos de trabalho e ter contato com áreas diversas possa ser um direcionamento na decisão mais acertada ao ingressar no ensino superior.

Figura 4 – Nuvem de palavras produzidas a partir das respostas da questão 9 – Complete a frase: O trabalho tem sentido se...



Fonte: a autora (<https://classic.wordclouds.com/>).

As marcações simbólicas a partir do sentido do trabalho apresentadas na figura 4, representam a própria condição humana que contempla o trabalho como algo indissociável. Assim, ele transforma o homem, não há completude se não há o esforço empregado como forma da aplicação de sua energia, seja ela manual ou intelectual. Para o trabalhador o seu esforço representa mais que o capital, é a forma como se impõe, como se apresenta perante seus iguais. Desta forma, sente-se livre e almeja propósitos maiores como proporcionar condições básicas à família e em seu meio.

se a gente tiver força de vontade... por conta que:: não adianta você querer ir trabalhar em um lugar... falar assim (*pô*) eu não gosto de trabalhar aqui... então se você quer trabalhar... o trabalho ele é importante... então... você (*tipo*) se você quer trabalhar você tem que ir com a motivação... você tem que ir com a mente (*tipo*) hoje meu dia vai ser excelente... eu vou conseguir bater minhas metas e vou conseguir executar todas as minhas atividades... (CIRILO, 2021).

se você se sentir bem... eu acho que é uma parte BOa aí... foi inclusive uma das coisas que me fez ali:: recusar:: a proposta de emprego que me fizeram... porque eu pensei e repensei várias vezes... qual que seria uma... qual que seria a outra... por um lado tinha tinha a questão de desafios e mudanças e rotinas e mudança de remuneração que seja... sabe? um desafio novo né? algo inesperado... e do outro lado tinha:: aquela questão né tipo de relacionamento o teor de família também... porque lá na empresa é bem familiar... aí:: eu:: preferi né... até perdi o começo da pergunta aí (*risos*)... (CRISPIM, 2021).

tem::... o trabalho tem muito sentido... (*silêncio*) eu acho que assim:: é:: se uma pessoa:: me perguntar e falar assim:: porque eu trabalho tem sentido para você? eu vou virar pra ela e vou falar:: porque se a gente não trabalhar não correr atrás daquilo que a gente quer a gente nunca vai conseguir alcançar aquilo que a gente deseja... então o trabalho tem muito sentido para nós? tem... pra muitos NÃO... por conta de preGUIça... pelo fato de::... ah eu não consigo... e isso e aquilo... só que se você não tiver:: persistência naquilo que você quer você nunca vai conseguir aquilo que você deseja... então:: sim trabalho:: ajuda nós em muitas coisas... (QUITÉRIA, 2021).

se a gente se dedicar... (OFÉLIA, 2021).

se você fizer bem... (FAUSTINO, 2021).

é:: o trabalho tem sentido... se você fizer vale a pena... porque é muito fácil você trabalhar pra ganhar dinheiro... acredito que:: o trabalho não é só dinheiro... eu vejo meu trabalho hoje... o dinheiro a consequência para mim... não... não querendo ser egoísta ou nada mas eu acredito que a experiência que eu tenho hoje... que eu ganho hoje... com o meu trabalho é:: superior ao meu ganho salarial... entendeu? eu estou lá... eu tô lá quatro meses se eu não me engano... e a experiência que adquiri lá não só no trabalho em si... mas também trabalhar COM PEssoas né? que isso eu acho que é muito importante... então eu acho que o trabalho você tem que fazer valer a pena... você tem que dar seu esforço... entendeu? vai passar momentos MUito difíceis mas... (*cara*) vai passar momentos difíceis mas amanhã você vai olhar pra trás e (*pô*) eu passei por aquilo entendeu? então:: assim acho que isso cada vez te faz mais forte também não só profissionalmente mas também como pessoalmente - não era pessoalmente queria falar era outra... (ULISSES, 2021).

Baseando-nos, reiteradamente, no pensamento de Larrosa (2002, p. 26) “o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”, percebe-se que os sentidos e significados a partir da partilha social imposta pelos meios de produção oportuniza ao jovem aprendiz situações análogas ao trabalhador em condições normais de emprego, e estas por sua vez desenvolvem-se em cada um de forma a tirar-lhes o melhor proveito dos treinos diários da convivência, transformando-o, como é possível confirmar, por diversas vezes, em seus discursos carregados de implicações de valorização favoráveis da perspectiva profissional e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma abordagem acerca das juventudes, entendida no plural por muitos autores devido às várias conotações que sugerem mediante o tempo e o meio que estão inseridos. Concebida como uma passagem da infância para a vida adulta, onde já não são crianças que seguem fielmente o que seus pais e responsáveis lhes impõe, também não tem a independência que a vida adulta cobra. Essa transição para muitos desses sujeitos representa um desbravamento, querem afirmar sua autonomia, conquistar sua independência financeira, tomar as rédeas da própria vida. Acontece que este período coincide com o momento da escola básica, é um tempo em que não deveria ter outra preocupação a não ser a de se destacar enquanto estudante, visto que, desta forma poderia com uma certa tranquilidade formar-se profissionalmente.

Todavia, é preciso entender que enquanto *juventudes* para muitos desses sujeitos o caminho é cheio de obstáculos. O filho do trabalhador assalariado muitas vezes não tem outra escolha a não ser a de inserir-se precocemente no mercado de trabalho. Sem ainda possuir a maioridade, sem ter concluído o ensino médio e longe de ter em mente a profissão escolhida, é levado a procurar uma ocupação que lhe proporcione retorno financeiro para complemento da renda familiar, ou ainda, em alguns casos sendo a única fonte de entrada de recursos para fazer jus às necessidades domésticas.

Essa contextualização é possível através de contribuições como ARIÈS (1986) que apresenta a história da criança ao longo do tempo, como ela era inserida na família e os esforços para aprender um ofício, Dayrell (2003) aborda em seus estudos a compreensão da juventude e sua relação com a escola, Carrano (2013) contribui para pensar a juventude não como um rito de passagem, mas como um momento que em cada tempo, em cada sociedade manifesta-se de uma maneira, Erikson (1987) e Abramo (1997) versam sobre a dificuldade em determinar a juventude com um prazo para iniciar e acabar, além das dificuldades que circundam este momento.

Em vista disso, os caminhos metodológicos que guiaram esta pesquisa através da análise de conteúdo apresentada por Laurence Bardin (1977), auxiliaram para a técnica de transcrição das entrevistas categorizando as fases do processo de interpretação das falas. Outro autor que, generosamente contribuiu para a compreensão daquilo que se reporta a experiência foi Jorge Larrosa (2002; 2015), certo que essa apreensão dos experimentos diários é para cada um segundo aquilo que está *exposto*, e desta forma cria significados e lhes atribui sentidos.

Compreender o universo juvenil, principalmente no que se refere as motivações que fazem muitos desses sujeitos almejem ocupações remuneradas atendendo principalmente aos seus anseios mais imediatos tornou-se uma aspiração para esta pesquisadora, tendo como marco o contato com jovens aprendizes durante dois anos e meio em uma instituição formadora na cidade de Uberaba-MG. Acreditando que dar voz ao protagonista deste programa seja a melhor maneira de apreender quais os sentidos ele expressa sobre o trabalho e sua formação profissional.

Diante o exposto, esta pesquisa objetivou analisar a partir das falas dos egressos do PJA o que demonstram sobre os sentidos do trabalho e da formação, se existem e quais são os impactos causados pela Lei de Aprendizagem nº 10.097/2000. Percebeu-se que a partir de um certo momento da vida desses jovens há uma necessidade pela busca do que seria a sua independência, sendo uma das maneiras que acreditam alcançá-la é através da inserção, mesmo que precoce, ao mundo do trabalho. Muitos deles, através da própria escola regular têm contato com outros jovens que conciliaram o trabalho e a escola básica, e desta forma também acreditam ser possível. Além do mais, apoiam-se na perspectiva de ter o seu próprio dinheiro para complementar a renda da família, também de alguma maneira veem seus desejos consumistas serem atendidos e desta forma estarão em igualdade com seus pares.

Para tanto, apresentou-se como hipótese inicial que a formação recebida possibilita oportunidades, sentidos e significados para além da representação das relações sociais de produção. Neste contexto, pôde-se explicitar que de fato, tal suposição foi confirmada ao serem averiguadas as respostas às entrevistas que, em sua maioria, levaram ao tom de ganhos não somente do campo teórico e prático, mas com apontamentos não menos importantes para o campo das relações humanas. Estão contidas nestas falas as pretensões que dão sentido ao trabalho como realização para além do capital.

A oportunidade de pertencerem durante certo tempo a um programa de aprendizagem é um grande diferencial relatado pelos egressos. Sendo que, ter a primeira chance de trabalho, sem ter concluído a educação básica e nenhuma experiência para registrar em seu currículo é algo muito difícil. Desta forma, é possível perceber o quanto em seu propósito inicial esta política pública de inserção ao primeiro emprego faz a diferença na vida de muitos jovens, pois eles iriam procurar por alguma alternativa que lhes trouxesse renda mesmo que fosse informal, a princípio, talvez, nem se importariam nas reais condições a que estariam se sujeitando.

Assim, a Lei de Aprendizagem nº 10.097/2000 é um importante marco para essa iniciação profissional, pois regulamenta as condições que devem ser seguidas para que este

sujeito tenha condições salubres de trabalho e seus direitos garantidos. Estabelece, de certa forma que o jovem se encontra em idade escolar e não poderá abandoná-la em detrimento ao trabalho, sendo que até o ensino médio a educação é considerada básica.

Contudo, a referida Lei ao estipular uma das hipóteses de rescisão antecipada do contrato de aprendizagem, cita apenas o caso da infrequência escolar comprovada por meio de declaração do estabelecimento de ensino. Neste caso, seria uma grande oportunidade estabelecer também um percentual de aproveitamento nas matérias a cada bimestre, como uma forma de impor responsabilidade com as atividades da escola regular, que muitas vezes na condição deste jovem ter dupla jornada ficam comprometidas. Além do mais, é uma forma de estarem preparados para concorrer nos vestibulares mais disputados.

Especificamente sobre suas pretensões profissionais, dos jovens entrevistados a maioria afirma estar trabalhando formalmente. Talvez, não especificamente na área que pretendem seguir como profissão, mas mostram-se determinados em cursar o ensino superior pois entendem que isso lhes proporcionaria melhores ganhos financeiros. Vale destacar que, a oportunidade de aliar a teoria à prática é uma maneira excepcional de contribuir com esse sujeito em uma escolha tão difícil para seu futuro. Estando próximo a determinadas áreas estratégicas isso lhes permite ter uma visão *in loco* de certo processo, seja no comércio, na indústria ou na prestação de serviços. Sem falar que é perceptível o quanto isso lhes imbuem de responsabilidades e a maioria entende que trabalhando da forma correta, tendo bons contatos na empresa, isso poderia assemelhar a uma carta de apresentação para novas oportunidades.

Causa estranheza a resposta de uma entrevistada sobre já ter participado de um programa de aprendizagem, porém sem nunca ter sido oportunizada a possibilidade de conhecer a prática laboral e as relações que indubitavelmente acontecem a partir dela. De fato, é um exemplo do descaso por parte de todos que ali participam desta oferta. A instituição formadora, que existe de faixada para intermediar o contrato entre o aprendiz e a empresa que somente, pelo exposto, quer cumprir a Lei e suprimir qualquer penalidade. Sem esquecer da carência quanto a fiscalização e ao cumprimento das etapas por parte dos agentes que firmaram o contrato com este jovem.

Em contrapartida, ressalta-se o compromisso da instituição formadora dos egressos que participaram desta pesquisa, como fica claro na maioria das falas, ela cumpre o seu papel na formação profissional e assegura a execução do Programa de Aprendizagem, fazendo a ponte entre o aprendiz e a empresa, acompanhando-o em suas necessidades sócio psicopedagógicas, de maneira a possibilitar uma vivência teórica e prática.

De fato, é através do trabalho que o homem se apodera da própria existência, as relações que estabelece com outros faz com que veja sentido às suas ações diárias e estabelece associações e vínculos que estarão presentes em qualquer ambiente que esteja. Esta contribuição não é explícita na Lei de Aprendizagem, mas é inerente a ela e proporciona vantagens que são percebidas na formação integral do sujeito. O que não quer dizer que isso não seria assimilado de alguma forma, porém não é fórmula matemática que se aprende com exatidão, é necessária observação e contextualização dos fatos para extrair o melhor proveito da convivência.

Traçado um leque de perspectivas para o futuro, a maioria dos jovens egressos relata o desejo em cursar o ensino superior e delinear a profissão escolhida. Ao certo, seria o passo mais importante até aqui em suas vidas. Algo que demanda investimento e preparo para concorrer com muitos candidatos que passaram estes últimos anos se dedicando à preparação do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Não é difícil imaginar que, a maioria daqueles que se desdobraram entre a escola básica e o trabalho possuem um déficit nesta corrida. Um tanto quanto controverso, estes jovens optariam por cursos menos concorridos, ou ainda, se inscreveriam em IES – Instituições de Ensino Superior particulares aproveitando outros programas do Governo Federal como o PROUNI – Programa Universidade para Todos com bolsas integrais e parciais e/ou o FIES – Fundo de Financiamento Estudantil.

Conseqüentemente, esta demanda seria para cursos ofertados no período noturno, pois principalmente para aqueles que não tiveram outra alternativa a não ser se inscrever ao FIES, sabem que deverão arcar com parte deste ônus para a IES durante o tempo que estão a cursar. Logo, trabalhar durante o dia e frequentar cursos profissionalizantes à noite é uma realidade para os filhos da classe trabalhadora, onde se inserem a maioria dos egressos de programas de aprendizagem.

Nessa perspectiva, não há nenhuma política pública de acompanhamento deste egresso, logo, o programa de aprendizagem tem um tempo para ser efetivo. Após, sua permanência e eliminadas novas oportunidade de reingresso não há notícia deste jovem. Para onde foi? O que faz? Como continua a arcar com suas responsabilidades e com o sustento da família? E seus planos futuros que o levariam a alcançar postos mais valorizados nas organizações? Para estas perguntas não existem respostas. A Lei de Aprendizagem estabelece um intervalo de assistência a esse jovem, que é enquanto dura o seu contrato, terminado este tempo tudo corre por conta dele. Se aproveitou ou não a aprendizagem metódica a favor de lograr novas oportunidades ou se está entregue ao acaso isso não diz respeito, ainda, aos interesses dos governantes.

Para que surta o efeito esperado, de transformação, seria muito oportuno que este egresso também se sentisse amparado, direcionado, que contasse com uma orientação vocacional e fosse assistido por um tempo. Para quem já experenciou a vida trabalhadora, principalmente por necessidade de subsistência, é claro que sucumbirá a proposta de emprego que em um primeiro instante lhe pareça vantajosa, porém a longo prazo e pelo próprio curso da vida isso se torne um ciclo, ou seja, a jovem ou o jovem assumem responsabilidades pela constituição da própria família e o plano do estudo fica para quando der, e talvez este dia não chegue nunca.

Portanto, oferecer um escalonamento de políticas que contribuam para o cidadão na formação profissional pode lhe facultar possibilidades de concorrer a uma graduação que oportunize condições de trabalho e retorno remuneratório sem distinção, esse é o grande desafio para os futuros governantes. A preocupação com a formação do ser em sua completude é o que pode fazer a diferença na vida de milhares de famílias brasileiras.

Em suma, existe ainda muito a ser explorado neste universo jovem em relação ao mundo do trabalho. Assim, futuros pesquisadores podem a partir daqui ampliar as discussões sobre a realidade do aprendiz egresso e qual o caminho ele encontra ao encerrar sua trajetória no Programa de Aprendizagem.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 05-06, p. 25-36, maio/dez. 1997.
- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ALMEIDA NETO, Honor de. **Trabalho Infantil na Terceira Revolução Industrial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidades do mundo do trabalho**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ARRUDA, Murilo Rodrigues de. **Prolongamento da juventude: opção ou falta de opção?** 2004. 108 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, 2004.
- BARAÚNA, Augusto César Ferreira de. **Manual de direito do trabalho**. Rio de Janeiro, Ed Forense, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121. Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, Associação de Ages, 1978.
- BRASIL. Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. **Diário Oficial da União**. Brasília, 20 dez. 2000.
- BRASIL. **Estatuto da juventude**. [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edição Câmara, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Expansão da Rede Federal**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-aco/es/expansao-da-rede-federal>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente** [recurso eletrônico] Fabio Vaisman (org.). 18. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. – (Série legislação; n. 260).
- BRASIL. **Consolidação das leis do trabalho** [recurso eletrônico] / Eliezer de Queiroz Noletto (org.). – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

- CAMARANO, Ana Amélia. MELLO, Juliana Leitão e. PASINATO, Maria Tereza. KANSO, Solange. **Caminhos para a vida adulta**: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, p. 1-29. 2004.
- CARRANO, Paulo. **Juventudes**: as identidades são múltiplas. Revista Movimento, Faculdade de Educação da UFF, n. 1, p. 11-27, 2000.
- CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio / **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**. [organizadores: Paulo Carrano, Juarez Dayrell]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação. p. 14. 2013.
- CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Locus: Revista de História**. Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 145-159, 2011.
- CASTEL, Robert. As transformações da questão social. Trad. Mariangela Belfiore-Wanderley. **Desigualdade e a questão social**. [organizadores: Lúcia Bógus, Maria Carmelita Yazbek]. São Paulo: Educ, 2000.
- COLOMBY, Renato Koch et al. Programas de Formação Profissional: a percepção dos jovens aprendizes. **Revista Labor**, v. 2, n. 24, 2020.
- CORROCHANO, Maria Carla. Jovens do Ensino Médio: qual o lugar do trabalho?. In: DAYRELL, J. CARRANO, P. MAIA, C. L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: UFMG, p. 206-228, 2014.
- CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004.
- COSTA, Camila; WAHBA, Liliana Liviano. O rito de passagem do jovem aprendiz: uma leitura junguiana. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 21, n. 2, p. 1511-1517, 2021.
- COUTINHO, Maria Chalfin et al. Juventudes e trabalhos: trajetórias de egressos do programa jovem aprendiz. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, v. 8, n. 2, p. 99-112, 2019.
- CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Trad. Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CUNHA, Luiz Antônio. [1943]. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. 2. ed. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. n. 24. set-dez, p. 40-52, 2003.
- DA MATTA, Ruliver Lucio Santana. O programa jovem aprendiz: uma análise a partir da ótica dos ex-alunos. **Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso Unifacig**, 2021.

DA SILVA, Karla Kely Rogério. CRUZ, Fátima Maria Leite. Sentidos do trabalho nas imagens compartilhadas por jovens aprendizes em Pernambuco. **Revista Tópicos Educacionais**, v. 24, n. 2, p. 146-173, jul/dez. 2018.

DE CARVALHO, Evaldo Freires et al. Jovem Aprendiz: O adolescente no mercado de trabalho-Reflexões. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. e100101623663, 2021.

DESLANDES, Suely Ferreira. CRUZ NETO, Otávio. GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. In.: Minayo, Maria Cecília de Souza. (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DUTRA-THOMÉ, Luciana.; KOLLER, Sílvia Helena. O significado do trabalho na visão de jovens brasileiros: uma análise de palavras análogas e opostas ao termo "trabalho". **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 14, n. 4, p. 367-380, 2014.

ERIKSON. Erick H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FAVERO, Leonor Lopes. ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FLEURY, Maria Tereza Leme. WERLANG, Sérgio. R. Pesquisa Aplicada: conceitos e abordagens. **Anuário de Pesquisa: 2016-2017**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2017.

FONSECA, Ricardo Tadeu Marques da. **O Trabalho da Pessoa com Deficiência e a Lapidação dos direitos humanos: o direito do trabalho, uma ação afirmativa**. São Paulo: LTr, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 19, n. 1. P. 71-87. jan./jun. 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. v. 35, n. 2, p. 57-63. mar/abril. São Paulo, 1995.

GRAEBIN, Rosani Elisabete. MATTE, Juliana. LARENTIS, Fabiano. DA MOTTA, Marta Elisete Ventura. OLEA, Pelayo Munhoz. O significado do trabalho para jovens aprendizes. **Revista Gestão Organizacional**, v. 12, n. 1, 2019.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos**. Trad. Manuel Simões. Seara Nova, 1976.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin; GUIMARÃES, Gilselene Garcia. **Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade.** In: 31ª Reunião Anual da ANPED. Minas Gerais, 2008.

GROPPO, Luís Antonio. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960.** (Doutorado em Sociologia) Universidade Estadual de Campinas. 2000.

HARVEY, David. [1982]. **Os limites do capital.** Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ebooks Boitempo, 2013.

IBGE. Pesquisa nacional por amostras de domicílios (PNAD). **Estatísticas Sociais.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29738-trabalho-infantil-cai-em-2019-mas-1-8-milhao-de-criancas-estavam-nessa-situacao>. Acesso em: 06 jan. 2022.

JORGE NETO, Francisco Ferreira. CAVALCANTE, Jouberto de Quadros Pessoa. **Direito do Trabalho.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.

JORNAL O TEMPO - **Jovens têm menos chance de contratação e mais de serem demitidos.** Disponível em: <https://www.otempo.com.br/economia/jovens-t%C3%AAm-menos-chance-de-contrata%C3%A7%C3%A3o-e-mais-de-serem-demitidos-1.2152779>. Acesso em: 21 abr. 2019.

KRAWCZYK, Nora. Uma roda de conversa sobre os desafios do ensino médio. In: DAYRELL, J. CARRANO, P. MAIA, C. L. **Juventude e Ensino Médio.** Belo Horizonte: UFMG, p. 76-98, 2014.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Educação e Trabalho no Brasil: o estado da questão.** Brasília: Reduc, 1991.

LARROSA, Jorge. **TREMORES.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação.** n. 19. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

LARROSA, Jorge. ARNAUS, Virginia Ferrer. LARA, Nuria Pérez de. CONNELLY, F. Michael. CLANDININ, Jean. GREENE, Maxine. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación.** Barcelona: Laertes, 1995.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Juventude. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://www.gestrado.net.br/index.php?pg=dicionario-verbetes&id=415>. Acesso em 09 maio 2020.

LUBKE, Larice; DA SILVA, Francielle Molon. A inserção do jovem no mercado de trabalho: o olhar dos jovens aprendizes do Senac de Pelotas. **Perspectivas em Políticas Públicas,** v. 13, n. 25, p. 137-167, 2020.

MACHADO, Nilson José. **Educação**: projetos e valores. 6. ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

MAGALHÃES, Cintia Rosa; DOS SANTOS GRANJA, Edna Mirtes. Programa de Aprendizagem e suas Implicações ao Acesso e Continuidade no Mercado de Trabalho: Um Estudo com Jovens Aprendizes. **ID on line Revista de Psicologia**, v. 15, n. 54, p. 73-91, 2021.

MANUAL DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL: o que é preciso saber para contratar o aprendiz. **Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho**. Brasília: SINAIT, 2019.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. **Trabalho infantil: necessidade, valor e exclusão social**. Goiânia: UFG, Brasília: Plano Editora, 2006.

MARTINS, Sérgio Pinto. **Direito do Trabalho**. 29ª edição. São Paulo: Atlas, 2013.

MARX, Karl. [1890]. **O Capital**: crítica da economia política. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Ebooks Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**. O processo de produção do Capital. 2. ed. Livro 1, v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes. 2ª Ed. 1998.

MASSON, Gisele. Marxismo(s) & educação. SCHLESENER, Anita Helena. SUBTIL, Maria José Dozza (Orgs.). **O trabalho como fundamento do ser social e a educação como práxis social**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016.

MÉSZÁROS, István. [1930]. **A educação para além do capital**. Isa Tavares (trad.). 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**. Investigações em psicologia Social. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MOURA, Dante Henrique. **Ensino médio integrado**: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? *Educação Pesquisa*, v. 39, n. 3, p. 705–720, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/10.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MOURA, Leila Silva de. Juventude e trabalho: o sentido do trabalho para o jovem aprendiz. **Revista Científica da FASETE**. n. 14. 2017. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/internas/conteudo/resumo.php?id=265>. Acesso em: 20 maio 2021.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a11v1234.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

NOVAES, Regina. **Juventude e sociedade: jogos de espelhos**. São Paulo: Editora Escala, Sociologia Especial, Ciência & Vida, ano I, n. 2, 2007.

NOVAES, Regina Célia Reyes. CARA, Daniel Tojeira. PAPA, Fernanda de Carvalho. (Org.). **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). **Glossário de Terminologia Curricular**. Paris, Bureau Internacional de Educação da UNESCO, 2016.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

PAPALIA, Diane E. FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Trad. Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.]. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PARIZZI, Carmelinda. Jovem aprendiz: narrativas sobre sua inserção no mercado de trabalho e aprendizagem. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 41576-41586, 2020.

PEREIRA, Denis Guimarães; SPÍNDOLA, Juliana de Oliveira. Análise compreensiva da inserção no mercado de trabalho através do primeiro emprego: ser-jovem aprendiz. **Revista Educação e Humanidades**, v. 1, n. 2, jul-dez, p. 457-477, 2020.

PIRES, Gilson Scholl et al. Jovem aprendiz como uma nova perspectiva de inclusão social. **Revista Univap**, v. 22, n. 40, p. 395-395, 2016.

PESSOA, Fernando. Não sei quantas almas tenho. **Arquivo Pessoal**. [1973]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/277>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PEREZ, Viviane Matos González. **Criança e Adolescente: O Direito de não trabalhar antes da idade mínima constitucional como vertente do princípio da dignidade humano**. Dissertação (Mestrado em Direito). Campos de Goytacazes, Faculdade de Direito de Campos, 2006.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

POCHMANN, Márcio. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos**. São Paulo, 2007.

PMU. **Fundação de Ensino Técnico Intensivo Dr. Renê Barsam**. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/porta1/conteudo,1178>. Acesso em: 18 mar. 2020.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. TEODORA ENS, Romilda. (2006). As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, 6 (19), p. 37–50. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/24176>. Acesso em: 08 abr. 2022.

SAMPAIO, Inayá Maria. O PNPE na política do Ministério do Trabalho e Emprego e a formação do jovem: precarização e captura da subjetividade. **Revista RET**. Uberlândia, ano III, n.5, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Reinventar a democracia. **A emergência do fascismo societal**. In: Soares, Mário et al. 2 ed. Lisboa: Gradiva, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v.12, n.32, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em 20 abr. 2019.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politécnica. **Trabalho, Educação e Saúde [online]**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.131-152, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tes/v1n1/10.pdf>. Acesso em 08 jun. 2020.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães. DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 28 n. 1, pp. 101-108. Brasília, DF, Jan-Mar 2012.

SGARBI, Luciani Marconi Caetano Martins. FERRANTE, Vera Lúcia S. Botta. A lei da aprendizagem: uma solução possível para a questão do trabalho infanto-juvenil. **Revista Uniara**, v. 13, n.1, julho 2010.

SILVA, Silmara Carneiro e. GALETO, Pedro Henrique. BASTISTA, Rafaela Karoline. Juventude, Mundo do Trabalho e Vulnerabilidade Social: O desemprego juvenil no Brasil como uma expressão da condição de subalternidade da classe trabalhadora. **Emancipação**. Ponta Grossa, v. 20 (especial), p. 1-11, 2020.

SILVA, Nancy de Deus Vieira. **Jovens brasileiros: o conflito entre estudo e trabalho e a crise de desemprego**. 2001. 134 p. Tese (Doutorado em Ciências, área de concentração: Economia Aplicada). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

SIMÕES, Carlos Artexis. Educação técnica e escolarização de jovens trabalhadores. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SOARES, Leôncio. GIOVANETTI, Maria Amélia. GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de Pesquisa-ação**. São Paulo: Saraiva. 2009.

UBERABA. Decreto nº 4623, de 08 de novembro de 2019. **Aprova o Regimento Interno da Fundação de Ensino Técnico Intensivo “Dr. Renê Barsam” – FETI**. Uberaba: Câmara Municipal, 2019.

VERÍSSIMO, Ramiro. **Desenvolvimento Psicossocial** (Erik Erikson). Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 2002.

VILLAS, Sara. NONATO, Symaira. Juventude e projetos de futuro. In: CORREA, Lycinia Maria. ALVES, Maria Zenaide. MAIA, Carla Linhares. (Org.). **Juventude Brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

WELLER, Wivian. Jovens do Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas para o futuro. In: DAYRELL, J. CARRANO, P. MAIA, C. L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: UFMG, p. 135-154, 2014.

XAVIER, Francisco Cândido. [1956]. Pelo espírito de Emmanuel. **Pelos Frutos**. Coleção Fonte Viva. Brasília: FEB, 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Sujeitos da pesquisa: Egressos do Programa Jovem Aprendiz

Identificação do entrevistado:

Entrevistado nº

Ano que participou do programa: _____

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?
2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?
3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?
4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?
5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?
6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?
7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?
8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?
9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÕES

TRANSCRIÇÃO N. 1 – Abílio

Identificação do entrevistado (nome fictício): ABÍLIO

Entrevistado nº 1

Ano que participou do programa: 2019

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?

certo... eu:::: precisava trabalhar ter minha fonte de renda e::: a [...] era o lugar mais acessível também:: eu escutei os outros falarem bem... e::: me ajudou a::::: a ter uma direção né::: porque se eu fosse procurar fora não teria um direcionamento além de que o programa::: indica pra::: empresas grandes e eu poderia ter mais oportunidades do que procurando por fora não tendo esse apoio...

2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?

não:: não foi...

entrevistadora: você já tinha trabalhado mas era:: informal?

Entrevistado: é:: informal...

3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?

contribuía:: bastante a:: o salário e também o:: o benefício que a empresa que eu trabalhava dava uma:: cesta básica... então ajudava bastante...

4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?

NÃO nenhuma...

Entrevistadora: foi tranquilo?

Entrevistado: foi bem tranquilo, não vejo porque isso...

5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?

a:: eu passei a ser mais organizado... lá:: eu pude em alguns momentos usar a minha criatividade e estimular ela... e::: representa... sobrevivência né ((risos)) trabalho:: mas::: ajudou bastante... a me organizar::: ter uma rotina a gente precisa ter uma rotina qualquer pessoa precisa de uma rotina senão a gente fica parado... e::: foi isso que ajudou...

6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?

sim:: trouxe:: bastante ganho porque:: eu trabalhava no RH... e:: eu não sou muito simpático mas lá eu tinha que ser simpático... e as pessoas do RH são bem simpáticas né? até demais... mais:: e:: me ajudou nisso:: a ser simpático:: a:: ter um:: tom de voz:: né mais:: mais simpático quando eu vou falar né? porque:: existe um tom de voz pra você lidar com determinado tipo de pessoa:: um:: uma:: ação né? e:: foi isso né? que me ajudou a:: ser mais aLEgre mas no meu jeito de de me comunicar...

7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?

Entrevistado: uma imagem?

Entrevistadora: é uma imagem que vem na sua cabeça...

Entrevistado: uai...

Entrevistadora: de alguma ação que você fez na empresa ou na parte teórica na instituição, é algo que te marcou assim que às vezes você pode lembrar...

Entrevistado:: ah! sim... é:: teve uma vez que não foi nem na empresa nem na [...] que eu fiz um trabalho de escola:: e é um filme de curta-metragem... aí eu mostrei ele pra pra [...] e a [...] gostou bastante:: aí depois mostrou pra você:: e aí você me parabenizou bastante também... e aí chegou lá na empresa eu recebi:: os parabéns da da [...] e depois do pessoal lá... aí eles até iam usar o meu vídeo pra passar em algum programa deles lá mas acabou que não passou... eu acho que também as coisas começou a complicar entrou a pandemia aí:: eu acho que eles esqueceram MAS só de ganhar os parabéns lá foi bem legal...

8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?

estou sim:: mas não trabalhando:: pra outra pessoa eu tenho minha própria empresa eu abri um CNPJ MEI... e:: hoje minha:: minha empresa né meu pequeno negócio tá em tá em toda plataforma de delivery...

eu:: pretendo expandir o meu negócio... é:: expandir a cozinha... focar só no delivery por enquanto... mais pra frente quando eu vir que compensa eu:: vou abrir um negócio físico né, uma loja física... em relação a:: a faculdade... hoje eu NÃO vejo eu não vejo o que que eu posso fazer pra agregar:: se for pra eu fazer vários cursos ter algum conhecimento direcionado ao que eu preciso no meu negócio aí eu vou procurar mas faculdade eu não vejo comigo não...

9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

ixi... ((risos)) o trabalho tem sentido se::... [silêncio] ah eu não sei ((risos)) é::... o trabalho tem sentido se::... for prazeroso? eu acho que é isso...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

é:: não:: não tenho:: não tenho nada pra falar não...

TRANSCRIÇÃO N. 2 – Virgílio

Identificação do entrevistado (nome fictício): **VIRGÍLIO**

Entrevistado nº 02

Ano que participou do programa: 2018

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?

bom, a:: principal motivação que me levou a procurar o programa jovem aprendiz foi buscar o conhecimento técnico e teórico... né pra ingressar no mercado de trabalho eu tinha esse interesse em:: participar em entrar para o mercado de trabalho né o primeiro emprego o tal sonhado primeiro emprego aí eu conheci a [...] né o programa jovem aprendiz e foi por isso que eu decidi participar...

2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?

sim, foi a primeira experiência de trabalho...

3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?

na época que eu trabalhei como jovem aprendiz ele só era utilizado pra:: pra renda pessoal pra minha renda pessoal ele não contribuía não porque o salário é um pouco baixo né? então eu comprava:: as minhas coisas assim...

4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?

no começo sim, no começo é:: muito novo né? tudo muito novo, eu estava acostumado apenas a estudar:: né? é:: estudava de manhã e trabalhava à tarde né? então foi um pouco difícil, um pouco puxado, cansaTivo né? mas aí:: a gente acostuma né? comecei acostumar:: né? comecei a ter mais disciplina com os horários... flexibilizando os horários:: aí começou a dar certo... mas no começo eu tive muita dificuldade sim...

5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?

oh:: o trabalho pra mim significa independência né? você não ter mais que:: que depender dos seus pais né? você pode comprar as suas coisas com seu próprio dinheiro e:: o que mudou na minha vida:: ah eu:: aprendi muitas coisas:: com trabalho... tive muitas experiências:: BOas e ruins né? amadureci MUIto com o trabalho... o trabalho me amadureceu muito... foi muito importante para mim...

6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?

Entrevistado: sim...

Entrevistadora: você sabe enumerar algum? você se lembra de alguma coisa que você possa citar?

Entrevistado: as amizades né? eu fiz muitas amizades no meu trabalho isso para mim é muito importante amizades que eu carrego até hoje... né? amizades verdadeiras que que permaneceram durante todo tempo, isso para mim foi muito importante...

7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?

Entrevistado: a imagem que eu tenho:: é:: quando eu trabalhava no atendimento ao público o contato com as pessoas:: a:: aquela rotina de todo dia conversar com uma pessoa... conversar com outra isso pra mim foi era muito gostoso... eu adorava...

Entrevistadora: então quer dizer que isso te marcou né?

Entrevistado: marcou muito... muito... muito... muito... muito...

8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?

não... no momento eu não estou no mercado de trabalho infelizmente:: as minhas expectativas para o futuro é prestar um concurso público para ter estabilidade:: e fazer faculdade de psicologia...

9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

se a pessoa fizer com o coração...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

olha [...] o:: tempo que eu estava como jovem aprendiz foi muito marcante na minha vida porque eu aprendi muitas coisas... eu vivi muitas coisas... foi muito importante pra mim eu carrego até hoje aqueles conhecimentos:: as amizades:: pra mim foi um período muito importante que contribuiu MUIto para a minha formação e:: eu acho muito importante o jovem participar como jovem aprendiz ele vai aprender muitas coisas... vai adquirir muitos conhecimentos e esses conhecimentos vão seguir ele o resto da vida... é minha:: experiência como jovem aprendiz...

TRANSCRIÇÃO N. 3 – Deolinda

Identificação do entrevistado (nome fictício): **DEOLINDA**

Entrevistado nº 03

Ano que participou do programa: 2019

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?

então é:: na época eu estava com:: 19 anos né? e até então eu não tinha o meu primeiro emprego e estava em busca... então até nesse tempo quando eu terminei a escola com 18 anos eu busquei me qualificar através dos cursos profissionalizantes... e:: então foi quando eu soube né que a faixa etária do jovem aprendiz ela:: tinha subido né? até 24 anos então eu achei que fosse uma oportunidade boa pra eu ingressar nesse mercado de trabalho através da aprendizagem né? E:: foi isso que eu fiz:: procurei o programa:: e:: consegui... então assim:: a minha motivação foi buscar por qualificação profissional e:: foi uma oportunidade que me veio:: então eu agraRREI...

2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?

foi:: foi a minha primeira experiência de trabalho...

3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?

sim era pra meu uso pessoal... eu:: não assim:: ajudava algumas coisas em casa mas não aquela::: diária né? que não precisava... então eu só usava pra mim...

4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?

nesse momento não porque eu já tinha terminado né? a escola... então:: eu já ficava por conta do:: do:: do curso mesmo e da prática na empresa... estava sempre por conta...

5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?

o:: traBAAlho para mim apresenta uma aprendizagem constante né? como::: indivíduo, como pessoa e como profissional também... e:: depois que:: eu enTREI como aprenDIZ fui efetiVAda então... uma diferença total na minha vida né? que:: me mostrou o valor que tem é a gente buscar por meio de um programa como este de aprendizagem essa oportunidade e o que que acarreta isso na nossa vida... o aprendiz hoje ele é diferente... uma pessoa que entra como aprendiz ela dá valor:: ela sabe... sabe se comportar melhor porque você tem instrução pra isso e assim mudou a minha vida totalmente e tem mudado até hoje ((risos))...

6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?

Entrevistada: com:: minha relação no no trabalho?

Entrevistadora: é... no trabalho... com as pessoas...

Entrevistada: é:: TROUxe sim... eu tive... eu amadureci muito né? desde a época que eu entrei:: por causa das pessoas à minha volta né meus colegas de trabalho... muitos me mostraram o que é ter empatia que antes eu tinha um pouco de dificulDAde... é:: muitos me ensinaram coisas que eu não sabia sobre MIM né? importantes e a relação no no trabalho é aquela coisa né o trabalho em equipe você saber se colocar no lugar da da pessoa... é:: trazer responsabilidade pra você e os colegas de trabalho eles eles são assim... algumas pessoas não trazem tanto benefício assim:: né? sempre tem aQUEle ou outro que às vezes não dá certo:: mas até com esses também eu tenho aprendido né? é:: aprendo a não ser igual::... aprendo a ME portar a ter uma postura decente apesar da pessoa não concordar eu também não concordar assim com as ideias mas assim no meio geral os colegas de trabalho eles:: agreGAM valores pra gente... até as pessoas que são negativas elas agregam também... a gente tem que saber olhar por esse lado também... de de decresciMENTo né? e de avaliação... então sim...

7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?

ah:: desaFIO... é o que:: é o que eu lembro né? principalmente você que sempre tentava incentivar a gente a fazer uma coisa inovaDOra... a:: gente sair daquele... daquela zona de conforto... do nosso mundinho... e por pra fora aquilo que a gen... as nossas ideias né? e a experiência que eu tive né dentro do problema foi essa de eu despertar o meu conhecimento pra aquilo que antes eu:: não:: não tinha motivação para tal né? através dos profeSSOres através do jeito que era feito eu me senti desafiADA a fazer algo novo e essa foi a melhor experiência na minha vida... dentro do programa...

8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?

sim eu estou no mercado de trabalho atualmente né... desde a época de aprendiz:: é:: pretendo sim:: assim... aqui aonde eu trabalho eu me descobri em duas áreas né? porque como aprendiz a gente tem essa versatilidade... você pode ter vários lugares fazendo várias coisas né ser multifuncional... e eu descobri na área de segurança algo que eu gosto bastante... é:: tem muita abrangência de de conhecimento e eu amei trabalhar:: e hoje eu já faço o curso técnico de segurança do trabalho... consegui né uma bolsa na UFTM através também aqui do meu emprego e:: e já penso também em fazer psicologia que na área atual que eu que é o RH né... que eu antes eu estava na segurança e voltei para o RH já é também uma área que eu amo e que o pessoal que me deu essa oportunidade então eu quero assim me qualificar né em psicologia também no clima organizacional da empresa... é recrutamento processo seletivo então assim esses são os meus leques né que através do meu trabalho eu consegui ter... então pretendo sim fazer futuramente faculdade...

9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

se eu for apaixonada por ele... porque:: você precisa:: gostar daquilo que faz... se você não gostar do que faz você não tem inspiração e nem:: motivação para vim trabalhar... então

assim:: faz sentido se você realmente gostar daquilo e você vai se comprometer a fazer cada vez mais o seu melhor pra deixar tudo muito bom ((risos))...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

certo:: mas assim eu gostaria de falar assim que é:: esses programas né... não direcionado só pra [...] mas todos que:: englobam:: o jovem aprendiz né... dá essa oportunidade... porque igual na minha época eu ficava desorientada pro serviço e:: mandava currículo adoidado... mas ninguém pegava porque eu não tinha experiência e como que você vai ter experiência se a pessoa não te permite trabalhar... então assim o programa do jovem aprendiz ele abre uma oportunidade excepcional pra pessoa e ali é:: no programa você consegue ter um crescimento e isso que que é o mais legal eu vejo que a posição que eu tô na empresa e olha para trás como eu era antes... como que eu me portava... qual que era minha postura... qual que era meu conhecimento... a minha visão... então assim tudo isso já foi aumentando sabe... então eu acho muito importante é a gente frisar a importância que tem esses programas do aprendizado e a gente:: querendo ou não o jovem aprendiz quando ele é contratado ele é difeRENTe no local de trabalho e isso me deixa muito feliz de PARticipar e poder mostrar o resultado pra quem tá vendo... muito bom...

TRANSCRIÇÃO N. 4 – Cirilo

Identificação do entrevistado (nome fictício): **CIRILO**

Entrevistado nº 04

Ano que participou do programa: 2018

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?

então... de primeiro instante era por conta que eu:: acho que seria uma maneira mais fácil de estar conseguindo:: um:: emPREgo... mais fácil assim... por conta que eu via todos meus amigos trabalhando... e eu também queria estar trabalhando e:: pela minha idade eu acho que eu não conseguiria estar entrando em alguma empresa pelo fato de:: não ter a idade necessária que tanto é requisitada...

2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?

sim:: foi bastante:: vamos dizer assim:: pra mim foi muito importante... porque além do mais eu aprendi bastante coisa... e:: com isso eu consigo levar isso para minha vida inteira... portanto:: tudo o que eu vou fazer:: “*tipo*” eu sempre coloco de aprendizado... o que eu aprendi lá em primeiro lugar...

3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?

as duas partes... sempre:: era:: dividido um pouco pra minha responsabilidade dentro de casa quanto pra minha vida pessoal...

4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?

não... de maneira alguma... eu achei:: foi até interessante por conta que são duas peças fundamentais que andam lado a lado ... então... se você tem um emprego... você precisa também de um estudo... então... pra você tá conseguindo almejar algo melhor na sua vida você tem que ter um:: estudo... então... acho que isso foi bastante importante... não:: senti dificuldade de nada...

5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?

olha... pra mim (tipo) no meu ponto de vista... o:: trabalho pra mim é uma coisa muito importante por conta que a gente consegue estar:: evoluINDo espiritualmente... e:: (tipo) vamos dizer assim... é:: podendo crescer mais... abrir a nossa mente... (tipo) para novos pensamentos e novas opiniões... e:: mudou bastante pra mim a minha vida pelo fato de que eu me tornei uma pessoa que eu sou hoje... sou bastante reconhecido e portanto eu consegui... pelo meu primeiro emprego através da (...) uma premiação na qual tinham mais trinta e três aprendizes disputando comigo... então... isto é bastante gratificante por conta que:: a gente consegue... vamos dizer... não criar nome... mas assim a experiência que a gente tem... vivência que a gente tem lá dentro é uma coisa que:: eu acho que a gente... consegue vamos

dizer... ir mais além... então (tipo assim) é uma inspiração pra gente estar crescendo mais e mais...

6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?

sim:: também... mas nem (*tipo assim*) na maioria das partes... da maioria das vezes sim na maioria das vezes não... por conta que:: local de trabalho sempre vai haver desavenças... sempre vai ter alguém (*tipo*) tentando destruir você... só que da melhor maneira possível você procura sempre tá mostrando o seu melhor lá dentro... então assim:: dentro de um local de trabalho você consegue também tá transmitindo confiança e também tá conseguindo confiança das pessoas...e assim... isso é bastante importante por conta que... é:: você agindo pelo certo... andando pelo certo dentro da empresa eu acho que a gente/você consegue bastante benefícios lá dentro... como por exemplo:: ter mais vantagens... não é ter mais vantagens... mas sim... você poder tá conseguindo almejar algo melhor... que você tanto esperava...

7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?

olha:: bastante gratificante... porque eu acho que se não fosse pela (...) pelo... por isso:: eu não teria chegado onde eu cheguei... como havia dito e:: acho que isso é bastante importante pra mim porque... é:: foi onde eu fiz muitas amizades... consegui empregos onde nunca mais (*tipo*) nunca passou pela minha mente que eu iria conseguir:: então... poder trabalhar em uma empresa vamos dizer multinacional não é para qualquer um... não é fácil... e eu tenho extremo reconhecimento e:: (*tipo*) foi bastante importante mesmo... sou muito grato pela (...)... agradeço até hoje pela oportunidade e:: se um dia eu puder voltar... com certeza eu voltarei...

8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?

sim... eu estou no mercado de trabalho... é::: minha expectativa para o futuro é o seguinte... da maneira que eu venho sempre falar... eu :: tento dar sempre o meu melhor... sempre buscar experiências novas... conhecimentos novos...então... eu acho que:: através disso tudo a gente consegue chegar onde a gente quer... e::: hoje... atualmente... eu tô:: entrando/ingressando agora na área de construção civil... é::: uma área bastante complicada mas que assim... eu tenho bastante curiosidade... então eu tô indo buscar novos conhecimentos e:: quem sabe né? a gente não forma aí... não consegue fazer uma faculdade de engenharia civil daqui para frente...

9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

se a gente tiver força de vontade... por conta que:: não adianta você querer ir trabalhar em um lugar... falar assim (*pô*) eu não gosto de trabalhar aqui... então se você quer trabalhar... o trabalho ele é importante... então... você (*tipo*) se você quer trabalhar você tem que ir com a motivação... você tem que ir com a mente (*tipo*) hoje meu dia vai ser excelente... eu vou conseguir bater minhas metas e vou conseguir executar todas as minhas atividades...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

não... o que eu deixo de... assim... por experiência é o seguinte... a gente hoje em dia sabe que estamos vivendo uma época de pandemia... que não tá nada fácil... que:: assim a gente tem que tomar todos os devidos cuidados... claro... a gente:: vamos dizer não perdeu o estudo... mas assim... a gente tá com bastante medo em relação sobre voltar em aulas presenciais... porque:: às vezes no que a gente tá em casa a gente não conseguia ter aprendido que era para ser ensinado... (*tipo*) através dos professores ou através de nós mesmos... então... é:: a gente não desistir... a gente tem que correr atrás tem que batalhar sempre... e:: espero que:: a gente possa logo mais tá podendo viver normalmente como antes... e:: podendo todo mundo tá ingressando na sua carreira profissional... tanto pessoal e::: no mais é isso...

TRANSCRIÇÃO N. 5 – Crispim

Identificação do entrevistado (nome fictício): **CRISPIM**

Entrevistado nº 05

Ano que participou do programa: 2018

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?

então:: eu tive quatro passagens pelo:: projeto:: menor/jovem aprendiz::... daí:: vou falar cada um né? a primeira foi:: acho que:: a:: que a maioria dos aprendizes vão respondeu né? foi realmente a remuneração que:: por exemplo quem tá estudando e está à toa outras quatro horas do dia... horas úteis... vai lá e:: aceita:: entrar no:: projeto pra ter uma remuneração salarial... e ajudar em casa... a segunda foi quando eu tava finalizando o tiro de guerra... que as oportunidades do mercado já estavam bem:: ruins né? pra quem faz o tiro de guerra... daí surgiu a oportunidade de fazer o tiro de guerra... fazer o curso dentro do tiro de guerra e após entrar:: ingressar no jovem aprendiz pela (...) daí eu aproveitei a oportunidade que surgiu é:: e:: dentro e quando terminou o tiro de guerra eu já fazia parte do:: jovem aprendiz pela turma (...) pela (...) e:: surgiu outro processo seletivo para jovem aprendiz daí para completar as outras quatro horas do dia que eu estava aí ocioso... daí eu fiz pelo (...) o jovem aprendiz de manhã e pela (...) à tarde... daí eu:: completei a carga horária e também a remuneração e:: após o:: contrato dos dois contratos acabarem eu recebi outra proposta aí eu:: entrei mas pelo sentido de:: de projeto de carreira né? como a empresa era (...) pelo grupo (...) eu sabia que poderia ter um futuro dentro da empresa e eu:: aceitei assim... vamos dizer... ao invés de procurar um trabalho integral eu aceitei trabalhar só por seis horas pra poder pensar mais a longo prazo...

2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?

sim...

3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?

inicialmente somente os gastos pessoais...

4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?

nunca...

5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?

Entrevistado: hum::... pode repetir...

Entrevistado: em:: qual sentido... não peguei:: a:: pergunta...

Entrevistadora: o trabalho no sentido todo né? da ocupação... questão da própria experiência que você falou:: né? nesse sentido...

eu vejo o trabalho né? como toda oportunidade que eu tive... como todas as oportunidades de jovem aprendiz que eu peguei... como uma oportunidade de carreira... assim de:: de aprendizado... de:: além da remuneração que aí completa a questão de currículo e também a parte de remuneração né? complementar a questão de:: gastos pessoais... gastos daqui de casa... e:: acho que é isso...a importância tipo assim também tem o:: lado de:: de::... de relacionamentos né? em cada empresa que eu passei tive um relacionamento... pelas empresas... () assim... pelos contratos que não eram na empresa eu tive contato com as pessoas das escolas né? dos cursos e os que foram na empresa eu tive um bom:: contato um bom relacionamento de:: com pessoas né? tanto de várias idades diferentes... vários estilos de vida diferentes... e foi sempre um:: uma coisa:: que eu:: gostaria de melhorar né? que eu sempre fui:: como é que fala? sempre tive dificuldades em relacionamentos é:: extra/interpessoais... daí foi uma:: um ponto que eu fui melhorando... que eu fui aproveitando as oportunidades...

6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?

claRO:: ((risos)) em:: todo:: todo o sentindo né?... em todas aquelas pequenas dis/algumas coisas que:: né? que não saem cem por cento legal... as discussões por exemplo... algum puxa orelha daqui outro puxão de orelha lá:: ou:: as riSAdas... os mata serviço... vamos dizer assim né? as conversas fiadas... sempre:: sempre é positivo... você vem desenvolvendo habilidade de conversação... habilidade de comunicar com outras pessoas... outras vivências... em todos os modos gerais:: é positivo...

7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?

Entrevistado: qual imagem?

Entrevistadora: é:: uma imagem assim:: de alguma coisa mais... pode ser concreta né? que você passou na empresa ou na:: própria instituição formadora né? é:: que... algo que marcou você... digamos assim... se teve alguma passagem... específica...

Entrevistado: então:: algo que sempre marca é as relações relacionamentos né? os relacionamentos que continuam após o término de contrato... das amizades... tanto do pessoal do trabalho mesmo que você não leva lá pessoal mas você tem aquele contato profissional... é:: acho que é mais essa questão mesmo...

Entrevistado: e a segunda pergunta era?

Entrevistadora: é:: se esta experiência foi marcante/importante pra você...

sim:: todas essas experiências dos quatro contratos foram importantes sim...

8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?

pra primeira pergunta sim... a segunda era... ((risos))

Entrevistadora: quais são suas expectativas para o seu futuro profissional?

Entrevistado: a expectativa minha é continuar na área que eu sou atuando né? que é a logística... é::: () continuar na empresa atual que ela tem grande:: grande potencial de crescimento... igual nos últimos anos que veio... deu uma freadinha com a pandemia mas já deu uma aliviada no freio... e:: atualmente eu não estou fazendo faculdade não... porque é::antes da pandemia eu tinha a ideia de iniciar... aí veio a pandemia e eu dei uma freada aqui uma freada ali... o trabalho veio:: deu:: uma cortadinha também e:: eu tô esperando né? ((risos)) voltar as coisas ao normal pra fazer:: pelo menos uma EADzinha de logística aí pra agregar mais ao meu currículo...

9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

se você se sentir bem... eu acho que é uma parte BOa aí... foi inclusive uma das coisas que me fez ali:: recusar:: a proposta de emprego que me fizeram... porque eu pensei e repensei várias vezes... qual que seria uma... qual que seria a outra... por um lado tinha tinha a questão de desafios e mudanças e rotinas e mudança de remuneração que seja... sabe? um desafio novo né? algo inesperado... e do outro lado tinha:: aquela questão né tipo de relacionamento o teor de família também... porque lá na empresa é bem familiar... aí:: eu:: preferi né... até perdi o começo da pergunta aí ((risos))...

Entrevistadora: não... é isso mesmo... só pra você completar o sentido do trabalho para você...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

é:: acho que eu tô tranquilo ((risos))...

TRANSCRIÇÃO N. 6 – Quitéria

Identificação do entrevistado (nome fictício): **QUITÉRIA**

Entrevistado nº 06

Ano que participou do programa: 2018

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?

então:: no meu ponto de vista... porque:: ((*tipo*)) assim::... a minha irmã... ela entrou LÁ e:: e:: querendo ou não dá uma força para gente no nosso currículo... dá:: ((*tipo*)) um desTAque no nosso começo.. para nós podermos iniciar até:: um emPREgo... eu procurei mesmo pelo fato mais da minha irmã porque ela me:: me incentivou:: ela me falou:: que pra ela estava sendo bom:: que ela tava conseguindo emprego... que ela conseguiu ficar:: e tal e tudo... por esse motivo eu falo...

2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?

foi sim:: a minha:: foi muito:: ((*risos*)) muito emocionante ((*risos*)) na verdade porque do nada você tá estudando aí ((*tipo*)) você passa por um processo:: todo... eles te treinam... eles te auxiliam pra você poder fazer os ((*trem*)) tudo certinho... foi muito:: muito boa essa experiência...

3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?

complementar minha renda familiar...

4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?

não:: porque eu já estava terminando o:: ensino médio né? eu já estava no terceiro... então:: eu estudava de manhã e trabalhava à tarde só que como no serviço onde eu tava pela (...) teve um problema:: com a meNIa que trabalha na parte da manhã eles tiveram que me trocar... aí como eu já tinha... aí como eu estava no final da escola... eu já tinha acabado a escola... eu acabei a escola eles me transferiram para de manhã e eu fiquei:: até na parte da tarde fazendo outros cursos...

5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?

ai:: o trabalho pra mim representa:: a minha dignidade... se... eu acho assim:: se a gente não trabalha... não corre atrás do que a gente:: do que a gente quer:: a gente não é digno de reclaMAR do que a gente não tem... eu penso dessa forma... e o que que mudou pra mim:: eu:: eu antes:: antes de entrar na (...) antes de:: poder sentar numa mesa e falar que eu estava trabalhando eu era muito ignorante... eu era muito... muito grossa:: e de certa forma eu passando pela experiência que eu tenho que ser calma com todo mundo... que eu tenho que ser:: que ter paciência com paciente... com isso e aquilo... me ajudou bastante no meu:: na minha ética profissional e no:: meu psicológico né? na minha:: na minha mente... porque se eu

não passo por isso:: eu ia ser uma menina muito estressada creio eu que:: sei lá:: que que poderia tá fazendo aGora:: em outras formas de dizer também né? mas para mim foi muito bom... eu super:: super:: super gostei né? de ter:: passado por essa experiência porque:: de certa forma me ajudou bastante em comunicação... me ajudou bastante em::: em eu poder me acalmar por si própria... porque:: a gente sempre fala assim... ah o paciente fez isso e aquilo... só que às vezes a gente não está do lado do paciente:: pra saber o que que é... às vezes a gente tem que colocar no lugar dele eu nunca pensei dessa forma::... jamais iria pensar que:: tipo eu estou trabalhando ali:: chega... liga alguém me xingando... eu acho que eu::... se eu fosse o paciente e se acontecesse com ele a mesma coisa... eu também ia ficar nervosa e tal então a gente tem que se colocar no lugar do próximo né?

6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?

sim:: tive muitos ganhos... primeiro:: eu tive:: no meu setor onde eu trabalhei... eu tive muitas pessoas que sempre me ajudaram em tudo... em tudo... não precisava... eles não tinham nenhuma:: nenhuma obrigação mas estavam ali para me ajudar... e::: teve uma das minhas chefes que me ajudou:: a me colocar numa faculdade... ela teve... ela viu... e:: ((tipo)) ela olhou para mim... conversou coMigo... contei para ela tudo que acontece em casa:: e ela virou pra mim e:: e me ajudou a entrar no (...)... me ajudou a pagar:: é::: o vestibular da (...) e ((tipo)) não era coisa que ela tinha necessidade... não era coisa que era obrigação dela... mas ela me ajudou::... ela me ajudava... ela deu um berço e um rack pra minha irmãzinha que ia nascer na época::... então eu falo assim::... às vezes não é:: não é porque você está ali... você está trabalhando e tal... você acha que ninguém gosta de você... eu tive muita sorte... e agradeço muito... muito... muito mesmo por isso ter acontecido comigo... que não é qualquer pessoa que dá um rack pra sua mãe... não é:: qualquer pessoa que paga um vestibular pra você poder entrar numa faculdade... então eu falo que sim eu tive muitos... muitos recursos sobre isso...

7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?

foi sim... toda vez que eu passo na frente do meu serviço que eu não estou lá mais eu falo... nossa que saudade de trabalhar aqui... nossa como eu queria voltar a trabalhar aqui... que hoje eu trabalho em pé... hoje eu trabalho das três horas da tarde até onze e meia em pé no restaurante... eu tive oportunidade de ficar sentada e trabalhar na frente do computador::... então sim... toda vez que eu passo na frente do serviço... do:: da empresa onde eu trabalhei eu sinto falta daquilo... eu sinto saudade de olhar e falar nossa aquilo:: aquilo foi real... aquilo me ajudou bastante... muitas coisas... muito bom...

8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?

sim:: eu estou no mercado de trabalho atualmente::... minhas expectativas para o futuro é:: eu ter... conseguir a minha:: casa né? porque eu tive um apartamento só aí eu separei... eu casei... separe... perdi tudo... mas a minha meta é REconstruir tudo do zero com as minhas coisas... com o meu suor... com tudo aquilo que EU quero::... e não:: eu não estou fazendo faculdade... eu só estou estudando... fazendo o cursos...

9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

tem:... o trabalho tem muito sentido... ((*silêncio*)) eu acho que assim:: é::: se uma pessoa:: me perguntar e falar assim:: porque eu trabalho tem sentido para você? eu vou virar pra ela e vou falar:: porque se a gente não trabalhar não correr atrás daquilo que a gente quer a gente nunca vai conseguir alcançar aquilo que a gente deseja... então o trabalho tem muito sentido para nós? tem... pra muitos NÃO... por conta de preGUIça... pelo fato de::... ah eu não consigo... e isso e aquilo... só que se você não tiver:: persistência naquilo que você quer você nunca vai conseguir aquilo que você deseja... então:: sim trabalho::: ajuda nós em muitas coisas...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

não... tá tudo tranquilo...

TRANSCRIÇÃO N. 7 – Ofélia

Identificação do entrevistado (nome fictício): OFÉLIA

Entrevistado nº 07

Ano que participou do programa: 2019

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?

porque:: assim... quando a gente ainda é menor:: é:: é o meio mais fácil da gente conseguir um emprego né? porque atualmente pra qualquer pessoa tá MUIto difícil arrumar né? a gente conseguir:: o primeiro emprego e ainda mais sem experiência é mais complicado ainda... então:: o programa jovem aprendiz abre muitas portas e facilita:: é isso... então a gente consegue o primeiro emprego sem ter experiência nem nada... e ajuda a gente bem mais do que a gente tem que procurar sozinho né...

2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?

foi... porque:: eu já eu já tinha feito o curso no (...) com carteira assinada mas era só curso... a gente recebia... mas:: eu não tinha contato com a empresa nem nada... agora:: no jovem aprendiz lá:: foi o primeiro contato porque aí eu fui pra emPREsa né? tive contato com o pessoal de lá:: com o pessoal do trabalho... não foi só a parte de ficar estudando... fui para o trabalho mesmo...

3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?

é só pra gastos pessoais mesmo...

4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?

não... porque o horário ajuda bastante né? por ser é:: o meu era de quatro horas... então:: o resto... a outra parte do tempo:: eu:: tinha disponível para estudar... então:: não tem... não tinha esse conflito de tempo...

5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?

a independência né? e depois que a gente começa a trabalhar a gente não quer parar mais... porque depois que a gente tem o primeiro emPREgo... que a gente vê o que é ter o nosso próprio dinheiro... parece que a gente não quer depender mais ninguém... a gente sempre quer ter o nosso diNHEiro... ter a nossa independência financeira...

6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?

sim:... porque assim... igual a gente aprende a conviver com pessoas de:: de todo tipo porque é igual... na minha idade geralmente era acostumada a ter vivência com o pessoal da faculDAde... então assim... é tudo que as pessoas... tudo do mesmo ciclo... com mais ou menos a mesma personalidade... então... quando a gente começa a trabalhar... a gente depara com pessoas de diversos tipos e a gente aprende a lidar com isso... das diversas personaliDAdes né? é:: e a gente também aprende... eu particularmente... desenvolvi muito porque a gente tem um pouco de vergonha né? aí agora parece que a gente fica mais SOLto não tem tanta vergonha em conversar com o público... ter que lidar com outras pessoas... a gente começa acostumar com isso...

7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?

ai meu Deus ((*risos*))... olha foi marcante... porque assim... foi meu primeiro emprego igual eu falei... eu era:: eu me considerava uma pessoa tímida... tinha vergonha de estar conversando com pessoas que eu não conheCIA nem nada... então isso me ajudOU muito e eu acho que é algo que eu vou levar para o resto da minha vida... além da oportunidade né? porque a gente poder colocar no currículo HOje que já tem experiÊNCia... isso já conta bastante porque além do tempo que a gente trabalhou também conta o curso né? então já agrega bastante...

8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?

é:: hoje eu estou... eu estou estagiando... então assim... não é carteira assinada nem nada né? porque por conta de ser estágio é só o contrato de estágio mesmo... é:: eu preTENdo:: formar né? terminar a faculdade porque sim... eu estou fazendo faculdade... eu estou cursando direito... já estou indo para o sexto período agora... e:: eu preTENdo prestar algum concurso público...

9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

se a gente se dedicar...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

é:: eu acho que assim () eu acho muito válido... e hoje é muito importante porque igual... é:: quando você perguntou sobre a questão da renda né? se completava... aqui em casa graças a Deus a gente nunca precisou de ter que ajudar nem nada... mas pra outros jovens a realidade infelizmente é outra né? e essa renda com certeza ajuda bastante outras famílias né? porque às vezes o pai não trabalha a mãe tá desempregada... e:: mesmo que seja assim... um:: valor que não seja tão alto... mas pra algumas famílias faz MUita diferença né? então acho muito válido isso... além do conhecimento né? da gente... das oportunidades que a gente tem de poder é:: estar interagindo com outras pessoas né? o conheciMENTo... isso é muito válido... agrega bastante na vida da gente...

TRANSCRIÇÃO N. 8 – Faustino

Identificação do entrevistado (nome fictício): **FAUSTINO**

Entrevistado nº 08

Ano que participou do programa: 2018

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?

é:: então respondendo sinceramente eu:: eu tava com um pouco de dificuldade de arrumar emPREgo... pelo fato de eu estar fazendo tiro de GUerra... que eu tinha que acordar bem cedo e ((*tipo*)) para o meu primeiro emprego estava bastante difícil acessar o:: mercado de trabalho... aí eu esperei pacientemente no tiro de guerra:: é:: me convidar para fazer (...) aí vocês fizeram uma junção né? de (...) com tiro de guerra na época e meio que facilitou um pouco porque eu não precisei fazer:: os seis meses de curso... porque ali no tiro de guerra já existia um pouco de conteúdo ético... é:: que era um pouco relacionado às questões que:: () outras pessoas também... é:: eu acho que é isso... eu só aproveitei mesmo a chance que eu tinha porque estava bem complicado de arrumar emprego naquela época...

2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?

não... não... eu:: já trabalhei:: sem::... sem carteira assinada... só que:: com serviços que:: do tipo... vender picolé::... essas coisas sabe? só que eu morava em Belo Horizonte na época... e:: lá também é:: um pouco meio difícil de achar emprego porque lá é preciso de uma qualidade muito técnica quando você vai:: procurar algo... e lá ((*tipo*)) não é fáCIL... aí eu fiquei fazendo esses serviços assim um pouco mais manuais de forma:: autônoma mesmo... e:: entender um pouco de dinheiro mas quando eu era bastante novo não sabia administrar e:: é isso...

3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?

ele:: contribuía sim... contribuía... eu:: moro com a minha mãe... e:: ela:: amigou com uma pessoa... e como eu tinha muitos gastos por eu ser de maior... na época eu comecei ajudar ela também dentro de casa... mesmo sendo pouco dinheiro mas dava para fazer ((*tipo*)) uma dupla função ali eu gastava um pouco comigo e:: o que dava pra ajudar eu ajudava...

4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?

não... não... não encontrei não... no caso já tinha acabado a escola então:: foi um pouco mais fácil... eu só continuei fazendo tiro de guerra... mas como era:: na parte da manhã não tive nenhum desacerto neste sentido...

5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?

trabalho:: ele representa pra mim uma:: uma função de te impulsionar a fazer muitas coisas melhores... você:: está trabalhando com outros tipos de pessoas... você tem um pensamento

compartilhado... em uma função:: ética... sabe? no conjunto mesmo... e:: eu aprendi fazer bastante coisas... eu aprendi a lidar melhor com o meu sentimento... eu aprendi a lidar melhor com o dinheiro né? em si... e com as pessoas em volta de mim mesmo que eu não tenho uma opinião é:: que é a mesma da pessoa... eu aprendi a respeitá-la porque o local de trabalho é um local que você vai passar praticamente:: um tempo muito grande né? se você se empenhar... lógico... mas é:: conviver com as pessoas foi:: principal...

6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?

tá... é:: considero sim que:: que trouxe um ganho e:: como eu tinha dito a questão interpessoal ela se eleva né? a um nível que:: você não sabia que tinha porque até o momento eu não tinha lidado com pessoas diferentes a não ser na escola... e:: a gente pode não conversar pessoas na escola mas no trabalho a gente tem que ter uma:: um comportamento bastante ético e:: moral... e uma das coisas que:: me ajudaram... colocar em primeiro lugar assim:: eu acho que é evolução mental sabe? de compreender melhor as coisas... mesmo aquelas que eu não eu não tenho interesse tanto assim eu posso compreender porque faz parte de um setor diferente do trabalho... por exemplo...

7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?

sim... sim... foi um marco importante... a primeira imagem que me lembra... daquele trabalho que eu tinha feito... era o seminário... eu fazendo:: em forma de poesia... contando meio que a história assim da minha vida eu acho que marcou bastante porque:: até o momento eu era uma pessoa bastante tímida e estava tentando vencer ali um pouco da timidez... fechando com chave de ouro assim... vamos dizer...

8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?

sim... eu estou no mercado de trabalho... inclusive na mesma empresa que:: que eu fiz a (...) só que em setor diferente... eu tinha:: tinha acabado o contrato com a empresa e a:: chefe do RH ela tinha:: é:: falado que ia conseguir uma vaga no setor... assim que abrisse essa vaga - não tinha vaga de arquivista ainda - aí:: assim que abriu ((*tipo*)) passaram uns dois meses que eu estava desempregado... eu estava trabalhando até:: de fazer salgado... aí:: não estava dando muito certo... foi lá e ela me ligou... aí ((*tipo*)) eu fiquei bastante feliz eu perguntei se era no mesmo setor ela falou que não ela falou que era como arquivista... e hoje eu estou trabalhando com ela... *ah* e sobre a faculdade eu pretendo sim pretendo fazer faculdade de:: fisioterapia... só que eu preciso levar bastante eu não estou empenhado muito na escola ainda não mas::... vai dar certo... vou começar a estudar a partir do mês que vem...

9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

se você fizer bem...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

ah primeiramente eu queria agradecer você... porque::: você foi uma pessoa que me ajudou bastante no momento em que eu estava ali na turma e:: eu acho que você tem um conhecimento muito grande com pessoas... eu realmente te acho uma pessoa incrível... acho que todo mundo ali te acha uma pessoa incrível né? e:: segundamente eu queria:: agradecer a própria instituição mesmo porque o que ela faz é uma coisa uma coisa que:: nossa... tem um ganho muito grande... muito grande para as pessoa sabe? eu acho que é complicado arrumar emprego sem você ter experiência e o que ela faz é confiar em uma empresa uma pessoa e:: ((*tipo*)) esse... esse modo de transformação... eu acho que é uma fidelidade né? eu acho que a partir daí a gente começa a pensar um pouco maior... pensar que ((*tipo*)) as coisas podem:: de forma organizada elas podem se dar bem sabe? independente do momento que você tiver na vida...

TRANSCRIÇÃO N. 9 – Ulisses

Identificação do entrevistado (nome fictício): **ULISSES**

Entrevistado nº 09

Ano que participou do programa: 2018

1. Qual foi a motivação (quais foram as motivações) que o(a) levou a procurar o programa Jovem Aprendiz?

é:: primeiramente () agradecendo né? por estar aqui:: fazendo parte desse:: do seu:: trabalho... e:: pra ser sincero é:: eu não tive motivação... porque:: quem me fez entrar foi minha mãe... inclusive hoje em dia eu agradeço muito a ela né? porque:: foi assim... uma coisa que realmente mudou:: muito a minha vida... mas motivação... eu sei lá... eu era um garoto de quatorze anos que:: queria ficar brincando... mas... era onde eu:: tive a oportunidade né? ela procurou saber né? porque não tava aguentando eu ficar em casa mais... ela procurou saber e:: foi onde eu:: eu comecei... eu fiz os cursos e:: hoje eu agradeço muito é isso essa motivação que eu tive de ter sido forçado a:: fazer...

2. A sua vivência como jovem aprendiz foi sua primeira experiência de trabalho?

foi... foi... assim é:: eu saía com meu avô né? meu avô era:: pedreiro... eu saía com ele pra:: ajudar... fingir que tava ajudando né? mas::... a oportunidade... a primeira realmente... a primeira oportunidade que eu tive com o trabalho... com o mercado de trabalho foi com o:: jovem aprendiz...

3. Quanto a renda (salário) recebido por você ele contribuía para a complementação da renda familiar ou era somente para seus gastos individuais?

assim é:: minha mãe colocou muito a questão de responsabilidade... eu acredito que com você ganhando o salário... você tem uma certa responsabilidade não só no trabalho mas também em casa né? porque você tem:: tem moradia... você tem gasto com comida... energia... etcetera... então ela sempre colocou que eu tinha que ajudar em casa... entendeu? não que às vezes não precisava... mas que eu tinha que ajudar em casa justamente por essa responsabilidade que eu tinha que começar a ter desde cedo... então... eu ajudava... é um salário assim é:: não era muito o salário né? mas:: todo mês eu contribuía com cem reais aqui em casa... assim... independente do que fosse gasto era minha parte de tá:: é:: colocando esse salário aqui em casa uma parte dele...

4. Você encontrou alguma dificuldade em conciliar a escola e o trabalho?

ah sim... encontra... é porque:: querendo ou não você tá::... por exemplo... você tá acostumado a só estudar... vamos por... estudar de manhã e ficar a tarde talvez estudando também algumas coisas ou ficar fazendo nada... então quando tem esse choque né? essa troca de realidade que muda bastante né? você não está acostumado... você não tá acostumado assim em conviver com várias pessoas... então a partir do momento que você troca essa realidade é um choque muito grande... então foi onde você tem que se adaptar muito bem entendeu? você tem que:: você tem que fazer o possível pra... por exemplo... não ficar mal na escola... mas também:: não afogar muito no trabalho entendeu? porque querendo ou não você vai criando uma responsabilidade no trabalho... você tem um trabalho pra fazer... então

se você:: descontrolar todo esse controle que você deveria TER... isso:: ((tipo)) não faz bem... você tem que manter um certo controle...

5. O que representa o trabalho para você? O que mudou depois que começou a trabalhar?

olha... essa é uma pergunta que:: que eu gostaria muito de responder porque::... pra mim foi onde tudo realmente começou... hoje eu:: eu tenho... eu estou com dezoito anos... eu estou efetivado numa empresa por causa do jovem aprendiz... hoje em dia estou trabalhando na (...) - não sei se eu poderia estar falando... para mim também eu não me importo... me orgulho de estar falando também - foi graças ao jovem aprendiz que me deu essa oportunidade... então assim... eu:: tenho:: admirações e:: muitas gratificações pelo jovem aprendiz... justamente porque foi realmente onde mudou a minha vida... e:: assim:: eu fui criado com a cabeça muito fechada também... então hoje eu vejo o mundo... eu vejo... eu tenho... por exemplo... meu senso crítico de outra forma... justamente pelo convívio de pessoas que eu tive... pelo convívio de outras opiniões... pelo convívio de outras... outras experiÊNcias entendeu? então acho que foi muito importante para mim que impactou com tudo que eu tenho construído até hoje...

6. Você considera que as relações de trabalho, o convívio com outras pessoas no ambiente profissional, lhe trouxeram ganhos? Caso a resposta seja sim, você pode enumerar pelo menos um?

complementando né? a:: a resposta passada... é:: é um ganho... um ganho muito bom... assim você tem que... principalmente eu acredito... que o que você aprende é CONviver com as pessoas... eu acredito que no mercado de trabalho um dos piores problemas que a gente tem hoje... às vezes assim... você pode ser a pessoa super inteligente que sabe tudo de excel... por exemplo... mas se você não souber conviver com pessoas você não vai saber se adaptar... então o mercado de trabalho é isso... você preCisa conviver com pessoas é necessário... totalmente necessário... enTÃO é aonde você precisa... é:: precisa saber conviver porque senão você não vai se dar bem entendeu? são casos e casos que:: isso acontece... mas:: acredito que uma das maiores experiências que eu tive... maiores prazeres e ganhos que eu tive... foi justamente saber conviver com as pessoas...

7. Qual a imagem vem à sua mente quando você se recorda do tempo que esteve como Jovem Aprendiz? Essa experiência foi um marco importante para você?

foi... foi um marco muito importante pra mim porque foram momentos muito bons... muito bons né? eu não... não só... não vejo o jovem aprendiz não só como:: um trabalho em si... eu aprendi muita coisa lá e encontrei pessoas também muito boas... né? por exemplo... um dos motivos de eu estar dando essa entrevista é que eu estou te... eu estou tentando te ajudar porque você me ajudou... entendeu? você me colocou no mercado de trabalho...entendeu? então:: assim... essa imagem que eu tenho e:: eu não tenho.. por exemplo... ah você fala com a pessoa... ah eu fui jovem aprendiz lá e tal... eu tenho orGulho de falar entendeu? porque:: é a imagem que eu tento passar de tudo que esse jovem aprendiz me proporcionou... entendeu?

8. Você está no mercado de trabalho atualmente? Quais as suas expectativas para o seu futuro profissional? Está fazendo ou pretende fazer uma faculdade?

é:: eu estou sim no mercado de trabalho... atualmente trabalho de auxiliar administrativo na (...) eu trabalho na intralogística né? que eu trabalho com... uma parte interna da logística que realmente é a logística em si... no transporte... eu trabalho diretamente com esse pessoal... e é uma experiência muito boa né? que eu estou tendo... e SIM... é:: eu tenho vários é:: eu penso em fazer faculdade e também penso no meu futuro profissional que é até a segunda pergunta... é questão profissional eu vejo:: que eu tenho... eu trabalho... eu faço isso justamente porque eu quero ter um futuro:: não... não posso te falar na logística:: em si... mas eu:: quero ter um futuro brilhante profissionalmente... pretendo ter... e pra isso eu penso em fazer uma faculdade... eu penso em fazer:: assim... não... não tem muito a ver com o que eu trabalho agora mas:: eu acredito que influencia também... eu quero fazer engenharia de controle e automação... e:: que assim... a indústria 4.0 tá vindo aí para o Brasil né? espero que venha também... não só indústria como a logística também que vai impactar demais do nosso trabalho lá que eu... que eu vejo né? que vai facilitar muito e:: muito...

9. Complete a frase: O trabalho tem sentido se...

é:: o trabalho tem sentido... se você fizer vale a pena... porque é muito fácil você trabalhar pra ganhar dinheiro... acredito que:: o trabalho não é só dinheiro... eu vejo meu trabalho hoje... o dinheiro a consequência para mim... não... não querendo ser egoísta ou nada mas eu acredito que a experiência que eu tenho hoje... que eu ganho hoje... com o meu trabalho é:: superior ao meu ganho salarial... entendeu? eu estou lá... eu tô lá quatro meses se eu não me engano... e a experiência que adquiri lá não só no trabalho em si... mas também trabalhar COM PESSOAS né? que isso eu acho que é muito importante... então eu acho que o trabalho você tem que fazer valer a pena... você tem que dar seu esforço... entendeu? vai passar momentos MUito difíceis mas... ((*cara*)) vai passar momentos difíceis mas amanhã você vai olhar pra trás e ((*pô*)) eu passei por aquilo entendeu? então:: assim acho que isso cada vez te faz mais forte também não só profissionalmente mas também como pessoalmente - não era pessoalmente queria falar era outra...

Este espaço é reservado caso queira realizar algum comentário que não tenha sido feito anteriormente.

(...) positivo... sem problema então é:: se você é uma pessoa que pensa entrar no mercado de trabalho ou como jovem aprendiz... ((*cara*)) é muito importante... muito importante porque:: é uma porta né? assim... inclusive na (...) em si... eles falam muito sobre isso... sobre ser uma porta né? a porta de entrada para o mercado de trabalho... então:: se você tem essa oportunidade vai ((*cara*)) assim... mesmo que você não consiga um serviço... mesmo que... mas assim... só de você estar convivendo com pessoas que têm o mesmo objetivo que você é muito importante... e eu queria:: não só te responder as perguntas mas:: agradecer a (...) não sei se eu posso falar seu nome... acredito que pode... então é:: eu queria agradecer a (...) por ter me proporcionado entendeu? foi assim eu tenho lembranças muito boas desse tempo é:: que a gente passou (...) porque eu fiz o treinamento né? foram vinte dias... aqueles vinte dias que você precisa pra entrar no mercado de trabalho e:: foram experiências muito boas que inclusive eu tenho amigos daquela época até hoje que são amigos muito importantes pra mim... e:: justamente por causa disso... às vezes o mercado de trabalho não é só trabalho entendeu? pode... pode ser muito mais que isso...

ANEXO I – PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os sentidos do trabalho e da formação profissional a partir da percepção dos egressos de uma instituição formadora em Uberaba-MG.

Pesquisador: Anderson Claytom Ferreira Brettas

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 45543821.9.0000.5154

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.759.713

Apresentação do Projeto:

O projeto está sendo reapresentado com o objetivo de atender pendência(s) apontada(s) no parecer nº 4.710.720.

As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO, de 17/05/2021) e do Projeto Detalhado (formularioCEP_projeto_atualizado.docx, de 17/05/2021).

Segundo os pesquisadores:

“O olhar voltado para o estudo das juventudes ainda é latente por diversas áreas do conhecimento uma vez que o avanço é percebido diretamente no termo que hoje é mais comumente tratado no plural, devido às diversas considerações que se fazem para entender onde está, em qual realidade vive, quais perspectivas permeiam o tempo desse jovem.

Não são mais vistos como pertencentes a um mesmo grupo por sua idade, constroem seu modo de ser jovem, pois sabe-se que tudo o que está ao seu redor interfere positiva ou negativamente para delimitar esse estágio. Quanto mais avança em termos cronológicos, deixando a infância e aproximando-se efetivamente do jovem que aspira por perspectivas autônomas, suas necessidades e vontades mudam, anseiam por independência, desejam ajudar a família e projetam

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 4.759.713

seu futuro.

Porquanto é importante salientar que não é encontrada na legislação e na literatura uma concordância para a delimitação das fases cronológicas da juventude. Segundo o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069/1990, art. 2º, para efeitos da Lei, considera-se criança a pessoa até os 12 anos incompletos. Conforme o EJ - Estatuto da Juventude, jovem é aquele que compreende a idade entre 15 a 29 anos, conforme art. 1º, §1º da Lei nº 12.852/2013 (BRASIL, 2019).

Papalia e Feldman (2013, p. 386) em seus estudos sobre o desenvolvimento humano consideram adolescência “o período que compreende as idades entre 11 e 19 ou 20 anos”. Entretanto, Veríssimo (2002, p. 19) apresenta o que Erik Erikson infere como sendo a “moratória psicossocial” que compreende a idade entre os 13 até os 21 anos onde se destaca a “busca por uma identidade e o valor da impressão causada aos outros”. O mesmo autor também designa o período que chama de “maioridade jovem” ou “adulto jovem” onde estabelece uma faixa etária dos 21 até próximo aos 40 anos.

Para efeitos deste estudo, considerar-se-á a faixa etária que compreende as idades entre 14 a 24 anos conforme art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, para atendimento a Lei de Aprendizagem nº 10.097/2000 (BRASIL, 2018).

Assim sendo, é possível observar que as marcações não ilustram cronologicamente e de forma clara quando começa uma fase e termina outra. Talvez seja justamente por não haver consenso e porque devem ser observadas questões mais apuradas e de maneira mais individualizada, que compreendam a que esse jovem está exposto, quais suas perspectivas, como reage as situações impostas pela vida construindo seu caminho e formando-se enquanto cidadão, questões que serão edificadas em seu convívio social.

A realidade e as possibilidades não são iguais para aqueles de diferentes classes sociais, raça/etnia e gênero. Assim, cada sujeito vai desenhando seus projetos de futuro dentro do campo de possibilidades que – além das demarcações objetivas – também é limitado e/ou potencializado dependendo do grupo ao qual pertence (VILLAS; NONATO, 2014, p. 22).

Quando se utiliza a expressão jovem é comum que muitos já tenham uma imagem construída, e isso talvez seja o que mais dificulte na maneira de entendê-los. Os vários estereótipos imaginados levam mais comumente para o quimérico do jovem irresponsável, inconsequente e que não pensa no futuro. Há também o idealismo do jovem que segue seus estudos, escolhe um direcionamento profissional e mais tarde forma sua família. Ou ainda aquele que prolonga essa fase e tem a sensação da juventude eterna, onde cada momento precisa ser aproveitado como se fosse o

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 4.759.713

último.

Corroborando com esse contexto, Dayrell (2003, p. 40) defende que uma das imagens “mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente”.

Outra discussão muito presente no cenário juvenil é sobre a inserção do jovem no mundo do trabalho. Nesse momento de transição da vida do jovem entre a conclusão do ensino médio regular e sua qualificação/preparação para o mercado de trabalho, o primeiro emprego surge como uma alternativa. Aqueles que não se inseriram imediatamente em Universidades ou Institutos Federais e também em outras instituições de Educação Superior, por não conseguirem média para aprovação nos processos seletivos ou por questões socioeconômicas, imaginam que o ensino público e de qualidade está fora de cogitação, portanto, veem no trabalho a possibilidade de financiar seus estudos.

Além disso é preciso considerar que esse momento também é de projetar o futuro sem deixar de viver o presente. O que acontece é que pela dinâmica dos acontecimentos na contemporaneidade o futuro está logo ali, mas pode esperar, e o hoje para a juventude também tem seus atrativos que permeiam o imaginário.

Os planejamentos, sonhos e projeções não deixaram de existir, mas estão cada vez mais relacionados a eventos e acontecimentos de curtíssimo prazo: a festa do final de semana, a prova de amanhã, o encontro de hoje à noite. O ano que vem parece longe demais para se tornar uma preocupação do agora (VILLAS; NONATO, 2014, p. 25).

Os padrões de consumo que sempre existiram somente se alternam de geração em geração, ditam regras e padrões de comportamento. A publicidade cada vez mais presente exhibe um estilo de vida que é cobiçado e que para muitos representa a própria felicidade. Muitos desses jovens estão em busca desse ideal, alguns encaram o trabalho como fonte de satisfação, porém se esquecem que é de caráter imediato. Outros vislumbram e projetam uma carreira que possa lhes trazer uma vida mais estável e com boas oportunidades.

Por outro lado, Camarano et al. (2004) aponta que a passagem para a vida adulta e a vontade de tornar-se independente economicamente, incluindo a possibilidade de sair do seu domicílio e formar uma nova família, são tidos como fatores decisivos para a busca do primeiro emprego.

De fato, considerar o momento de transição pelo qual os jovens naturalmente passam até atingir a fase adulta tem por consequência uma interpretação de que eles são declarados aptos para certas atividades como iniciar-se profissionalmente por meio de programas específicos, como o Jovem Aprendiz - JA, e não aptos para outras como votar antes dos 16 anos.

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 4.759.713

Além disso, é o momento crítico de definição do ego com grandes mudanças na personalidade (ARRUDA, 2004). É neste momento que se questiona “quem é como pessoa, o que vale e qual a impressão causa nos outros” (VERÍSSIMO, 2002, p. 19).

Para Masson (2016, p. 23) “é impossível eliminar o trabalho da vida dos homens porque é a partir dele que ocorre a satisfação das necessidades que garantem a sua sobrevivência”. Todavia, se considerarmos o significado do trabalho para o homem talvez não seja difícil compreender porque desde muito cedo jovens de classes menos favorecidas premeditam a sua realização através da inserção precoce no mercado de trabalho, visto que em sua idealização isso os deixaria em igualdade com os seus iguais, considerando o poder do capital. Dessa maneira, afirma Simões (2010, p. 98-99) “o trabalho assume o papel de meio para continuar os estudos e um fim para sua realização profissional”.

A maioria desses jovens até o momento esteve, exclusivamente matriculada, em escolas de ensino regular sem uma profissionalização, sendo que o ingresso no mundo do trabalho exige dos trabalhadores uma certa capacitação. Ademais, analisando historicamente, não é difícil constatar que até antes do processo de industrialização, muitos desses jovens aprendiam seus ofícios repassados de pai para filho, no campo ou em áreas urbanas.

Após o grande desenvolvimento tecnológico iniciado na Inglaterra, o próprio sentido do trabalho se altera, pois a necessidade de compreender tecnicamente o funcionamento das máquinas se tornou quase que obrigatória. Assim, há o surgimento das primeiras escolas de aprendizes.

Adicionalmente, esses jovens enfrentam um agravamento como “a verdadeira crise que se encontra em curso na transição do sistema educacional para o mundo do trabalho, sendo um dos maiores obstáculos à reprodução social juvenil” (POCHMANN, 2007, p. 1).

Para Silva (2001, p. 113) “a inserção do jovem no mercado de trabalho se dá de forma bastante desfavorável, visto que geralmente é precoce pois grande parte teve seu primeiro emprego com 12 anos ou menos, [...] os salários são baixos, em média representam 50% do rendimento dos adultos”. Dessa forma, muitos desses jovens veem-se forçados ao abandono dos estudos, dadas as premissas de tempo dedicado ao trabalho, o cansaço e os afazeres domésticos que lhes são impostos no âmbito familiar.

Em virtude desses acontecimentos e também por apresentarem certa vulnerabilidade é comum encontrar jovens em ocupações informais que não privilegiam as condições de trabalho como a saúde e a segurança. Assim seguem expostos a fatores de risco sem nenhuma garantia caso algo lhes aconteça. Nesse balanço pela sorte, o que parece importar é o momento, o que se tem no presente, que propicie uma renda e que possa atender, inclusive, suas necessidades juvenis, os

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 4.759.713

encontros com seus pares e uma inclusão ilusória de pertencimento ao grupo.

Por outro lado, assim como ressalta Silva (2001, p. 7) “as empresas têm valorizado a experiência dos trabalhadores para sua contratação, sendo este mais um obstáculo enfrentado pelos jovens para a obtenção de um lugar no mercado de trabalho, especialmente para a obtenção de seu primeiro emprego”.

O que não fica claro é se essa consideração não é mais uma forma de exclusão, sendo que a primeira oportunidade não deixará de ser um empecilho, visto que tantas barreiras são colocadas dificultando esse processo. Ademais, não há garantias que as empresas atendam as demandas das políticas públicas criadas como forma de incentivar o primeiro emprego mesmo havendo uma contrapartida que lhes conceda, por exemplo, redução no pagamento de determinados tributos e/ou encargos sociais.

Segundo Krawczyk (2014, p. 86), outros fatores que agravam ainda mais são que “as mudanças provocadas pelas novas tecnologias na organização do trabalho fazem com que a exigência do nível de escolaridade para muitos postos de trabalho sirva apenas para melhorar o lugar na fila do desemprego”. Logo, é mister admitir a importância que a formação integral tem sobre o ofício que esse jovem desempenhará.

A existência de programas de aprendizagem profissional é uma realidade em todo o território nacional, o que culmina na demanda do primeiro emprego para diversos jovens a partir dos 14 anos de idade. Neste sentido, é impreterível considerar os fatores que direcionaram tais jovens a optarem por participarem destes programas a fim de verificar os impactos que tal escolha pode trazer desde o curto até o longo prazo em suas vidas.

Dessa forma apresenta-se a seguinte pergunta: A Lei de Aprendizagem, enquanto política pública, preocupa-se com a educação integral do jovem levando-o a compreender os sentidos do trabalho e da formação integral?.”

“MÉTODO(S) A SER(EM) UTILIZADO(S): Quanto a finalidade, é uma pesquisa aplicada pelo fato de concentrar nos problemas presentes de determinado grupo ou atores sociais, buscando reconhecê-los e encontrar soluções, atendendo uma demanda formulada por “clientes, atores sociais ou instituições” (THIOLLENT, 2009, p. 36).

Com base em seus objetivos esta pesquisa tem cunho exploratório e descritivo. Conforme Gil (2002, p. 41) as pesquisas exploratórias “proporcionam maior familiaridade com o problema”, enquanto as pesquisas descritivas tem como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 4.759.713

Quanto aos procedimentos a pesquisa é bibliográfica pois se apoiará na vasta contribuição existente de obras e estudos que tratam sobre as juventudes, o trabalho e a formação profissional. Ainda segundo Gil (2002, p. 45) “a principal vantagem de uma pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Acerca da natureza, a pesquisa é qualitativa. Conforme Godoy (1995, p. 63) a intenção dos pesquisadores qualitativos é “compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes”. Corroborando com o exposto, Pádua (2004, p. 36) acrescenta que “pode-se dizer que as pesquisas qualitativas tem se preocupado com o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais”.

Dado o exposto, o tipo de amostragem que melhor enquadra neste contexto é por acessibilidade. Assim que houver a liberação pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, serão contatados doze egressos para participarem da pesquisa. Os contatos acontecerão por e-mail, telefone ou outro meio necessário com o intuito de explicar a dinâmica do trabalho aos aprendizes egressos.

O estudo propõe uma abordagem por meio de entrevistas semiestruturadas cujo roteiro será elaborado a partir das leituras, orientações e também da prática da pesquisadora como ex professora da instituição formadora. Segundo Gil (2008, p. 109) “a entrevista é uma forma de interação social”, dessa maneira outras observações podem ser feitas pelo entrevistador que por meio da tonalidade da voz e da fisionomia, tem a oportunidade interagir com o entrevistado.

O atendimento aos procedimentos éticos serão expressamente observados. Após a aprovação do projeto pelo CEP e antes de iniciar o estudo será encaminhado ao possível respondente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido com respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Responsável, quando o responde for menor de 18 anos, contendo as informações para conhecimento da pesquisa, bem como informando o sigilo da sua identidade. Conforme orientações contidas na Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS, os referidos termos serão enviados pelo ambiente virtual (email, sites eletrônicos, formulários disponibilizados por programas, etc.), tomando o cuidado para que o convite seja enviado individualmente, ou seja, contendo somente um remetente e um destinatário, ou através de lista oculta. Será reforçado com os participantes da pesquisa que o consentimento será previamente apresentado e, caso, concorde em participar, será considerado anuência quando responder ao questionário/formulário ou entrevista da pesquisa.

Após a concessão de seu consentimento e antes do início da entrevista serão apresentadas as

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 4.759.713

perguntas aos participantes garantindo-lhes o direito de conhecer o teor do conteúdo do instrumento antes de responder as perguntas. Quando o respondente for menor de 18 anos, o primeiro contato para o consentimento será com os pais ou responsáveis, e a partir da concordância, deverá ser buscado o assentimento do menor de idade. As entrevistas serão gravadas com consentimento, prezando pelo sigilo dos dados do respondente, que serão identificados por pseudônimos e não será revelada nenhuma informação que possa dar a entender sobre sua identidade. Posteriormente à gravação, as entrevistas serão transcritas para que seja possível realizar as análises com o cuidado de atender às normas empregadas para transcrição de entrevistas.”

“CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS PARTICIPANTES: Os participantes incluídos nesta pesquisa deverão ter cumprido o contrato de trabalho em sua totalidade, ou ainda, sido admitidos como contrato por prazo indeterminado no decorrer do contrato como jovem aprendiz. Serão excluídos os participantes que por ventura tenham sido desligados pela empresa ou por vontade própria antes do cumprimento total do contrato de trabalho.”

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os pesquisadores:

“Objetivo Geral: Analisar a partir da fala dos egressos do Programa Jovem Aprendiz - PJA de uma instituição formadora na cidade de Uberaba-MG, o que demonstram sobre os sentidos do trabalho e da formação, se existem e quais são os impactos causados em sua trajetória enquanto assistidos pela Lei de Aprendizagem nº 10.097/00 por esta instituição.”

“Objetivos Específicos:

- Apresentar a legislação acerca do Programa de Aprendizagem Profissional, como política pública de inserção ao primeiro emprego dirigida aos jovens;
- Descrever quem são os jovens egressos do Programa de Aprendizagem Profissional, escolaridade, fatores sociais/econômicos e contexto familiar;
- Identificar quais as motivações que os levaram a procurar o programa;
- Levantar e destacar qual o sentido do trabalho para esse jovem e quais atitudes valoriza em se tratando das relações para o mundo do trabalho;
- Verificar suas expectativas acerca do desenvolvimento da carreira, a continuidade nos estudos e

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 4.759.713

perspectivas profissionais;

- Descrever, caso existam, os conflitos e as contribuições do Programa de Aprendizagem a partir das percepções dos jovens egressos.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores:

“Os riscos decorrentes da participação nesta pesquisa são mínimos, consideradas as características e circunstâncias do projeto. O participante da pesquisa será respeitado em sua dignidade e autonomia, em suas opiniões e valores. Para que sejam evitados os riscos, serão tomadas as medidas e cuidados para preservar a confidencialidade dos dados colhidos, e a proteção dos sujeitos envolvidos. Será utilizado um nome fictício, e os pesquisadores conhecerão a identidade do participante. Os seus dados serão mantidos em sigilo e serão utilizados apenas com fins científicos, tais como apresentações em congressos e publicação de artigos científicos. Seu nome ou qualquer identificação sua (voz, foto, etc) jamais aparecerá. Como benefícios desta pesquisa pode ser considerado sobre a identificação ou não da formação integral do jovem em cursos profissionalizantes, visando contribuir para repensar o próprio modelo existente.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de retorno de parecer anterior 4.710.720, em que os pesquisadores atenderam todas as solicitações do CEP-UFTM.

Os pesquisadores propõem realizar uma revisão das obras de autores que abordam sobre os estudos da juventude e os sentidos que esta dá ao trabalho, contribuirão autores como Erikson (1987); Saviani (2003); Frigotto (2004); Dayrell (2003), e também em estudos da bibliografia consultando pesquisas já realizadas como as de Mandelli (2011); Graebin (2019); Borges (2010). Apoiando, similarmente, em estudos já realizados sobre a formação profissional de autores como Pessoa (2014; 2015), Bitello (2013), Macêdo (2012). Tais estudos contribuirão para o planejamento do trabalho de campo. O trabalho de campo será apoiado em entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro será elaborado a partir das leituras, orientações e também da prática da pesquisadora como ex professora da instituição formadora. O atendimento aos procedimentos éticos serão expressamente observados. Antes de iniciar será encaminhado ao possível respondente o Termo

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões
Bairro: Abadia **CEP:** 38.025-440
UF: MG **Município:** UBERABA
Telefone: (34)3700-6803 **E-mail:** cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 4.759.713

de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, contendo as informações para conhecimento da pesquisa, bem como informando o sigilo da sua identidade. As entrevistas serão gravadas com consentimento, prezando pelo sigilo dos dados e da identidade do respondente. Estes serão identificados por pseudônimos e não será revelada nenhuma informação que possa dar a entender sobre sua identidade. Posteriormente à gravação, as entrevistas serão transcritas para que seja possível realizar as análises, utilizando formas de transcrição empregadas conforme Fávero, Andrade e Aquino (2002).

Equipe de pesquisadores vinculados ao projeto: Prof. Dr. Anderson Claytom Ferreira Brettas (Docente orientador), Alcione Bononi Paiva Miranda, Renata Caroline Ferreira Vieira, Ferreira Vieira e Selma Sanches Dovichi (membros da equipe).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram apresentados adequadamente, atendendo às exigências do CEP-CONEP, bem como a(s) pendência(s) apontadas em parecer anterior nº 4.710.720.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 510/16 e Norma Operacional 001/2013, o Colegiado do CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O CEP-UFTM informa que de acordo com as orientações da CONEP, o pesquisador deve notificar na página da Plataforma Brasil, o início do projeto. A partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestrais), assim como também é obrigatória, a apresentação do relatório final, quando do término do estudo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|--------------------------------|---|------------------------|-------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1728640.pdf | 17/05/2021 18:42:21 | | Aceito |

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões
Bairro: Abadia **CEP:** 38.025-440
UF: MG **Município:** UBERABA
Telefone: (34)3700-6803 **E-mail:** cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 4.759.713

| | | | | |
|--|---------------------------------|------------------------|--------------------------------------|--------|
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_CEP.docx | 17/05/2021 18:41:49 | Alcione Bononi Paiva Miranda | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_UFTM.docx | 17/05/2021 18:41:02 | Alcione Bononi Paiva Miranda | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_Responsavel_Legal.docx | 17/05/2021 18:34:56 | Alcione Bononi Paiva Miranda | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_de_Assentimento_UFTM.docx | 17/05/2021 18:32:18 | Alcione Bononi Paiva Miranda | Aceito |
| Recurso Anexado pelo Pesquisador | ROTEIRO_ENTREVISTA.pdf | 14/04/2021 14:08:48 | Anderson Claytom Ferreira Brettas | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaDeRosto_CEF_assinado.pdf | 12/04/2021 17:02:08 | Anderson Claytom Ferreira Brettas | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERABA, 08 de Junho de 2021

Assinado por:

Alessandra Cavalcanti de Albuquerque e Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br

ANEXO II – LEI DE APRENDIZAGEM Nº 10.097/00



CÂMARA DOS DEPUTADOS
Centro de Documentação e Informação

LEI Nº 10.097, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000

Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Os arts. 402, 403, 428, 429, 430, 431, 432 e 433 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 402. Considera-se menor para os efeitos desta Consolidação o trabalhador de quatorze até dezoito anos." (NR)

"....."

"Art. 403. É proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos quatorze anos." (NR)

"Parágrafo único. O trabalho do menor não poderá ser realizado em locais prejudiciais a sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a frequência à escola." (NR)

"a) revogada;"

"b) revogada."

"Art. 428. Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de quatorze e menor de dezoito anos, inscrito em programa de aprendizagem, formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação." (NR)

§ 1º. A validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, matrícula e frequência do aprendiz à escola, caso não haja concluído o ensino fundamental, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob a orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica. (AC)

§ 2º. Ao menor aprendiz, salvo condição mais favorável, será garantido o salário mínimo hora. (AC)

§ 3º. O contrato de aprendizagem não poderá ser estipulado por mais de dois anos" (AC)

§ 4º. A formação técnico-profissional a que se refere o *caput* deste artigo caracteriza-se por suas atividades teóricas e práticas, metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva desenvolvidas no ambiente de trabalho." (AC)

"Art. 429. Os estabelecimentos de qualquer natureza são obrigados a empregar e matricular nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem número de aprendizes equivalente a cinco por cento, no mínimo, e quinze por cento, no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional." (NR)

"a) revogada."

"b) revogada."

§ 1º-A O limite fixado neste artigo não se aplica quando o empregador for entidade sem fins lucrativos, que tenha por objetivo a educação profissional. (AC)

"§ 1º. As frações de unidade, no cálculo da percentagem de que trata o *caput*, darão lugar à admissão de um aprendiz." (NR)

"Art. 430. Na hipótese de os Serviços Nacionais de Aprendizagem não oferecerem cursos ou vagas suficientes para atender à demanda dos estabelecimentos, esta poderá ser suprida por outras entidades qualificadas em formação técnico - profissional metódica, a saber." (NR)

"I - *(Revogado parcialmente na parte em que altera o inciso I do "caput" do art. 430 da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º/5/1943, pela Medida Provisória nº 1.116, de 4/5/2022)*

" II - entidades sem fins lucrativos, que tenham por objetivo a assistência ao adolescente e à educação profissional, registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.(AC)

"§ 1º. As entidades mencionadas neste artigo deverão contar com estrutura adequada ao desenvolvimento dos programas de aprendizagem, de forma a manter a qualidade do processo de ensino, bem como acompanhar e avaliar os resultados. (AC)

"§ 2º. Aos aprendizes que concluírem os cursos de aprendizagem, com aproveitamento, será concedido certificado de qualificação profissional. (AC)

"§ 3º. O Ministério do Trabalho e Emprego fixará normas para avaliação da competência das entidades mencionadas no inciso II deste artigo."(AC)

"Art. 431. A contratação do aprendiz poderá ser efetivada pela empresa onde se realizará a aprendizagem ou pelas entidades mencionadas no inciso II do art. 430, caso em que não gera vínculo de emprego com a empresa tomadora dos serviços." (NR)

"a) revogada."

"b) revogada;"

"c) revogada;"

"Parágrafo único.(VETADO)

"Art. 432. A duração do trabalho do aprendiz não excederá de seis horas diárias, sendo vedadas a prorrogação e a compensação de jornada." (NR)

"§ 1º. O limite previsto neste artigo poderá ser de até oito horas diárias para os aprendizes que já tiverem completado o ensino fundamental, se nelas forem computadas as horas destinadas à aprendizagem teórica." (NR)

"§ 2º Revogado."

"Art. 433. O contrato de aprendizagem extinguir-se á no seu termo ou quando o aprendiz completar dezoito anos, ou ainda antecipadamente nas seguintes hipóteses:" (NR)

"a) revogada;"

"b) revogada."

I - desempenho insuficiente ou inadaptação do aprendiz; (AC)

II - falta disciplinar grave;" (AC)

III - ausência injustificada à escola que implique perda do ano letivo, ou" (AC)

IV - a pedido do aprendiz." (AC)

"Parágrafo único. Revogado."

"§ 2º. Não se aplica o disposto nos arts. 479 e 480 desta Consolidação às hipóteses de extinção do contrato mencionadas neste artigo. (AC)"

Art. 2º O art. 15 da Lei nº 8.036, de 11 de maio de 1990, passa a vigorar acrescido do seguinte § 7º:

"§ 7º. Os contratos de aprendizagem terão a alíquota a que se refere o *caput* deste artigo reduzida para dois por cento." (AC)

Art. 3º São revogadas o art. 80, o § 1º do art. 405, os arts. 436 e 437 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 19 de dezembro de 2000; 179º da Independência e 112º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Francisco Dornelles

* AC = Acréscimo